



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO
DE MESQUITA FILHO**

Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus Marília
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

NATACHA KAJIMOTO

**INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE: ESTUDO SOBRE AS ASSOCIAÇÕES
JAPONESAS EM MARÍLIA**

Marília - SP
2016



NATACHA KAJIMOTO

**INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE: ESTUDO SOBRE AS ASSOCIAÇÕES
JAPONESAS EM MARÍLIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de Concentração:

Informação, Tecnologia e Conhecimento.

Linha de Pesquisa:

Gestão, Mediação e Uso da Informação.

Orientadora:

Profa. Dra. Lidia Eugenia Cavalcante.

Co-orientadora:

Profa. Dra. Marcia C. C. Pazin Vitoriano.

NATACHA KAJIMOTO

**INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE: ESTUDO SOBRE AS ASSOCIAÇÕES
JAPONESAS EM MARÍLIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lidia Eugenia Cavalcante
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho (UNESP), Marília

Prof. Dr. Paulo Eduardo Teixeira
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho (UNESP), Marília

Prof. Dr. Victor Hugo Martins Kebbe da Silva
Universidade Federal de São Carlos

Marília - SP
2016

Kajimoto, Natacha.
K13i Informação, memória e identidade: estudo sobre as associações japonesas em Marília / Natacha Kajimoto. – Marília, 2016.
140 f. ; 30 cm.

Orientador: Lidia Eugenia Cavalcante.
Co-orientador: Marcia C. C. Pazin Vitoriano.
Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2016.

Bibliografia: f. 102-104

1. Memória coletiva. 2. Imigrantes – Japão – Identidade racial. 3. História oral. 4. História social. 5. Institutos e sociedades culturais. I. Título.

CDD 025.8

Dedico este trabalho aos meus filhos Diego, Pedro e Vitória, aos meus pais Yoshihiro e Luci e ao meu esposo Alex, com todo meu carinho e admiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sua permanente proteção, sem o seu amor por mim, com certeza eu não chegaria até aqui.

Agradeço a minha orientadora Lídia Eugênia Cavalcante e minha co-orientadora Márcia Pazin, pela paciência, dedicação e contribuições que foram essenciais para a conclusão deste trabalho.

Aos membros da banca examinadora pelas contribuições e indicações que foram de grande importância para a condução deste trabalho.

Aos meus pais, Yoshihiro e Luci pelo carinho e compreensão.

Aos meus irmãos, Fernando, Fábio, Miyuki e Laécio que torceram muito para que tudo acontecesse.

Ao meu sogro Funai, sogra Maria, cunhados Anderson e Márcio e cunhadas Grasi, Clarice, Harumi e Hosana que sempre me apoiaram.

As sobrinhas Júlia e Bianca pela força sempre que eu falava que estava difícil, Cecília e Hugo pelo sorriso gostoso de criança sempre.

Aos meus filhos Diego, Pedro e Vitória pelo amor incondicional, dos sorrisos e beijos nas horas mais duras dessa jornada, por sempre entenderem que as vezes eu precisava estudar e não poderia sair com eles.

Ao meu esposo Alex pela compreensão e carinho.

Aos amigos do grupo de pesquisa Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional.

A amizade e disponibilidade de alguns amigos que porventura não estejam nomeados nestas poucas linhas, mas que estiveram presentes nestes anos e que torceram, vibraram e de toda forma enviaram forças para que pudesse realizar este trabalho.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo financiamento e credibilidade dado à pesquisa o que possibilitou sua materialização.

A AECOM e ao Nikkey Clube por terem aceito que o trabalho fosse realizado em suas dependências e a todos os seus associados que de alguma forma contribuíram para sua evolução.

Aos entrevistados pela colaboração.

Obrigada por tudo!

KAJIMOTO, N. **Informação, Memória e Identidade**: estudo sobre as associações japonesas em Marília. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2016.

RESUMO

Os primeiros japoneses chegaram a Marília em 1926 e, já em 1930, foi fundada a primeira associação japonesa nessa cidade, o Nikkey Clube de Marília. Em 1945, outra associação foi fundada, a Associação Esportiva e Cultural Okinawa de Marília (AECOM). Essas duas associações trouxeram contribuições essenciais para a disseminação da cultura japonesa e para a construção da identidade dos imigrantes em Marília e região. Nesse âmbito, esta pesquisa objetiva analisar como se deu o desenvolvimento dessas associações, em relação à cultura informacional, à memória e à identidade japonesa, uma vez que não foram identificados estudos sobre essa contribuição para a referida comunidade e para os brasileiros que vivem em Marília. Portanto, estuda-se o papel dessas associações na construção da identidade e da cultura japonesa em Marília, a partir dos relatos e da memória de seus participantes e dos documentos que constituem seus acervos. A pesquisa contempla uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, usando como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica e História Oral, além do estudo dos documentos que fazem parte do acervo histórico do Nikkey Clube de Marília e da Associação Esportiva e Cultural Okinawa de Marília (AECOM), que constituem o universo de pesquisa deste trabalho. Como resultado, apresentamos as motivações identificadas durante a pesquisa para a criação e manutenção das referidas associações no que se refere a cultura informacional que se desenvolveu a partir do relacionamento de imigrantes, seus descendentes e a comunidade local.

Palavras-chave: Informação, memória e identidade. Imigração japonesa. Cultura informacional. História oral. História de vida.

KAJIMOTO, N. **Information, Memory and Identity**: study on japanese associations in Marilia. 2016. Dissertation (Master's Degree in Information Science) – São Paulo State University "Julio de Mesquita Filho", Marília, 2016.

ABSTRACT

The first Japanese arrived in Marília in 1926, and already in 1930, was founded the first Japanese association in this city, the Nikkei club Marília. In 1945, another association was founded, the Sports and Cultural Association Okinawa Marília (AECOM). These two associations brought essential contributions to the spread of Japanese culture and the construction of identity of immigrants in Marília and region. In this context, this research aims to analyze how has the development of these associations, in relation to the information culture, memory and the Japanese identity, since they were not identified studies on this contribution to that community and to Brazilians living in Marília. Therefore, studying the role of these associations in the construction of identity and Japanese culture in Marília, from the reports and the memory of its participants and the documents that make up their collections. The research includes a qualitative approach, exploratory, using as methodological procedures to literature and oral history and the study of the documents that are part of the historical collection of the Nikkei club Marília and Sports Association and Cultural Okinawa Marília (AECOM) which constitute the universe for this work. As a result, we present the motivations identified during the research for the creation and maintenance of the association regarding the information culture that developed from immigrants relationship, their descendants and the local community.

Keywords: Information, memory and identity. Japanese immigration. Information culture. Oral history. Life story.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cartaz japonês incentivando a imigração para o Brasil	38
Figura 2 – Família japonesa trabalhando no café	39
Figura 3 - Membros do Movimento <i>Shindo Renmei</i> . Capa do livro <i>Corações Sujos</i>	48
Figura 4 – Logo Nikkey Clube de Marília.....	56
Figura 5 - Dança típica de Okinawa	59
Figura 6 - Dança do Leão.....	60
Figura 7 - Família Shimabukuro, primeiros imigrantes okinawanos de Marília	60
Figura 8 - Primeiras reuniões de Okinawanos, Chácara Nishihara.....	61
Figura 9 - Undo kai Fazenda Cascata	62
Figura 10 - Undo kai Estádio Fragata.....	63
Figura 11 - Primeira aula de taikô realizada na AECOM 2006.....	64
Figura 12 - Primeira aula de taikô na AECOM 2006	64
Figura 13 - Placa da entrada da sede da AECOM.....	76

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 IDENTIDADE E MEMÓRIA.....	16
2.1 CULTURA, IDENTIDADE E MEMÓRIA	23
2.2 HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA DE VIDA	31
3 NIHONJIN-KAI - AS ASSOCIAÇÕES EM MARÍLIA – SÃO PAULO	37
3.1 A SHINDO RENMEI.....	45
3.2 ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPORTIVA NIKKEY DE MARÍLIA.....	51
3.3 ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA E CULTURAL OKINAWA DE MARÍLIA	56
3.4 INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E DOCUMENTO: OS ACERVOS DAS ASSOCIAÇÕES	65
4 AS MARCAS DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE NA VOZ DOS DEPOENTES... 72	
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICE	105
Apêndice A – RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS.....	106
Apêndice B – ROTEIROS PARA ENTREVISTAS	107
Apêndice C – MODELO DE CESSÃO DE DIREITO SOBRE DEPOIMENTO ORAL	109
Apêndice D – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	110

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é de certa forma, a continuidade do trabalho desenvolvido na graduação, que teve apoio da FAPESP, com o título “Gestão do conhecimento aplicada a constituição da memória do movimento Shindo Renmei” (KAJIMOTO, N. 2013). Nela, estudou-se uma parte da imigração japonesa para a região Oeste do Estado de São Paulo, no período da Segunda Guerra Mundial, quando membros do movimento Shindo Renmei aterrorizaram as colônias japonesas em Marília e região.

Na pesquisa atual, estuda-se como a imigração japonesa para Marília e região e a criação das associações de imigrantes influenciaram na formação de uma identidade a partir da memória e da cultura informacional por elas instituídas.

A justificativa em desenvolver este estudo se dá pelo fato de que a região de Marília foi uma importante rota para a imigração japonesa por causa das fazendas de café, e pelas matas que existiam para serem desbravadas. Foi, ainda, uma das que mais recebeu imigrantes japoneses naquela época. Também, há o fato de, até o momento, não haver conhecimento sobre como esses imigrantes agiram para fazer com que a identidade e a cultura japonesa não se perdessem, mesmo estando tão longe da terra natal. Outro fato motivador para esta pesquisa está relacionado à descendência japonesa da pesquisadora, que se constitui elemento considerável tendo em vista as nossas relações identitárias com a cultura e a memória desses descendentes.

A partir dos pontos anteriormente destacados, esta pesquisa busca estudar e analisar o papel das associações japonesas na construção da memória, identidade e cultura dos imigrantes japoneses em Marília e, ainda, verificar como se dá o processo de transição e mediação da informação nas relações comunicacionais entre os imigrantes que vivem nessa região, a partir das associações estudadas.

Para melhor compreensão de como surgiram as associações japonesas em Marília traçou-se, a seguir, um percurso cronológico de suas origens.

Os primeiros imigrantes japoneses chegaram a Marília em 1926. E, já em agosto de 1930, fundaram uma associação na cidade, mas a mesma só foi registrada em 1935, com o nome de Associação Japonesa de Instrução de Marília, primeira denominação do Nikkey Clube de Marília. A referida Associação funcionou durante dez anos ininterruptamente quando teve suas atividades paralisadas, em virtude da

proibição das reuniões de grupo que ocorriam em sua sede, consequência de determinações estratégicas dos países aliados que participavam da Segunda Guerra Mundial.

Em agosto de 1945, com o término da Segunda Guerra Mundial, foram retomadas as atividades associativas e, assim, nasce a Associação Nipo-Brasileira de Marília, que foi o berço do Nikkey Clube. O Nikkey Clube de Marília foi fundado em 01 de dezembro de 1991, a partir da realização de uma Assembléia Geral Extraordinária das seguintes entidades: Associação Cultural Nipo-Brasileira de Marília, Esporte Clube Mariliense e Sociedade Esportiva e Cultural de Marília. A partir da fusão dessas três entidades surge a atual Associação Cultural e Esportiva Nikkey de Marília, também denominada Nikkey Clube de Marília. O mais tradicional evento realizado por essa Associação é o *Japan Fest* (Festival do Japão), uma programação anual criada para manter a cultura japonesa na região, fazendo com que as novas gerações não percam as suas raízes. Esse evento teve início em 11 de abril de 2003.

No ano de 1930 foi fundada a *Okinawa Kyokai de Marília* com a finalidade de reunir as famílias okinawanas da cidade. Tratava-se de um espaço, em Marília, para reunir os imigrantes conhecidos como okinawanos, provenientes da região de Okinawa, uma ilha localizada ao sul do Japão. Essa associação só foi registrada após a guerra, em 05 de abril de 1952.

É válido afirmar que todo povo tem seus próprios valores. Os indivíduos têm ambições diferentes e seguem seus impulsos para alcançar a felicidade e objetivos. Em todas as culturas encontram-se instituições diferentes, onde as pessoas buscam seus interesses e os costumes com os quais se identifiquem, e por esse motivo, estudar essas instituições e sua cultura é importante para conhecer melhor o meio pesquisado e compreender a importância que essas ações têm para o desenvolvimento da sociedade em que estão inseridos.

Diante disso, o **objetivo geral** deste estudo é investigar e analisar o papel das associações japonesas na construção da memória, identidade e cultura japonesa em Marília, para compreender como se dá o processo de apropriação e mediação da cultura e das práticas informacionais desenvolvidas pelos imigrantes japoneses que vivem nessa região a partir das associações estudadas.

Como **objetivos específicos** têm-se:

- a) Identificar e analisar na literatura da área da Ciência da Informação e áreas afins os conceitos, definições e abordagens teóricas acerca dessa temática de pesquisa, especialmente em relação à memória, identidade e informação;
- b) Realizar pesquisa documental sobre as associações japonesas existentes em Marília;
- c) Analisar os documentos localizados e relevantes, gerados por essas associações e que fazem parte de seus acervos;
- d) Realizar pesquisa sobre a imigração japonesa em Marília, a partir dos relatos dos membros das associações estudadas, utilizando a metodologia de história oral para a coleta de entrevistas.

Espera-se, com esta pesquisa, compreender o papel das associações japonesas em Marília e o que elas representam na construção da identidade e da cultura dos imigrantes. Além disso, pretende-se contribuir, também, com os estudos desenvolvidos na Linha de Pesquisa Gestão, Mediação e Uso da Informação, da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), na produção do conhecimento e das pesquisas em Ciência da Informação no Brasil, de modo interdisciplinar com a pesquisa histórica.

Para que uma história não se perca, a pesquisa acadêmica e a ciência são uma realidade que podem ser legadas às futuras gerações, a partir, por exemplo, da possibilidade de se contar uma história, que é fruto das vivências, da memória e das experiências dos indivíduos. Para Cervo e Bervian (2002, p. 5), “os elementos que constituem boa parte da ciência e que são a parte transitória e efêmera, como certas hipóteses e teorias, perdem-se no tempo, conservando, quando muito, interesse histórico”. Dessa forma, sobretudo nas Ciências Sociais Aplicadas e Humanas, os estudos históricos se tornam fundamentais, tendo em vista que podem contribuir metodologicamente para a construção de memórias e identidade.

A partir dessas reflexões, com o intuito de obter conhecimentos seguros sobre um dado momento da história e para que essa não fique perdida, recorreremos a combinação de métodos e técnicas de pesquisa, aceitos pela comunidade científica da área, de forma que os resultados obtidos sejam válidos cientificamente.

A **metodologia** utilizada na pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória. Uma pesquisa de abordagem qualitativa possibilita a aquisição de dados e informações mais consistentes, pois permite a observação, a análise e a explicação mais aprofundada diante do objeto pesquisado.

Num primeiro momento deste estudo, foi realizada pesquisa de caráter bibliográfico sobre os principais conceitos relacionados com a temática aqui pesquisada, como Memória, Identidade, História Oral e História de Vida. Com o conhecimento obtido a partir das leituras realizadas, foi possível elaborar um aporte teórico para melhor compreender os entremeios da pesquisa histórica e do uso da memória para a construção de fatos importantes como a imigração japonesa para o Brasil.

Cervo e Berviam (2002, p. 65) afirmam que “a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos”. Dessa forma, busca-se em materiais já existentes fatos que possam contribuir para o problema pesquisado.

Para a efetivação da pesquisa de campo, realizou-se, inicialmente, uma pesquisa histórica e documental sobre a imigração japonesa para o Brasil e, ainda, as ações que levaram à criação das associações em Marília.

Entendemos que os documentos se constituem em uma fonte rica e poderosa de informação, cujos conteúdos oferecem evidências que fundamentam afirmações e declarações necessárias ao estudo de nosso objeto de pesquisa. Nessa perspectiva, realizamos estudos nos acervos das associações japonesas pesquisadas, onde se encontra armazenada fontes documentais como atas, estatutos, imagens etc. Além disso, apuramos que parte desses importantes documentos está sob o poder de alguns imigrantes e fundadores das associações e seus descendentes, os quais contactamos para também acessarmos esse material.

As abordagens metodológicas recaem no uso da História Oral, que nos permite conhecer histórias de vida e de eventos marcantes para a memória e identidade japonesa, mediante a realização de entrevistas com imigrantes e seus descendentes. Utilizamos, portanto, como método a História Oral que, de acordo com Alberti (2005), trata-se de um método de pesquisa de caráter histórico, antropológico e sociológico, que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos importantes para auxiliar o

pesquisador a compor o seu olhar sobre o objeto de estudo. Lozano (2002, p. 14), ressalta que “abordar o fenômeno da oralidade é ver-se defronte e aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos.” A entrevista é uma técnica de coleta de dados que pode ser bastante eficaz na obtenção de informações sobre o que as pessoas sabem e podem contar sobre o passado. Para Meihy (2002, p. 13), a História Oral pode ser definida como “Um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva”.

Os entrevistados foram escolhidos após levantamento e estudo sobre os membros de cada associação japonesa pesquisada. Para as entrevistas, elaboramos um questionário, com questões prévias, para três gerações de imigrantes: idosos, pessoas de meia-idade e jovens, levando em consideração o tempo que cada um fez e faz parte da associação e a participação deles para a construção e manutenção da identidade e cultura japonesa em Marília. O questionário preliminar está apresentado ao final do projeto (Apêndice B).

A pesquisa histórica se deu por meio de estudo dos documentos que fazem parte do acervo histórico do Nikkey Clube de Marília e da Associação Esportiva e Cultural Okinawa de Marília (AECOM), que constituem o universo de pesquisa deste trabalho.

Dentre os principais documentos selecionados e que foram analisados estão as atas e fotos de diferentes períodos das associações. Como período cronológico desta pesquisa, definimos a partir da chegada dos primeiros imigrantes japoneses em Marília em 1926, assim como a fundação de suas associações no ano de 1930, com destaque especial aos acontecimentos referentes ao período da Segunda Guerra Mundial e a sua influência nessas entidades. O estudo encerra-se no momento presente, ao destacarmos o papel das associações japonesas para a sociedade mariliense e o quanto ela significa referência para japoneses e brasileiros que habitam essa região.

Ao estudarmos o perfil das pessoas entrevistadas, elaboramos um roteiro estruturado de perguntas, baseado em questionamentos oriundos dos estudos realizados. Diante disto, foram propostos 18 (dezoito) entrevistados. 9 (nove) depoentes de cada uma das associações estudadas, distribuídos da seguinte forma:

três pessoas acima de 60 anos, três pessoas entre 30 e 50 anos e três pessoas de 18 a 30 anos. Preferencialmente indivíduos que tivessem algum tipo de ligação com as associações ou vivido épocas distintas e atuaram nas mesmas. Para a pesquisa, a princípio, propusemos entrevistar jovens entre 20 e 35 anos, adultos de meia-idade entre 35 a 60 anos e idosos com mais de 60 anos. Percebeu-se que na Associação Nikkey Clube os mais ativos são os de meia-idade, os idosos já estão deixando que eles assumam cargos e dêem continuidade ao que foi feito até então. Foram entrevistados somente dois idosos pelo fato de que muitos têm receio de falar e dar alguma informação errada. Os jovens não são assíduos e, portanto, não foi possível nenhuma entrevista. Dentro da faixa etária escolhida só encontramos dois, e esses não quiseram falar. Na Associação Okinawa foram entrevistados três idosos, três adultos de meia-idade e três jovens, porém a entrevista de um dos jovens não foi relevante para este estudo.

Desse modo, esta investigação se dá de forma qualitativa e exploratória para estudar a memória e a identidade japonesa em Marília, Estado de São Paulo. Assim, o universo de pesquisa compreende as comunidades japonesas dessa cidade, mais especificamente aquelas vinculadas a Associação Nikey Clube de Marília e a Associação Okinawa, ambas fundadas na primeira metade do século XX.

Além disso, se vale também do estudo de fontes documentais, que fazem parte dos acervos das duas ações associações ou de famílias japonesas, pois acredita-se tratar-se de fontes de pesquisa indispensáveis para qualquer estudo.

Além da introdução, o trabalho está estruturado em três capítulos. O segundo capítulo, *'Identidade e Memória'*, apresenta um marco teórico para a pesquisa, com abordagens conceituais, definições e reflexões sobre identidade, memória, cultura e história oral, especialmente sob o olhar de estudiosos consagrados que se debruçam sobre essa temática. Ainda acerca da memória, traz a trajetória da vinda dos japoneses para São Paulo, bem como suas motivações, a partir dos problemas enfrentados no Japão.

O terceiro capítulo *'A Imigração Japonesa e suas Associações em Marília'* discorre mais detalhadamente como ocorreu a imigração japonesa para o Brasil, a partir das dificuldades vivenciadas, como discriminação e preconceito, e da luta desses imigrantes ao enfrentarem os problemas e manterem forte a cultura e a identidade trazidas com eles. Apresenta, também, como ocorreu na região de Marília

o surgimento das associações japonesas, a documentação que cada uma delas possui e como a memória documental é por eles preservada.

O quarto capítulo '*As marcas da memória e da identidade na voz dos depoentes*', apresenta uma análise das entrevistas realizadas com os membros das associações pesquisadas, demonstrando a influência na preservação da memória e na construção da identidade coletiva.

A história da imigração japonesa para o Brasil, portanto, também está inserida na constituição de acervos bibliográficos e documentais, e apresenta um conjunto de fatos importantes para serem compartilhados e disseminados na história do país. Para tanto, é importante sistematizar dados, informações e conhecimentos, de forma a ampliar essa interação histórica, cultural e social, por meio da preservação e acesso a esses acervos.

Os '*Procedimentos Metodológicos*' estão apresentados no quarto capítulo, no qual são discutidas as fases do estudo, os métodos de pesquisa escolhidos, o universo de pesquisa, os sujeitos pesquisados e os instrumentos aplicados na pesquisa de campo. Finalizando, apresentaremos a análise e discussão do que foi obtido nas entrevistas realizadas com os membros das associações estudadas.

2 IDENTIDADE E MEMÓRIA

Neste capítulo, discutiremos os conceitos de memória e identidade e suas diferentes abordagens, a partir dos autores estudados, de modo a compreender as relações existentes com a temática aqui pesquisada. Ao enfocarmos esses conceitos, analisaremos, também, as suas dimensões individuais e coletivas na complexa construção de uma possível “cultura japonesa” como representação no passado e que, no presente, se manifesta fortemente nos costumes, valores e nos modos de vida desse povo.

Para recompor a memória e a identidade, muitas vezes, nos utilizamos da memória dos outros, de modo que os acontecimentos que foram esquecidos por nós sejam retomados e nos façam lembrar fatos importantes do passado. O que outros indivíduos lembram, pode ajudar a reconstituir um tempo que foi esquecido com o passar dos anos.

Halbwachs (1990, p. 53) salienta que,

Não estamos ainda habituados a falar da memória de um grupo, mesmo por metáfora. Parece que tal faculdade não possa existir e durar a não ser na medida em que está ligada a um corpo ou a um cérebro individual. Admitamos, todavia que haja, para as lembranças, duas maneiras de se organizar e que possam ora se agrupar em torno de uma pessoa definida, que as considere do seu ponto de vista, ora distribuir-se no interior de uma sociedade grande ou pequena, de que elas são tantas outras imagens parciais. Haveria então memórias individuais e, se quisermos, memórias coletivas. Em outros termos, o indivíduo participaria de duas espécies de memória.

Devemos lembrar, porém, que toda memória é seletiva, ou seja, às vezes os indivíduos, por algum motivo, fazem questão de esquecer ou lembrar de fatos ocorridos. Ressaltamos, ainda, que existe a memória coletiva e a memória individual, e que uma se beneficia da outra.

Mas, afinal, quais são os elementos que constroem a memória individual e a memória coletiva? Na memória individual, são aqueles fatos que foram vividos pessoalmente, o que aconteceu a nós mesmos, quem somos, e o que nos afeta como indivíduos e constrói nossa identidade. Já a memória coletiva, destaca-se por aqueles fatos que podem não terem sido vividos diretamente pelos indivíduos e sim herdados pelo grupo ou comunidade da qual ele faz parte. Às vezes, o indivíduo

nem participou de tal evento por não ter ocorrido na época em que ele viveu, mas de tanto ouvir contar sobre tal acontecimento e ganhar legitimidade no grupo, ele já não é mais capaz de saber se participou ou não (POLLAK, 1992).

Para Halbwachs (1990), a memória individual não está inteiramente isolada e fechada aos demais acontecimentos. Uma pessoa, para evocar seu próprio passado tem, frequentemente, necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros.

Como afirma Pollak (1992, p. 202),

[...] critérios como *acontecimentos, personagens e lugares*, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas, pode se tratar também da projeção de outros eventos.

Desta forma, a memória individual ou coletiva, ao ser organizada, pode evidenciar projeção, transferência ou desinformação, de acordo com a importância do momento vivido por cada indivíduo ou pelo grupo. Como vimos em Hobsbawn (1997, p. 9), muitas vezes, as memórias de algumas “tradições” que parecem ou são consideradas antigas mostram-se bastante recentes, quando analisadas detalhadamente.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSEBAWN, 1997, p. 9).

Como nem todas as tradições são duradouras, muitas até são esquecidas, devemos nos atentar sempre em como surgem ou se estabelecem, e, para tanto, temos que recorrer à memória coletiva para podermos entendê-las. Como a memória coletiva é mais organizada, pelo fato de ser a memória de um povo ou comunidade específica, muitas vezes, constitui acervos organizados, guardados em instituições de memória e disponibilizados para consulta. Ainda em Hobsbawn (1997, p. 9), destacamos que,

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas,

construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez.

Porém, sabemos que esse passado histórico, no qual a nova tradição será inserida, não precisa ser um passado distante ou relevante. Mas, com base nele, a tradição inventada estabelece uma ligação bastante artificial, onde ela reage a situações novas ou fazem referências a situações que já existiam, dando um contraste às mudanças, numa tentativa de estruturar de uma maneira que a vida social não mude em alguns aspectos que julgam importantes.

Consideremos que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição (HOBBSAWN, 1997).

Podemos dizer, então, que as tradições são inventadas quando há uma mudança social que afeta a antiga tradição, fazendo com que esta perca grande parte da sua capacidade de adaptação e flexibilidade. Quando isso ocorre, geralmente são feitas adaptações para preservar os antigos costumes em condições novas. Porém, se pesquisarmos nas memórias do passado de qualquer tradição, sempre encontraremos uma semelhança com a presente.

Essa “nova” tradição passa a fazer parte então da memória do grupo como um novo elemento.

Podemos, portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204).

Podemos afirmar, ainda, que a identidade é construída em referência aos outros, para que haja uma aceitação e credibilidade, e isso só será possível a partir da negociação direta com o interlocutor ou interlocutores. Mas, a memória e a identidade são geralmente negociadas e podem ser compreendidas como sendo essência de um grupo ou um indivíduo.

Segundo Pollak (1992, p. 204), “[...] é perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou identificação com um determinado passado tão forte que podemos falar de uma memória quase herdada”. Existem acontecimentos que marcam muito uma

região ou um grupo, fazendo com que essa memória seja transmitida ao longo dos anos, de geração a geração.

Ainda em Pollak (1992), podemos ver que a memória não é constituída somente por meio de acontecimentos, ela é principalmente composta por *peessoas*, *personagens*. Estes seriam os protagonistas dessas memórias, vivenciadas ou herdadas. Personagens nem sempre conhecidos pelos indivíduos, e que podem nem fazer parte do tempo que está sendo vivido, mas passam a estarem presentes na história e na memória do grupo.

Outro ponto comum na memória coletiva são os lugares de memória (NORA, 1993) ligados à vida do indivíduo em coletividade, que traz lembranças pessoal e comunitária, e estão relacionados a espaços e acontecimentos vividos em grupos podendo ou não ter um tempo cronológico determinado. É o caso de fatos que marcaram muito a vida de um indivíduo e que, por esse motivo, ficaram guardados em sua memória, mesmo não se lembrando da data exata em que ocorreu. Há, também, lugares distantes que não fazem parte diretamente da vida de uma pessoa, mas podem tornar-se parte importante da memória de um grupo, ou para o próprio indivíduo, seja por ter herdado ou por pertencimento, como o caso dos japoneses e seus descendentes que vivem no Brasil.

No Brasil, a história dos imigrantes japoneses teve seu início na última década do Século XIX, quando ocorreram as primeiras relações entre os dois países. Nessa época, o Japão buscava resolver questões nacionais relacionadas a modernização, que teve início com a chamada Restauração Meiji (1868-1912), colocando um fim ao longo período de reclusão da Era Tokugawa.

No período da hegemonia Tokugawa (1600-1867), anterior à Era Meiji, se concluiu o processo de unificação do Japão, sob um poder central. Essa unificação só foi possível depois de anos de lutas, até que a autoridade e a ordem do xogunato fossem finalmente estabelecidas. O xogunato é também chamado de governo dos generais, onde o xogum é visto como o chefe militar, que não substitui a posição do imperador, porém, de fato é quem detém o poder político.

Com o Japão organizado hierarquicamente e fechado às relações exteriores, houve um desenvolvimento sem as influências ocidentais. Optando-se pelo isolamento, o Japão começou a se desenvolver em ritmo singular, se comparado aos países do ocidente. Juntamente com a agricultura, dentro de alguns feudos,

aconteceu o desenvolvimento da manufatura que alimentou o comércio interno e aumentou a produtividade agrícola. Por conseguinte, produzindo mais, a população crescia 1% ao ano, onde começou uma desproporção entre quantidade de habitantes e terras disponíveis, tornando assim as cidades, que antes eram vilarejos, em grandes centros, e o desenvolvimento do comércio levou à superação do sistema feudal japonês, tendo como consequências a perda do valor das antigas regras até então estabelecidas, contribuindo também para que o xogunato chegasse ao fim e dando início a restauração do poder imperial.

De acordo com Sakurai (2000), embora para a história oficial o fim do feudalismo japonês se deu com a chegada dos ocidentais, foi dentro do próprio modelo que chegou ao fim o xogunato. Assim, a partir desse momento, a população também passa a pedir que a hegemonia Tokugawa se acabe e que os imperiais retomem o poder no Japão, o que tem como resultado a volta do imperador e ele se torna o governante, aquele que detém todo o poder político.

Em 1868, o Estado volta ao poder e inicia-se a Era Meiji. A Restauração Meiji foi o retorno do poder aos imperiais e a introdução do país na realidade mundial. Para que isso se tornasse possível, o Japão precisava adequar-se às exigências externas para ganhar força junto ao capitalismo e ao cenário político-externo.

Para dar consistência às reformas econômicas o governo passou a apoiar a iniciativa privada e investiu em infraestrutura como melhoria no sistema de transportes, comunicação e consolidação de um sistema bancário. Os antigos feudos tornam-se prefeituras administradas por funcionários do governo e os camponeses passaram a pagar impostos em dinheiro ao império. A indústria apoiou-se no desenvolvimento da tecelagem e processamento de alimentos e bebidas. (NAKAMURA, 2013, p. 24).

Vale ressaltar que, com tudo isso, a indústria japonesa soube aproveitar os benefícios da tecnologia que o ocidente lhe trazia para incorporar, adaptar e melhorar o seu desempenho e, assim, desenvolver seus próprios maquinários. Os camponeses, porém, estavam descontentes pelo fato de que os impostos passaram a ser pagos em dinheiro, e com o começo da importação do arroz coreano e taiwanês, que causou a queda no preço dos produtos agrícolas levando-os a miséria, e também o adensamento demográfico, fazendo com que fossem obrigados a migrarem internamente.

Segundo Sakurai e Coelho (2008), o Japão buscava adquirir um rápido posicionamento entre as novas potências mundiais e, para tanto, várias transformações foram promovidas na política e na economia, tais como a inauguração de um governo constitucional, além da implantação de reformas de base, como no âmbito da educação que promoveu a alfabetização em massa da população, ou como no âmbito da economia que iniciou a tributação de bens produzidos no campo, trazendo a monetarização para regiões que ainda utilizavam o escambo.

Desse modo, vários proprietários se endividaram e foram obrigados a deixar suas terras e a migrarem para os centros urbanos. Esse fato gerou o aumento da população nas cidades que, por sua vez, em um país com pouca área cultivada, gerou a escassez de alimentos. Assim, muitos japoneses buscaram regiões além-mar, como o Havaí e a costa oeste dos Estados Unidos, visando fugir dessa situação.

Segundo Nakamura (2013, p. 26),

Quando deixaram o Japão rumo as Américas os primeiros destinos dos emigrantes japoneses foram as ilhas do arquipélago do Hawaii, em 1871 após assinatura do Tratado de Amizade, onde se inseriram no corte de cana-de-açúcar. Logo em seguida rumaram para a costa oeste dos Estados Unidos e para o Canadá enfrentando preconceito e desconfiança que em 1907 levaram os norte-americanos a vetarem novas entradas de japoneses e a proibirem a compra de terras e a naturalização destes imigrantes em solo americano. Em 1908 é assinado o *Gentlemen's Agreement* ou Acordo de Cavalheiros estabelecendo que o governo japonês proibia a saída de seus trabalhadores para os Estados Unidos e não o contrário tornando a proibição americana menos explícita.

O Peru foi o primeiro país da América Latina a manter relações diplomáticas com o Japão, sendo os japoneses contratados para a lavoura de cana-de-açúcar e algodão. Em 1899, porém, passam a ser hostilizados assim como nos Estados Unidos e acabando, também, em 1936, com a proibição da vinda de novos imigrantes para aquele país.

Com o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, firmado em 5 de novembro de 1895, entre o Japão e o Brasil, os dois países passam a estabelecer relações diplomáticas e, assim, começa a se pensar nas possibilidades da vinda de japoneses para terras brasileiras.

Oficialmente, em 18 de junho de 1908, chegam ao Porto de Santos os primeiros imigrantes japoneses a bordo do navio *Kasato-Maru*, primeira embarcação a trazer trabalhadores japoneses ao Brasil. Estes, como era de se esperar, chegaram trazendo valores e costumes de sua cultura. Para eles, seria por pouco tempo que ficariam no país, somente o tempo de adquirirem riquezas e voltarem ao Japão.

A imigração aconteceu como uma solução que o governo japonês encontrou para conter o problema demográfico que o Japão apresentava e que já estava começando a dar sinais de superpopulação. Com a aceleração no desenvolvimento industrial, o país começava a sofrer uma queda na sua produção agrícola.

Um dos fatores que diferenciavam a imigração para o Brasil era o de que se aceitavam somente famílias com presença de adultos, crianças e idosos, de ambos os sexos. Porém, cada família tinha que ter pelo menos três pessoas aptas ao trabalho, para tanto, como explica Handa (1987), a maior parte dos imigrantes se agrupava apenas *proforma* naquilo que se chamou de “família composta”, somente para a finalidade de obterem autorização para imigrar.

Viera (1973), resalta que, nas fazendas, as casas eram dispostas como em colônias e, para cada família, era destinada normalmente uma residência com quatro cômodos, ligados internamente por passagens sem portas, e em cada cômodo, havia uma janela de madeira. Geralmente, o primeiro cômodo servia como sala de visitas e jantar e os outros como quarto de dormir, onde dormia a família toda. Como nessa época a maioria das famílias era composta por parentes e amigos, podemos supor que seus integrantes tenham separado seus quartos.

Em Vieira (1973, p. 166), vimos que a imigração japonesa para Marília tem seu início em 1926. Em 1930, um ano após a instalação do município de Marília, foram ali localizadas 273 famílias japonesas, das quais 37 famílias (13,55%) habitavam na zona urbana e 236 (86,45%) na zona rural, número que aumentara gradativamente até atingir, em 1941, um total de 2.882 famílias. Dessas, 600 famílias, (20,82%) viviam na zona urbana e 2.282 (79,18%) na zona rural.

Pelos fatos narrados acima, percebe-se que, antes mesmo da emancipação da cidade, já havia imigrantes japoneses trabalhando na região de Marília, como será abordado mais detalhadamente no terceiro capítulo.

2.1 CULTURA, IDENTIDADE E MEMÓRIA

Para Silveira (2010, p. 68) “A partir da década de 1960, conceitos como memória, *discurso identitário* e *identidade social* (seja esta individual ou coletiva) se tornaram aportes indispensáveis para explicar as relações humanas na contemporaneidade”. Desse modo, podemos perceber que a identidade se cria, não apenas de um “eu” verdadeiro e único, mas sim de diálogos sobre os conceitos, definições e práticas entre os sujeitos, que acabam sendo representadas por cada um, pela cultura e pelo desejo de construir significados e de assumir uma posição constituída e defendida por nós e para nós.

Para tanto, é necessário saber distinguir que a identidade é constituída por aquilo que tem significados para os próprios indivíduos, ou seja, que é originada deles, e construída pelo processo de individualização dos sujeitos. Algumas identidades, porém, podem ser formadas por meio de uma instituição dominante, que são aquelas instituições que só vão assumir qualquer condição quando e se os atores sociais internalizarem a sua vivência, o que vai resultar na construção do seu significado, com base nessa internalização, e que os papéis sociais, ou seja, os papéis que cada indivíduo assume na sociedade influenciam o comportamento das pessoas dependendo do que elas vão vivenciar em um determinado momento.

Sobre isso, Castells (1999, p. 22) destaca o que para ele vai significar o conceito de identidade:

No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de identidade com base em atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social.

Em um grupo, por exemplo, cada indivíduo é eleito para representar um papel social que deverá desempenhar. Há aqueles que são designados, ou mesmo legitimados, para contarem as histórias da coletividade e passam a ocupar espaços privilegiados, representativos e simbólicos da memória do grupo.

Contudo, identidades são fontes mais importantes de significado do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individuação que envolvem. Em termos mais genéricos, pode-se dizer que

identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções. (CASTELLS, 1999, p. 23).

Diante do exposto, podemos constatar que identidade é uma fonte de significado e experiência que um indivíduo/grupo/sociedade tem.

Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida... O autoconhecimento – invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta – nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros. (CALHOUN, 1994 *apud* CASTELLS, 1999, p. 22).

Podemos, então, afirmar que, nós nos identificamos com os nossos pares por meio da cultura e, de acordo com a cultura na qual o indivíduo está inserido, ele irá construir uma identidade. A cultura define a identidade de um povo, e a identidade é a identificação desse povo em relação aos demais e também a identificação deles com sua própria cultura. Os pontos de identificação, dentro de cada cultura, diferenciam os que pertencem a esta ou aquela cultura.

À medida que nossos sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

Hall (2006), afirma que nossas identidades são formadas culturalmente. Segundo esse autor,

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginado” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (HALL, 2006, p. 38).

É possível afirmar, portanto, que identidade e cultura formam um sistema de retroalimentação, onde o sujeito, individual ou coletivo, está no centro e é formado pelo meio social do qual faz parte. Ao mesmo tempo, esse sujeito necessita dos outros indivíduos para manter seu caráter social e trabalha para a manutenção da sociedade na qual está inserido. Para tanto, utiliza-se das lembranças do passado

que os indivíduos carregam na memória e que são repassadas para a construção da identidade e com o intuito de manter viva a história do grupo.

Nossa identidade (ou “identidades”, termo mais apropriado para indicar a natureza multifacetada e contraditória da subjetividade) é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e com nossa própria vivência. Construímos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos - como histórias secretas ou fantasias – ou para outras pessoas, no convívio social. (THOMSON, 1997, p. 57).

Mas, a identidade construída também pode interferir em nossas memórias. Muitas vezes o que pensamos e queremos muito, está diretamente relacionado ou influenciado com o que já foi dito que aconteceu com um grupo de indivíduos ligados ao nosso passado.

Para que se possa falar de memória, é necessário que as partes do período sobre o qual ela se estende sejam diferenciadas segundo um critério. Cada um desses grupos tem uma história. Neles distinguimos imagens e acontecimentos. Mas o que nos chama a atenção, é que, na memória, as similitudes passam entretanto para o segundo plano. O grupo, no momento em que considera seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo. (HALBWACHS, 1990, p. 87).

A memória permite que o indivíduo tenha uma identidade, e, através do que nela está alojado, descobrimos o passado de nossos ancestrais e encontramos nosso lugar na sociedade.

Como Zilberman (2006, p. 117) afirma,

Memória constitui, por definição, uma faculdade humana, encarregada de reter conhecimentos adquiridos previamente. Seu objeto é um “antes” experimentado pelo indivíduo, que o armazena em algum lugar do cérebro, recorrendo a ele quando necessário. Esse objeto pode ter valor sentimental, intelectual ou profissional, de modo que a memória pode remeter a uma lembrança ou recordação; mas não se limita a isso, porque compete àquela faculdade o acúmulo de um determinado saber, a que se recorre quando necessário.

A memória vivida, seja individual - aquela que o indivíduo carrega com ele – ou a coletiva – aquela que é fruto das vivências de um grupo de indivíduos ou herdada de outros indivíduos ao longo dos tempos - é indissociável da organização da vida de um indivíduo. Na memória herdada, percebemos que há uma ligação

entre memória e o sentimento de identidade e de pertencimento. O sentimento que tem sentido de imagem, uma imagem que o indivíduo adquire ao longo da sua vida e apresenta aos outros. Nessa construção identitária, o indivíduo é levado pelo sentimento de pertença a um determinado grupo.

Porém, como afirma Halbwachs (1990, p. 78), “para que a memória dos outros venha reforçar e completar a nossa, é preciso também, que as lembranças desses grupos não estejam absolutamente sem relação com os eventos que constituem o nosso passado”.

O indivíduo faz uso de sua memória individual em um grupo quando esta for útil para que os acontecimentos vividos sejam lembrados no contexto em que todos se interessam pelo fato ocorrido. A memória coletiva está ligada à memória individual, porém uma não se confunde com a outra. A memória coletiva evolui de acordo com o grupo, e, as lembranças individuais dos envolvidos neste grupo passam a fazer parte dela, e nessa transição elas mudam, pois passam a não fazerem mais parte de uma lembrança pessoal e se tornam uma lembrança coletiva do grupo ao qual se esta inserido.

Le Goff (1992, p. 426), relata que “[...] as ligações entre as diferentes formas de memória podem, aliás, apresentar caracteres não-metafóricos, mas reais”. Dessa forma, os fenômenos da memória são resultados de sistemas de organizações que só existem se são mantidos ou reconstituídos com base em uma semelhança. Ela, se bem revelada, pode evidenciar o passado, usá-la no presente e no futuro contando fatos relevantes, fazendo com que a memória coletiva ou individual possa ser o elemento essencial para a construção da identidade de um povo que vive sob a influência da tradição a qual está inserido.

Para Le Goff (1992, p. 438), “a memória é o antídoto para o esquecimento, uma fonte de imortalidade”. Os acontecimentos considerados importantes, vividos pelos indivíduos, que se perpetuam em sua memória, contribuem para que seus laços com o passado não se percam totalmente.

Sabemos que toda memória é seletiva, e por esse fato, devemos fazer com que a memória coletiva e a memória individual se utilizem uma da outra, de modo que a memória de um indivíduo se beneficie da memória dos outros. Para tanto, o indivíduo não pode deixar de concordar com suas próprias memórias e, para isso, elas precisam ter também pontos de contato com as memórias dos outros. Assim, as

lembranças que os demais trazem podem ser uma base comum para a reconstituição de uma história representativa da vivência do grupo.

Le Goff (1992, p. 423), ainda destaca que,

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Diante do exposto, percebemos que a memória tem uma forte ligação com a construção da identidade. Através dela podemos pensar na sociedade em relação ao passado e às histórias de vida dos sujeitos e, assim, conservar as condutas sociais de um povo.

Vê-se que as memórias coletivas impostas e defendidas por um trabalho especializado de enquadramento, sem serem o único fator aglutinador, são certamente um ingrediente importante para a perenidade do tecido social e das estruturas institucionais de uma sociedade. Assim, o denominador comum de todas essas memórias, mas também as tensões entre elas, intervêm na definição do consenso social e dos conflitos num determinado momento conjuntural. (POLLAK, 1989, p. 11).

No entanto, nenhuma instituição ou grupo social, por mais estável que seja, tem sua permanência garantida. Já sua memória poderá até mesmo sobreviver ao desaparecimento do grupo, assumindo, muitas vezes, uma forma de mito e deixando como referências as manifestações culturais.

A memória coletiva, ao contrário, é o grupo visto de dentro, e durante um período que não ultrapassa a duração média da vida humana, que lhe é, frequentemente, bem inferior. Ela apresenta ao grupo um quadro de si mesma que, sem dúvida, se densifica no tempo, já que se trata de seu passado, mas de tal maneira que ele se reconhece sempre dentro dessas imagens sucessivas. A memória coletiva é um quadro de analogias, e é natural que ela se convença que o grupo permanece, e permaneceu o mesmo, porque ela fixa sua atenção sobre o grupo, e o que mudou, foram as relações ou contatos de um grupo com os outros. (HALBWACHS, 1990, p. 88).

O importante é que esse grupo não perca sua identidade com o passar do tempo e que a sua presença em uma determinada coletividade seja sempre lembrada para a constituição da memória.

A memória é um mecanismo importante na fase de transcrição da história das sociedades quando crenças e mitos eram passados somente pela oralidade. É,

portanto, essencial para a transição dessa oralidade para a escrita. É onde ficam guardadas coisas de um passado vivido e dá continuidade para a identidade de cada um e do grupo.

História e memória por mais que estejam ligadas, são distintas, as memórias estão sempre na vida das pessoas, é atual, evolui e está sujeita ao esquecimento. Pode ser usada e manipulada, são lembranças que temos necessidades de guardar ou não. Ela faz com que o indivíduo reencontre o pertencimento e os segredos de sua identidade. Já a história é uma representação do passado e do processo de desenvolvimento das sociedades, vista sob diversos aspectos, na qual se incorporam acontecimentos.

A história é um quadro de mudanças, e é natural que se convença de que as sociedades mudam sem cessar, porque ela fixa seu olhar sobre o conjunto e não passam muitos anos sem que dentro de uma região desse conjunto, alguma transformação se produza. (HALBWACHS, 1990, p. 88).

Cada grupo tem sua história e, uma vez que ele se convença de que pertence a ela, sua memória passa a ser essencial para que a cultura e a identidade se perpetuem em seu pensamento. A história analisa um grupo por fora, enquanto a memória analisa mais o interior, entretanto, ambas representam um tempo já vivido pelos indivíduos. Le Goff (1992, p. 424), salienta que “[...] O processo de memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios [...]”.

Trata-se, dessa forma, de uma leitura relacionada ao reconhecimento, ao esquecimento e ao sentimento de pertencer a um grupo. Ou seja, a memória está diretamente ligada à cultura e à identidade, de modo consciente ou não.

A memória que os indivíduos possuem é um elemento essencial da vida. É através dela que podemos garantir que não haverá a ausência de identidade, o esquecimento absoluto de um passado vivido, a perda de fatos importantes que tiveram o poder de mudar uma vida ou a sociedade. É ela a principal responsável para que futuras gerações não fiquem comprometidas com o desconhecimento de suas origens.

Andreoni (2011, p. 173) destaca que,

[...] A memória é o reconhecimento do passado, através da recordação, a história é a representação desse mesmo passado,

constituído através de vestígios e indícios (documentos e monumentos) que são compilados e investigados com o objetivo de alcançar a verossimilhança.

É comum que os indivíduos construam a memória de um passado com o qual eles possam conviver. Há memórias que muitos querem esquecer, por exemplo, aquelas ligadas ao sofrimento e a dor, como os vestígios de guerras. Por outro lado, há fatos e eventos que são continuamente lembrados e recontados de modo heróico para que as gerações futuras de uma determinada cultura sempre os valorizem e respeitem como memórias herdadas.

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de construir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 1992, p. 476).

A memória que os indivíduos possuem é um elemento essencial da vida. É ela a principal responsável para que futuras gerações não fiquem comprometidas com o desconhecimento ou esquecimento de suas origens e cultura.

A memória “gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas”, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado. Que memórias escolhemos para recordar e relatar (e, portanto, lembrar), e como damos sentido a elas são coisas que mudam com o passar do tempo. (THOMSON, 1997, p. 57).

Quando acontecimentos do passado são reconstituídos por meio das lembranças, cada indivíduo os relembra de acordo com a realidade a qual está inserido. Mas, ela pode ser também a reconstrução da memória de um passado que é trabalhado para construir a identidade de um grupo. São essas lembranças que dão sentido a vida, passada e presente, elas são construídas de acordo com nossa cultura, dando aos indivíduos nela inseridos o sentido de pertencimento.

À memória é resguardado o lugar de lembrar, construir, desconstruir e compor. Trabalho de elaboração, reflexão, localização. Lembrar não é reviver, é antes de tudo, refazer caminhos e trajetórias. É organizar e ordenar o tempo, bem como situar o passado em uma cronologia que é única. Desta forma, os impactos da memória individual e coletiva para a historicidade humana devem ser vistos dentro de uma sucessiva interação entre o homem, tempo, espaço,

cultura e sociedade, com todas as implicações que possibilitem novas escolhas e permitam o repensar e o fazer histórico, tendo em vista o presente e o futuro sem o rompimento com o passado. É o reconhecimento absoluto do movimento humano, da construção do pensamento e das ações do homem. (SHIKITA, 2005, p. 43).

A memória é essencial para a identidade individual ou coletiva. Desta forma, para que a história reflita como o passado influencia a vida no presente e suas memórias se tornem conhecidas e a identidade preservada, os indivíduos passam uns para os outros as suas vivências, enfatizando a história de seus ancestrais e evidenciando sua identidade. Mesmo com a modernidade evidente dos tempos atuais, ainda hoje a oralidade é um importante meio para se passar as experiências vividas.

A linguagem também está ligada à memória, à fala e, depois, à escrita. Esta última é, portanto, uma extensão para o armazenamento e preservação da memória/documento que, antes de serem faladas ou escritas já estão armazenadas em forma de informações em nosso cérebro.

Nesse sentido, Silveira (2010, p. 73) afirma que “[...] a memória está presente em tudo e em todos. Nós somos tudo aquilo que lembramos; nós somos a memória que temos”.

Sendo a identidade formada na relação que os indivíduos mantêm com os outros, e através de suas memórias fazem a mediação dos valores, sentidos e símbolos da cultura a qual estão inseridos, podemos dizer, então, que a tradição de um povo é indispensável para que suas memórias sejam preservadas.

Portelli (1997, p. 56) salienta que,

Compomos nossas reminiscências para dar sentido à nossa vida passada e presente. *Composição* é um termo adequadamente ambíguo para descrever o processo de “construção” de reminiscências. De certa forma, nós a compomos ou construímos utilizando as linguagens e os significados conhecidos de nossa cultura.

Assim, podemos afirmar que a memória realmente se situa entre o passado e o presente, e se constitui em um processo de reconstrução e transformação de experiências que foram lembradas.

Le Goff (1992, p. 476), destaca que “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das

atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.”

Como afirma Hall (2006, p. 38),

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”.

A identidade é, portanto, formada na relação que os indivíduos mantêm com os outros e que são importantes para ela, e que através de suas memórias fazem a mediação dos valores, sentidos e símbolos da cultura a qual estão inseridos, para tanto, a tradição de um povo é indispensável à constituição da memória coletiva.

2.2 HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA DE VIDA

Para o registro da memória dos indivíduos e de sua coletividade, a História Oral apresenta-se como método por excelência à coleta de dados e constituição de fontes documentais. A partir da realização de entrevistas com os participantes da pesquisa, histórias de vida e de acontecimentos são relembradas e narradas com a emoção de quem as viveu.

Para Amado e Ferreira (2002, p. xiv),

O testemunho oral representa o núcleo da investigação, nunca sua parte acessória, isso obriga o historiador a levar em conta perspectivas nem sempre presentes em outros trabalhos históricos, como por exemplo as relações entre escrita e oralidade, memória e história ou tradição oral e história.

Sendo assim, podemos dizer que a História Oral é multidisciplinar, pois pode ser usada em diferentes abordagens e pesquisas em várias áreas do conhecimento, especialmente nas Ciências Sociais e Humanas.

Mas o que vem a ser, afinal, esse método-fonte-técnica tão específico? Se podemos arriscar uma rápida definição, diríamos que a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos,

conjunturas, visão de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fonte de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. a luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou testemunharam. (ALBERTI, 2005, p. 18).

Sabemos que o fato de contar histórias não é novo. Nas sociedades antigas, onde não se tinha a escrita, os indivíduos construíam narrativas históricas para que houvesse a reconstituição de acontecimentos e para que o conhecimento fosse transmitido entre gerações.

Meihy (2002, p. 13), define História Oral como,

Um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com a definição de um grupo de pessoas (ou colônias) a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações; transcrição; transferência; conferência da fita com o texto; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, publicação dos resultados, que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

A História Oral é uma forma de se estudar o meio pesquisado, utilizando os depoimentos que foram gravados e transformando-os em documentos escritos. Ela pode fazer falar quem não tem vontade nem tempo para escrever suas memórias.

Ainda para Meihy (2002, p. 14), podemos perceber que,

A História Oral mantém um compromisso de registro permanente que se projeta para o futuro sugerindo que outros possam vir a usá-la de diferentes maneiras; por isso, é importante separar as etapas: gravações de entrevistas, estabelecimento de textos e, finalmente, suas análises. A primeira etapa é obrigatória por ser germinal, a segunda e a terceira dependem das determinações estabelecidas no projeto.

Essa autora ainda destaca:

Três elementos constituem a relação mínima da História Oral, e um não faz sentido sem os outros:

- 1) o entrevistador: todo projeto de história oral precisa ter no mínimo um diretor ou coordenador, que pode ser também o executante do projeto;
- 2) o entrevistado: os entrevistados são as pessoas que ouvidas em um projeto e devem ser reconhecidos como colaboradores. As escolhas e todos os procedimentos de contato e condução das entrevistas devem ser feitos de acordo com o projeto; e

3) a aparelhagem de gravação: comumente se faz entrevistas individuais, realizadas com gravadores ou câmaras portáteis, de preferência com microfones embutidos a fim de tornar menos ostensivo o ato da gravação. (MEIHY, 2002, p. 14).

Observamos que cada vez mais as pessoas estão preocupadas com a perda da memória, medo de que as lembranças vividas sejam esquecidas. E, em busca de retomar este passado, um estudo com História Oral pode dar uma visão do passado como se ele estivesse presente nos dias atuais dando continuidade às histórias vividas para que a identidade e a memória não se percam.

Seria um erro supor que o uso de entrevistas signifique novidade. Desde sempre elas constituíram em recurso para a formulação de argumentos repassados para a cultura em diversos níveis. De pais para filhos, de geração para geração, na vida cotidiana, através dos séculos, as pessoas transmitem suas experiências, seus preceitos e ensinamentos. Há, portanto uma certa naturalidade na comunicação. Isso, contudo, não deve ser confundido com entrevistas que se caracterizam por um mínimo de objetivo e formalidade. Houve, porém um momento em que essas narrativas ganharam caráter “científico” ou “histórico”. Isso se deu quando foram sistematizados os argumentos, arranjados metodicamente, equipados uns aos outros em diálogo continuado e cumulativo e assumidos profissionalmente. Esse processo foi resultado do refinamento de um saber que, contudo, não anulava o valor da transmissão informal das conversas. Pelo contrário, elas também ganharam força como formulação de um outro código que aos poucos foi ganhando atenção das chamadas ciências humanas. (MEIHY, 2002, p. 88).

A História Oral se faz pelo fato de que o trabalho desenvolvido através dela, desde o início, tem como objetivo a produção de documentos históricos que se tornarão fontes documentais.

Convém lembrar que na história oral busca-se o registro da experiência vivencial ou, em alguns casos, informações factuais. Com elas, constitui-se um documento objetivo que vale por si e, neste caso, dispensa análise, ou é equiparado com outros discursos ou documentos. O que emerge sempre, portanto, são as afirmações concretas; fora ficam os esquecimentos, que, contudo, fazem parte da totalidade dos eventos. (MEIHY, 2002, p. 66).

Quando se faz entrevistas de história de vida, tanto individuais quanto coletivas, percebe-se que nem sempre é seguida uma ordem cronológica dos fatos narrados por parte dos entrevistados. Na narrativa, os entrevistados quase sempre voltam várias vezes ao mesmo acontecimento, e isso acontece pelo fato de que nas

memórias existem fatos que são imutáveis e/ou invariantes ou simplesmente pela grande importância dada pelo narrador ao lembrar esses acontecimentos, podem muitas vezes, trazer sentimentos ou lembranças que enriquecem as narrativas e as memórias evidenciadas. Tudo o que não encontramos em documentos de outra natureza, podem vir à tona em uma entrevista de História Oral e, se preciso, devem ser confrontados com documentos escritos que possam existir.

Alberti (2005, p. 29) esclarece que,

Qualquer tema, desde que seja contemporâneo – isto é, desde que ainda vivam aqueles que têm algo a dizer sobre ele -, é passível de ser investigado através da História Oral. Contudo, como qualquer método, a História Oral tem uma natureza específica que condiciona as perguntas que o pesquisador pode fazer. Em se tratando de uma forma de recuperação do passado conforme concebido pelos que o viveram, é fundamental que tal abordagem seja efetivamente relevante para a investigação que se pretende realizar.

Porém, a História Oral só é possível se houver um interesse do indivíduo ou da comunidade. Ela nasce para que os registros de experiências vividas se tornem conhecidas de todos, traz uma noção de cidadania. Contando histórias de vida de gerações passadas e de momentos vividos, ela traz o interesse pelo conhecimento de uma determinada sociedade.

Para Thompson (2006, p. 19), “a História Oral é considerada parte essencial de nosso patrimônio cultural”. Com o seu uso, podemos transmitir e receber novos conhecimentos com pessoas em todas as partes do mundo, conseguindo assim, gerar novos conhecimentos.

História oral é uma abordagem ampla, é a interpretação da história e das sociedades e culturas em processo de transformação, por intermédio da escuta às pessoas e dos registros das histórias de suas vidas. A habilidade fundamental na história oral é aprender a escutar. (THOMPSON, 2006, p. 20).

Não podemos esquecer que a memória é fundamental para que se entenda o presente e, para que possamos entendê-lo, precisamos ouvir os indivíduos que vivenciaram o passado para tomarmos conhecimento do que foi vivido. Mas, também, precisamos saber esquecer. Para que se dê continuidade à vida, alguns fatos serão esquecidos e outros ficarão retidos na memória. O processo de lembrar, tem a consequência de esquecer, em alguns casos a História Oral pode resgatar da

memória acontecimentos proibidos que deviam ser esquecidos e trazê-los ao conhecimento.

Meihy (2002, p. 52) afirma que

[...] o passado contido na memória é dinâmico como a própria memória individual ou grupal. Enquanto a narrativa da memória não se consubstancia em um documento escrito, ela é mutável e sofre variações que vão dar ênfase e entonação a silêncios e disfarces.

Porém, não se pode fazer o uso da História Oral para substituir os documentos. Ela complementa as informações que eles trazem. Um depende do outro para que a construção da história pesquisada seja eficaz. Toda entrevista pode gerar um documento, seja ele escrito ou sonoro onde os indivíduos relatam histórias do passado.

Ainda para Meihy (2002, p. 116), a definição do “eu” narrador em História Oral implica percepções da análise documental que extrapolam os limites da entrevista e dão sentido à História Oral”. O que é lembrado, até ser capturado por algum meio e transcrito pode sofrer mudanças todas as vezes que for recontado.

Um aspecto fascinante da história oral é a definição do “eu” narrador. Como a moderna história oral é sempre apresentada na primeira pessoa do singular, ela expressa uma aparente duplicação da identidade:

- 1) A do narrador que, relatando sua vida ou a versão de algum fato, se torna o agente condutor da experiência pessoal; e
- 2) A do “eu” que assume a análise da entrevista, falando pelo eu que narrou a experiência. (MEIHY, 2002, p. 115).

Antes da escrita, nas sociedades mais antigas, todas as habilidades cotidianas, história familiar, genealogia, literatura, enfim todo o conhecimento era transmitido de forma oral. Ainda hoje, nas sociedades modernas a comunicação oral sobrevive muito fortemente e alguns papéis sociais são desempenhados na forma oral. Há cerimônias em que o mais importante é a narrativa.

A história oral se explica no âmbito de uma relação tridimensional de

- 1) Narrador;
- 2) Pesquisador; e
- 3) Público consumidor do resultado.

Lembrando que o trabalho de história oral se faz para o público, as partes devem estar empenhadas na clareza dos resultados. Os textos finais, porém, não podem deixar dúvidas quanto a existências desses elementos. A evocação da forma de apropriação da história oral (como ferramenta, técnica, método ou disciplina) é exigida na

definição de seu uso. É nessa operação que a história oral se realiza como uma forma democrática de versão de situações sociais que, no mínimo, têm olhares diferentes. (MEIHY, 2002, p. 117).

Com o uso da História Oral podemos criar conexões importantes com outros sujeitos. Tentar compreender como eles utilizam a cultura e o que trazem dessa cultura para suas vidas e para o grupo ou grupos nos quais estão inseridos. Auxilia a compreender como as pessoas de culturas diferentes fazem para se comunicar, bem como o modo em que ocorre a transmissão e a mediação do conhecimento.

Para Meihy (2002, p. 53),

É a dinâmica da oralidade que separa a história da memória. É aí que se dá o papel da História Oral como mediadora entre uma solução que se baseia em documentos escritos (história) e a outra (memória) que se estrutura, quase que exclusivamente, apoiada na fluidez das transmissões orais.

Podemos afirmar, portanto, que a memória dos indivíduos é a base para as narrativas, e quando se faz entrevistas utilizando a História Oral, essas narrativas se tornam histórias do passado e vão servir como mediadoras entre a memória e a história, dando origem a documentos e estes serão temas para a história.

3 NIHONJIN-KAI - AS ASSOCIAÇÕES EM MARÍLIA – SÃO PAULO

Na busca para compreender a memória e a identidade dos japoneses que vivem no Brasil, mas especificamente aqueles que se instalaram na região de Marília - São Paulo, desde o processo migratório iniciado no começo do século XX, este capítulo intenta apresentar os percursos trilhados por eles, a partir da fundação de associações nessa região.

As associações ou *Nihonjin-kai*, como são chamadas pelos descendentes de japoneses, surgiram com o intuito de se fundar escolas voltadas para os filhos dos imigrantes. Fato curioso que salienta a intenção de se criar escolas nos moldes da cultura japonesa é apontado por Silva (2008), ao destacar que todo o material e métodos didáticos utilizados nas *nihon gakko* (escolas japonesas) eram importados do Japão.

Mas, para entendermos como surgem essas associações e o que elas representam realmente para a identidade e a cultura japonesas em terras brasileiras, devemos nos atentar um pouco para as questões referentes à imigração japonesa para o Brasil, a trajetória e motivações desse povo.

Sobre a imigração japonesa para o Brasil, Silva (2008, p. 25) ressalta um importante personagem, considerado como o “pai da imigração”, que tem papel de destaque nessa trajetória:

Considerado o “pai da imigração” e mistificado nos dias atuais pela “comunidade nikkei” enquanto “pai da imigração japonesa”, *Ryu Mizuno*, diretor da *Kookoku Shokumin Kaisha* – Companhia Imperial de Imigração – começa a organizar a primeira leva desses imigrantes que partiriam do Japão no dia 27 de abril de 1908 do porto de Kobe, um dos maiores portos japoneses do período e também um dos maiores responsáveis pelo embarque de emigrantes japoneses rumo ao Brasil.

Os imigrantes já partiam do Japão com acordo de trabalho acertado com a Hospedaria dos Imigrantes. Uma vez tudo acertado, a Hospedaria fechava contrato com os donos das fazendas de café no interior de São Paulo. A hospedaria dos imigrantes era uma estrutura especificamente criada para receber cidadãos estrangeiros recém-chegados ao Brasil, que seriam posteriormente destinados às

Figura 2 - Família japonesa trabalhando com o café



Fonte: Associação Okinawa [s/d]

Dentre os imigrantes a bordo, a maioria era proveniente de Okinawa e de Kagoshima. Ao chegarem no Brasil, entretanto, todos eram classificados em uma única categoria, a de “japoneses”. Porém, eles próprios, se separavam uns dos outros, em os provenientes do arquipélago niponiso e os da ilha de Ryukyu, os okinawanos.

Os okinawanos chamam os habitantes das ilhas principais de *naichi-jin*, e esses, por sua vez, chamam os habitantes de Okinawa de *okinawa-jin*. Essa separação tem forte influência, por exemplo, no sistema de casamento, na liderança política, nas associações e na organização econômica, o que será abordado mais a diante.

Além da diferença entre os *naichi-jin* e os *okinawa-jin* descrita anteriormente, houve, ainda, outra distinção entre os imigrantes japoneses: *issei* (primeira geração, nascidos ainda no Japão), *nissei* (segunda geração nascida no exterior) e *sansei* (terceira geração). Hoje, já podemos encontrar no Brasil descendentes da sexta geração (*rokusseï*) e os *nikkei* que, segundo Lesser (2001), é o termo geral usado para os descendentes japoneses nascidos no Brasil.

Para os *issei*, os *nissei* já pensam diferente, a língua já não é mais a japonesa e os costumes se misturaram aos costumes brasileiros. Os japoneses que chegaram ao Brasil depois da Segunda Guerra eram chamados “Japão-Novo”, e também discriminados pelos próprios japoneses que aqui se encontravam, pois diziam que a guerra fez com que o “espírito japonês”, *yamatodamashii*, fosse

modificado. Segundo eles, tudo que era conhecido antes da guerra ficou diferente, até a moral, mentalidade e os costumes devido às mudanças nos valores culturais.

O espírito japonês ou *yamatodamashii*, o termo *Yamato* faz referência ao antigo nome do Japão e *Damashii* significa alma ou espírito, que se refere às qualidades nobres da alma.

O termo *yamatodamashii*, está fortemente atrelado à própria língua japonesa como uma derivação do termo *yamato-gokoro* (o Coração ou Alma Yamato), cunhado no período Heian e enfatizado com grande empenho na Era Showa enquanto doutrina político-militar na Segunda Guerra Mundial, explicando talvez uma das causas do surgimento do grupo terrorista *Shindo Renmei* sob o comando do General Junji Kikawa (SILVA, 2008, p. 29).

O termo *yamatodamashii* era ensinado nas escolas como educação moral e cívica; e considerava que todos os japoneses eram descendentes de um povo guerreiro e por isso invencíveis, e isso chegou ao Brasil juntamente com os primeiros imigrantes que tinham um ideal extremamente nacionalista da Era Meiji, o que contribuía para que se prendessem a cultura pré-migratória.

Acontece que, como destaca Silva (2008, p. 37),

O perfil do imigrante japonês deste período seria bastante diferente do perfil dos primeiros imigrantes pré-guerra: enquanto os primeiros não possuíam qualificação, obrigando-os a trabalhar no setor agrícola nas difíceis condições que lhes eram impostas pelos fazendeiros de café no Brasil, os imigrantes dos anos de 1950 eram jovens rapazes educados e especialistas qualificados na área agrícola e também em alguns setores da indústria.

Em relação à Segunda Guerra, há um fato importante a destacar. Logo após os ataques de Hiroshima e Nagasaki com a bomba atômica, o Japão se rendeu aos Estados Unidos, porém, muitos japoneses residentes no Brasil não aceitavam esta rendição, pois mantinham a crença sustentada por 2.600 anos de história, acerca da identidade japonesa. Isto é, os japoneses consideravam o ato de morrer pela pátria, mas nunca o de se render, assim muitos preferiram manter a crença na invencibilidade no *Dai Nippon Teikoku*, o Grande Império Japonês, dividindo a comunidade japonesa no Brasil em dois grupos: os *Kachigumi* (vitoristas) e os *Makegumi* (derrotistas), fato que irá ser abordado mais adiante.

Além de todas essas diferenças descritas acima, havia, ainda, para os imigrantes que viviam no Brasil, nessa época, a diferença entre o japonês do sítio

(zona rural) e o da cidade (centros urbanos). Os japoneses que moravam em sítios eram considerados mais conservadores vivendo os costumes e a cultura japonesa; já os da cidade, haviam sido influenciados pela sociedade brasileira e se orientavam mais pelos valores e costumes dessa sociedade. Os mais discriminados entre todos eram os *eta*, um tipo de casta explorada e discriminada durante o período Tokugawa e, quando se deu a reforma Meiji, se tornaram novos cidadãos, mas ainda continuavam a ser discriminados.

Vieira (1973, p. 166), destaca que a chegada dos imigrantes japoneses em Marília tem seu início no ano de 1926 e, em 1930, eles já representavam uma soma de 273 famílias, habitando na zona urbana e rural, trabalhando na lavoura das fazendas. Em 1941, esse número saltou para 2.882 famílias.

Com o intuito de manter viva a cultura japonesa, os imigrantes residentes na cidade de Marília criaram associações que contribuíram para a manutenção de seus valores e identidade.

Essas associações foram fundadas após um ano da vinda dos imigrantes japoneses para Marília. A primeira em agosto de 1930, denominada *Marília Nihon-jin-kai* e a outra em outubro daquele mesmo ano, denominada *Marília Chuo Nihon-jin-Kai*. Ambas tinham a mesma proposta, organizar uma escola japonesa e unir todas as famílias, bem como mediar o relacionamento entre os japoneses e os brasileiros.

Para Vieira (1973), a dualidade teria resultado da existência de dupla liderança. Essas duas associações estavam organizadas e, cada uma, tinha seu chefe. Porém, como os imigrantes residentes em Marília carregavam com eles o preconceito pelos okinawanos, o fato da associação *Marília Nihon-jin-Kai* ter como um dos fundadores um okinawano a presença dele como membro dessa associação resultava na não aceitação por parte de alguns chefes de família, o que agravou ainda mais a divisão deste grupo, que ficou dividida pelos líderes da seguinte forma: quem gostava da *Marília Nihon-jin-kai* ficava com ele, se não ia para o líder da *Marília Cho Nihon-jin-kai*.

É importante destacar, contudo, que de um lado, estava o desejo de manter os padrões e valores tradicionais e orientações sociais e culturais voltadas para o Japão, do outro, havia uma compreensão da necessidade de extensão da solidariedade para com a sociedade receptora, e uma predisposição à mudança, e,

como a maioria dos japoneses viam a imigração de modo temporário a predisposição à mudança diminuía, eles só pensavam em se adaptarem por um período no Brasil.

Vieira (1973, p. 168) desta que “Durante anos, vemos persistir difusamente a ‘rivalidade entre os dois grupos’, até que uma crise interna, resultante da derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, colocara a necessidade de uma reorientação de todo o grupo japonês”. Com isso, as duas associações marilienses tentaram se unir, visando ampliar a solidariedade entre eles. Como resultado dessa união foi conseguido um acordo: em 1932 se unificaram as associações na *Marília Nihon-jin-Kai*, que passou a ser orientada por membros de uma e de outra tendência.

Em 1935, essa mesma associação passa a ser chamada de Associação Japonesa de Instrução de Marília, e tem o principal objetivo de beneficiar a instrução primária e desenvolver o espírito de solidariedade entre brasileiros e japoneses.

Com o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e os países do Eixo, constituído pelo Japão, Alemanha e Itália que se uniram contra as forças aliadas na Segunda Guerra Mundial, em 1942, os imigrantes japoneses que residiam em Marília também ficaram prejudicados, sendo eles alvo de várias represálias e impedidos de se reunirem em grupo.

Como explica Vieira (1973, p. 235),

Os japoneses das zonas pioneiras foram duramente atingidos por essas medidas, tanto mais quanto estavam economicamente e culturalmente orientados para o Japão. Viram seus depósitos bancários congelados, proibida a alienação ou oneração de seus bens imóveis, privados do apoio das casas bancárias japonesas, suas cooperativas agrícolas sob regime de interventoria e todas as empresas de capital japonês compelidas à liquidação forçada ou colocadas sob a administração do Governo Federal. Foram também fechadas as escolas japonesas e as associações nipônicas.

Os efeitos da guerra se faziam sentir fortemente entre os japoneses habitantes do Brasil. Nessa mesma época, em Marília, foi realizada uma reunião na Associação Comercial com todos os agricultores e comerciantes que faziam parte de algum dos países envolvidos na guerra para esclarecer que estavam proibidas todas as transações que viessem efetuar pagamentos em dinheiro. Todos os pagamentos feitos a eles deveriam ser em cheques nominiais e os japoneses deveriam depositar a quantia no banco e só poderiam sacar o necessário para fazer pagamentos e com

a apresentação do comprovante. Não podiam também falar a própria língua, reunirem-se em grupos de mais de três pessoas e, para se locomoverem precisavam do salvo conduto. Além disso, não podiam ouvir o programa japonês de rádio. Em muitas casas onde havia rádio e foi descoberto, a polícia confiscou.

Em 1951, após a Segunda Guerra Mundial, a Associação foi reaberta e a escola voltou a funcionar. Em 1952, foi feita uma nova eleição para a diretoria que permaneceu até 1960. Porém, nesse período, houve mudanças no nome dessa associação e em seu estatuto, mas sempre com a preocupação na instrução primária dos filhos de seus associados e com a manutenção da cultura e identidade japonesa. Em 1954, novamente, há uma mudança no nome da associação, que passa a se chamar Associação Nipo-Brasileira de Marília. Em 1959, com outra mudança, a entidade passa a nominar-se de Associação Japonesa do Brasil de Marília.

Em quase quarenta anos de existência, a Associação passou por muitas crises, várias eleições de diretorias e mudanças de nome. Entretanto, apesar de algumas alterações em seu estatuto, sempre resguardavam a preservação dos valores japoneses e a educação dos filhos.

Apesar de a *Nipo* ser a principal associação japonesa em Marília e representativa entre os imigrantes japoneses, havia poucos associados de Okinawa. Somente em 1962, um okinawano tem o cargo de diretoria. Os okinawanos, porém, possuem sua própria associação desde 1930, a *Okinawa Kyokai* de Marília, filial da *Okinawa Kyokai* do Brasil com sede em São Paulo.

A *Okinawa Kyokai* de Marília foi fundada nos primeiros anos da cidade, por volta de 1930, na mesma época em que Marília *Nihon-jin-Kai* surgiu, e com a finalidade de reunir as famílias okinawanas do município, então em número de 20 a 23. A associação só foi registrada depois da guerra, a 5/4/1952 (VIEIRA, 1973, p. 181).

Apesar de existir na cidade desde 1930, durante a guerra, a associação Okinawa Kyokai de Marília teve seus documentos queimados e toda a informação sobre o seu período inicial foi perdida. Fato lamentável como esse acontece comumente com acervos documentais e muito da história e da memória é perdida, dificultando a transmissão do conhecimento às gerações futuras e deixando lacunas irreparáveis à pesquisa científica e à escrita da história.

Segundo Vieira (1973, p. 165),

Tais associações “servem, não apenas como focos de tradição, mas são também canais de comunicação com a sociedade receptora”. Essas associações têm o papel importante para que a identificação do povo japonês não se perca, mas também foram extremamente necessárias na transição dos imigrantes que chegavam ao Brasil sem conhecimentos do país para onde imigraram.

Quando essas associações foram criadas, tinham sua filiação limitada somente aos japoneses, pois visavam contribuir para a identidade e cultura dos japoneses, considerada por eles completamente diferente da identificação brasileira.

Mas, como bem aponta Vieira (1973, p. 165), “em algumas associações, os antigos padrões expressivos, tornaram-se mais limitados no seu alcance, não sendo um símbolo de identificação étnica em oposição à sociedade brasileira”. Entende-se por padrões expressivos, normas, valores, comportamentos e um sistema de status específico que contribui para a identidade particular que se opõe à identificação comum com o sistema social inclusivo.

Com o passar do tempo, após maior adaptação dos imigrantes no Brasil, os japoneses começaram a participar das intuições brasileiras e, os brasileiros, por sua vez, também passam a integrar as associações japonesas.

As associações também foram utilizadas pelos imigrantes como canais de comunicação com a sociedade brasileira, auxiliando na transformação e representação do grupo que ela congregava, facilitando a solidariedade entre japoneses e brasileiros, podendo, com o passar do tempo, se tornar uma importante extensão da participação dos japoneses nas esferas institucionais da sociedade brasileira.

A seguir, apresentaremos de forma mais descritiva, cada uma das associações japonesas de Marília, pesquisadas neste estudo.

A primeira delas, a *Shindo Renmei*, não sobreviveu até os dias atuais, tendo sido fenômeno circunscrito ao período da Segunda Guerra Mundial. As demais, Nikkey Clube e Okinawa de Marília, permanecem ativas.

3.1 A SHINDO RENMEI

A *Shindo Renmei* (o Caminho dos Súditos da liga do imperador) foi uma associação de caráter nacionalista e militarista, criada no interior de São Paulo, no início da década de 1940, por isseis (imigrantes japoneses), fundada por um ex-coronel do exército japonês Junji Kikawa.

Para tratarmos sobre a *Shindo Renmei*, nesta pesquisa, recorreremos principalmente aos estudos de Lesser (2001) e a uma entrevista realizada em 2014, com o único membro dessa associação ainda vivo, o senhor Hidaka que estava com 87 anos no dia em que foi realizada a entrevista. Vale salientar que foi a primeira vez que ele aceitou dar uma entrevista para falar de suas memórias.

Segundo Lesser (2001), essa era a mais poderosa das sociedades secretas que surgiram no Brasil. Quem liderava eram os oficiais aposentados do exército japonês que haviam imigrado para terras brasileiras e estavam furiosos, pois o Brasil havia se tornado um país inimigo.

Seguidora fanática do Imperador *Hirofito*, a maioria de seus membros era constituída dos que se denominavam *kachigumi* ou vitoristas, e tinham seguidores distribuídos por toda a região oeste do Estado de São Paulo, e em grande maioria nas cidades de Tupã e Marília.

O principal objetivo da sociedade, que se tornou público em agosto de 1945, logo a rendição do Japão, era a manutenção, no Brasil, de um espaço permanente japonizado, por meio da preservação, em meio aos nikkeis, da língua, da cultura e da religião, bem como o restabelecimento das escolas japonesas. Uma coisa que a *Shindo Renmei* não promovia era o retorno ao Japão. O Brasil era seu país e, em dezembro, a *Shindo Renmei* afirmava ter cinquenta mil filiados que acreditavam que o Japão havia ganho a guerra. (LESSER, 2001, p. 241).

Em entrevista realizada com o senhor Tokuichi Hidaka sobre a *Shindo Renmei*, ele afirma que:

[...] naquela época 90% da população japonesa era Kachigumi, confiava no Japão que ele tinha ganhado, mas não era né, mas... a gente achava. Na hora a gente achava que ele havia ganho a guerra, aqui em Marília mesmo que começou a Shindo Renmei, mas eu não sabia, mas foi aqui mesmo em Marília que começou, mas todo mundo ficou quieto, aqui no Santa Ambrozina que começou, mas eu não sou Shindo Renmei, o pessoal que fala que eu sou Shindo Renmei, mas não sou Shindo Renmei. Aqui de Marília muita gente

morreu e muita gente foi presa, muitas famílias ainda moram aqui, mas ninguém quer falar desse assunto.

Como podemos perceber na fala do depoente, o mesmo não se considera membro da *Shindo Renmei* e salienta que este é um assunto proibido no imaginário das pessoas, tendo em vista o estigma que se criou acerca desse grupo. Percebe-se que há uma contradição na fala do entrevistado, as vezes ele se orgulha de ter sido um membro do movimento e outras quando parece ter receio de falar por causa das torturas e perseguições sofridas.

Os membros da *Shindo Renmei*, mesmo após o Imperador Hiroito ter declarado formalmente a rendição do Japão às forças armadas americanas, ainda defendiam que o Japão havia vencido a Segunda Guerra Mundial. Eles alegavam que as autoridades brasileiras estavam escondendo a verdade, já que a imprensa japonesa continuou proibida e a informação do que estava realmente acontecendo não chegava à maioria dos imigrantes que, muitas vezes por não saber a língua portuguesa fez com que esse movimento crescesse rapidamente. Como destaca Lesser (2001), as circulares e os jornais clandestinos do grupo eram distribuídos a partir de 64 escritórios distritais, e encontravam audiência entre os muitos imigrantes educados para acreditar na superioridade e na invencibilidade do Japão, como salienta o senhor Tokuichi Hidaka:

Todo mundo confia no exército japonês e eu acreditava sim, todo mundo acreditava muito. O pessoal do Makegumi que falava que acreditava que o Japão tinha perdido a guerra judiava muito dos japoneses aqui de Tupã, Bastos, judiaram muito, mandou assinar ou pisar na bandeira do Japão, na fotografia do Imperador, mas nós que respeitava, não fizemos, e eles só soltavam quem fizesse isso.

Uma das coisas que foi repetida várias vezes por uma circular distribuída pela *Shindo Renmei* era que a derrota do Japão não passava de boatos.

As “notícias” difundiram-se rapidamente por telefone, e quando um grupo de japoneses proeminentes fez circular os verdadeiros documentos de rendição, eles foram acusados de traidores. Em 1946, a comunidade estava dividida em dois campos: os *kachigumi* (vitoristas) e os *makegumi* (derrotistas), esses últimos chamados a si próprios de esclarecidos, em português. (LESSER, 2001, p. 242).

Começava, assim, uma guerra de japoneses contra japoneses. Para os brasileiros, o que mais chamou a atenção foi o fato de que os japoneses haviam

recrutado jovens fanáticos para formar a Equipe Especial de Ataque, os *tokotai*, que tinham o dever de assassinar e destruir os estabelecimentos daqueles que se denominavam *makegumi* e que acreditassem na derrota do Japão.

“[...] nós não acreditávamos, confiávamos muito no Japão, no exército, por não acreditar que o exército perderia uma luta e, também, porque nós achávamos que o Imperador era um Deus, não é né, mas todo mundo quando acredita em uma religião fica fanático não é mesmo? Então, nós éramos assim, a mesma coisa, víamos que estávamos errados, mas fomos ensinados assim. E depois quem foi judiado ficou quieto, não falou mais nada, fanático mesmo eram muitos”. (Entrevistado)

Para Lesser (2001, p. 244), entre março e setembro de 1946, dezesseis “esclarecidos” foram mortos. Trinta *makegumis* foram gravemente feridos, e centenas de outros receberam ameaças de morte trazendo a marca da *Shindo Renmei*.

A *Shindo Renmei* tinha muitos seguidores. Segundo Lesser (2001, p. 245),

Quando foi efetuada uma batida policial na sede da Shindo Renmei, em inícios de 1946, pilhas de material de propaganda, um mimeógrafo usado para produzir o jornal semanal da organização e uma lista de 130 mil membros foram encontrados.

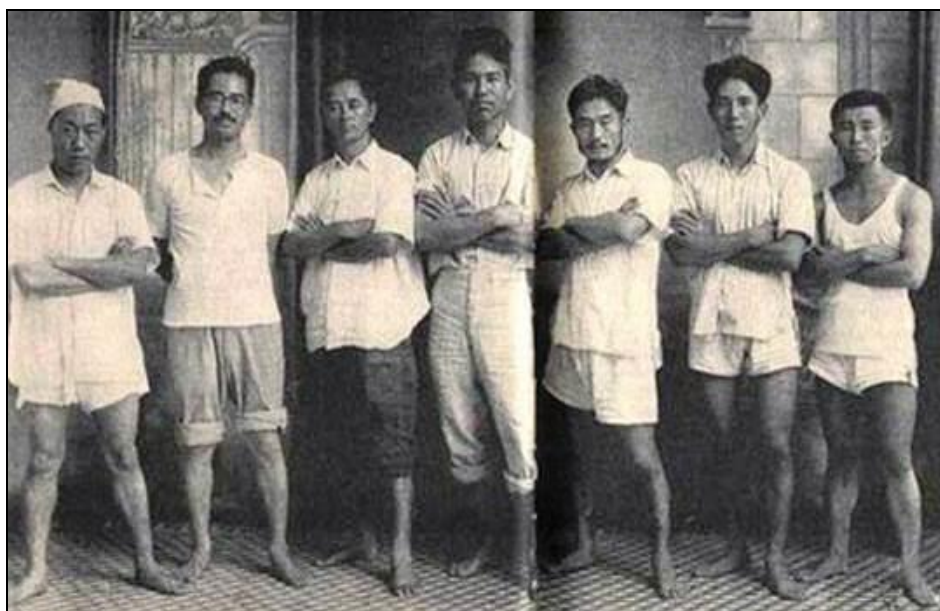
Segundo o senhor Tokuichi Hidaka, era a maioria so japoneses que não acreditavam na derrota do Japão, como destacado em sua fala a seguir:

De 80% a 90% da japonesada não acreditava que o Japão tinha perdido a guerra, Makegumi eram poucos, aí quando a guerra começou, o embaixador, cônsul, todos voltaram para o Japão, porque o Japão e o Brasil cortaram as relações e aí ficou uns 10 japoneses influentes só. Falaram muita coisa que não era, mas... ficou assim. [...] Tinham 7 (sete) cônsul que eram influentes e que ficaram aqui para assinarem os papéis que o Japão tinha perdido a guerra, aí o pessoal do Makegumi pegou força, e como a (não sei se posso falar isso, conversa sozinho em japonês) polícia naquele tempo eram na maioria nortistas analfabetos, então os Makegumi davam dinheiro a polícia para que pegassem os Kachigumi pra interrogar e se respondessem que o Japão ganhou a guerra apanhava muito e os Makegumi aproveitavam, e o pessoal que no fundo no fundo não acreditava na derrota, precisava falar que acreditava, se não apanhava muito, então... não foi de começo que a briga entre nós começou foi muito diz que me disse, uns 6, 7 meses depois do Japão ter perdido a guerra tava assim meio virado, mas depois da assinatura dos papéis que foram assinados pelos cônsul é que ficou ruim, os Makegumi se sentiram fortes, e queriam que todo mundo assinasse, aqui em Marília não sei como foi, mas lá em São

Paulo na cadeia era assim, se pisasse na bandeira ou na fotografia do Imperador, você podia sair, estava livre, se não ficava preso.

Diz-se que entre os membros, os que disseminavam o terror eram 7 (sete) japoneses, com idades entre 20 e 41 anos, andavam armados com porretes de madeira e *katana* - um sabre longo japonês, vestiam-se com calções ou calças com a barra arregaçadas até a metade da perna, e entre a pele e a roupa amarravam ao peito a bandeira japonesa de seda, a bandeira do 'Japão Guerreiro', a que o sol central explode em raios vermelhos sobre o branco.

Figura 3 - Membros do Movimento *Shindo Renmei*. O último à direita é o senhor Tokuichi Hidaka. Capa do livro *Corações Sujos*



Fonte: Morais (2011)

Eram conhecidos como os sete samurais e matavam ou destruíam os estabelecimentos de quem desrespeitasse a bandeira japonesa ou fossem considerados traidores da pátria, e isso também envolvia aqueles que acreditassem que o Japão havia perdido a guerra (KAJIMOTO, 2013, p. 29).

Em relação a foto acima, o senhor Tokuichi Hidaka afirma que ele é o único vivo e ressalta que muita coisa dita sobre a *Shindo Renmei* não é verdadeira:

No dia que foi tirada a foto do livro, foi no dia que fomos conversar com o cabo, éramos 9 (nove), mas 2 (dois) foram procurar o cabo que não estava na delegacia, de todos esses que estão aí nesta foto, só eu estou vivo! Olha este aqui o Sakane até uns 2 (dois) anos atrás

estava vivo, mas agora o único vivo sou eu, nesta época eu tinha 19 (dezenove) anos, mas este livro aí tem muita coisa que é mentira, errado, por isso o pessoal aqui de Marília pensa que eu sou muito perigoso (risos), eu gosto, gosto, amo o Japão, porque sou japonês, mas perdeu né... (risos).

Os matadores da *Shindo Renmei* saíam em batalhão que, como dito acima, era denominado *Tokkotai* e percorriam o Estado de São Paulo, realizando atentados que resultaram em 23 mortes e cerca de 150 feridos, de janeiro de 1946 a fevereiro de 1947.

Embora a *Shindo Renmei* tenha começado como um movimento interno à comunidade japonesa e nikkei, a violência não tardou a se voltar para fora. Em fins de julho de 1946, houve uma série de incidentes entre os japoneses e brasileiros na cidade de Oswaldo Cruz (São Paulo). Quando um membro da *Shindo Renmei* disse, num bar, que ia “matar um ou dois brasileiros”, houve um tumulto, que terminou com três mil brasileiros perseguindo os brasileiros gritando: “Linchem os japoneses”. Alguns meses depois, ocorreu um tiroteio entre a polícia e integrantes da *Shindo Renmei*, em Penápolis. Começou então uma nova onda de sentimento antijaponês (LESSER, 2001, p. 248).

Mais de 30 mil suspeitos foram presos pelo Departamento de Ordem Política e Social (DEOPS) e, desses, 381 receberam condenações, sendo que 80 foram deportados e mais tarde perdoados por um decreto presidencial.

Sobre a prisão dos japoneses, o senhor Tokuichi Hidaka declara, ao referir-se sobre onde eram aprisionados e sobre o fato de que havia pessoas consideradas inocentes por eles entre os presos:

Para Anchieta [ilha para onde eram levados os presos] só iam os mais fanáticos, aqui de Marília foram 4 (quatro) para Anchieta, eu fiquei preso lá dois anos e pouco, o duro eram os inocentes que iam parar lá, muitas vezes por denúncias falsas, para a polícia quem não assinava o documento falando da rendição ou não pisasse na bandeira era fanático. Mas pisar na bandeira do próprio país é difícil né, e essa turma pensa que por causa da derrota teve os Makegumi e Kachigumi, não era isso, olha... lá em Avaré morreu uma família toda, mataram e falaram que eles tinham se matado, mas foi a polícia e aquela japonesada que denunciava, só porque acreditavam que o Japão ganhou a guerra, aí os Makegumi falavam que eles tinham metralhadora e um monte de arma, e a polícia cercou a casa e deu tiro em todo mundo, mas nos documentos está escrito que eles se suicidaram, a criança tinha seis anos, você acha que uma criança de seis anos se mata? Não! Foram mortos mesmo, lá na casa só tinha foice e coisa assim de agricultor. Muitas pessoas que morreram foram os Makegumi junto com a polícia que mataram e depois

falaram que foram os Kachigumi quem matou, e teve muitos que foram torturados e ficaram meio doídos na cadeia e aí morreram.

Percebemos na fala do senhor Tokuichi Hidaka, a compreensão de que o contexto histórico e a forma como esses acontecimentos se deram são ambíguos e que o ato de exigirem que os japoneses pisassem e cuspissem na bandeira do Japão representava algo de extrema violação dos direitos e da soberania daquele país que, para eles estava acima de tudo. Essas foram as motivações do grupo para darem início aos acontecimentos de perseguição e morte por parte dos envolvidos.

O fato de que eles queriam que a gente pisasse na bandeira japonesa e na foto do Imperador, mas as coisas só ficaram ruins depois que os Makegumi pegaram força por conta da assinatura do cônsul na rendição. Olha nós fomos muito judiados, faziam a gente tomar purgante e soltavam a gente no chiqueiro dos porcos e largava lá, os Makegumi que pagavam para a polícia fazer isso, mas isso eles não contam né, só falam que eram coitadinhos.

Essa violência resultou a um pedido ao governo para que fosse votada uma lei que proibisse a imigração japonesa para o Brasil. Porém, ao ser votada, essa proposta terminou empatada e o presidente achou melhor não ser aprovada. Segundo Lesser (2001), em setembro de 1946, uma série de decretos presidenciais permitiu a deportação de 177 imigrantes japoneses presos no Rio de Janeiro.

Sobre o fim da Shindo Renmei, o senhor Tokuichi Hidaka declara que:

Depois que voltamos da Ilha Anchieta nós paramos, arrependeu eu não me arrependo, mas é duro, convivendo agora eu vejo que estávamos errados, acreditamos muito no Japão, mas mesmo assim eu não me arrependo, fui ensinado assim pelo meu pai e professores. Não tenho vergonha, acreditava que o Japão tinha ganhado a guerra e o rádio também muitas vezes falava isso e fui ensinado assim. Mas aí começamos a acreditar que na verdade o Japão havia perdido e foi acabando, mas não me arrependo [...].

Podemos perceber que a maior motivação da *Shindo Renmei* era mostrar a todos a sua lealdade ao imperador e ao seu país, acreditando sempre na invencibilidade do exército japonês e não acreditando na rendição. Do ponto de vista deles, o Japão não havia perdido a guerra. Embora tenham acabado acreditando nesse fato, o senhor Tokuichi Hidaka declara, em suas palavras, que não houve arrependimento e ressalta a existência do grupo como um ato de heroísmo e de lealdade.

3.2 ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPORTIVA NIKKEY DE MARÍLIA

Um importante legado deixado pelos ancestrais japoneses é a obsessiva responsabilidade e preocupação com a educação dos seus filhos. Para que isso fosse possível, eles eram capazes de reduzir até a própria alimentação, se necessário, para que os filhos estudassem.

Cardoso (1995, p. 70) destaca que,

Os sucessivos êxitos como agricultores trouxeram novos estímulos e novos objetivos para as famílias. Os imigrantes transformados em proprietários ou com perspectiva de sê-lo radicaram-se no Brasil e, por várias razões, abandonaram o desejo de retornar à pátria. Propunha-se então o problema de como educar os filhos, os *nisseis* que nasceram com a possibilidade de herdar terras e dispor de recursos para a sua profissionalização.

Com base nisso, vimos que uma das primeiras manifestações dos imigrantes foi formar associações onde surgissem colônias japonesas para que assim tivessem escolas.

Ainda de acordo com Cardoso (1995, p. 70),

Aos *nisseis* foram dadas condições para conseguir um nível educacional mais alto que permitisse o exercício de profissões urbanas. Deste modo, a segunda geração estaria dando continuidade ao processo de ascensão social vivido por estas famílias, cuja a meta era, sem dúvida, oferecer um patrimônio e “uma vida melhor” para os filhos.

Na cidade de Marília não foi diferente. Como vimos anteriormente, no ano de 1930, foram fundadas na cidade duas associações japonesas, *Marília Nihon-jin-kai* e *Marília Chuo Nihon-jin-kai*. Depois de várias crises internas, elas perceberam a necessidade de se unirem visando a solidariedade entre ambas e os seus membros. Com essa união, segundo Vieira (1973), os dois grupos unificaram-se na *Marília Nihon-jin-kai*. No ano de 1935, essa associação foi registrada com o nome de Associação Japonesa de Instrução de Marília. A mesma foi idealizada por *Zenkiti Shiroma*, com o objetivo de organizar e manter uma escola de idioma japonês para os filhos dos imigrantes e desenvolver a solidariedade entre japonese e brasileiros.

Para Vieira (1973, p. 169),

Os bens da Associação - um barracão de madeira na Rua 4 de Abril, onde funcionava a escola japonesa e onde se realizavam as reuniões – que estavam em nome de um dos sócios, fundador da Marília *Chuo Nihon-jin-kai*, foram no ano seguinte vendidos, comprando-se um terreno na Rua Lima e Costa, esquina com a Rua Paes Leme, onde foi instalada a escola japonesa.

Nos seus estatudos, o principal objetivo era “desenvolver a instrução primária e o espírito de cordialidade entre brasileiros e japoneses” (VIEIRA, 1973, p. 169). Porém, nessa época, o que se visava de fato era a preservação e o fortalecimento da solidariedade e coesão étnicas, onde congregavam os chefes de família que moravam na cidade e representavam os interesses do grupo.

Essa Associação funcionou durante dez anos ininterruptamente. Porém, em consequência de determinações estratégicas dos países aliados que participavam da Segunda Guerra Mundial, suas atividades foram paralisadas, em virtude da proibição das reuniões de grupos que ocorriam em sua sede. Todo o material da escola japonesa também foi confiscado.

Com o término da Segunda Guerra, em agosto de 1945, foram retomadas as atividades, porém, somente em 1951 a associação foi reaberta e a escola voltou a funcionar. Em 1954, a associação teve seu nome novamente alterado para Associação Nipo-Brasileira de Marília, nessa ocasião, seus estatutos também foram alterados, propondo além de promover por todos os meios ao seu alcance a instrução primária entre os filhos de seus associados,

[...] desenvolver o espírito de solidariedade e cordialidade entre os brasileiros e japoneses, foi integrado “promover e tratar, junto aos Poderes Federal, Estadual e Municipal, de medidas de interesse da Associação e de seus filiados; manter um serviço de utilidade para seus associados e promover entre estes a necessária união e harmonia; socorer qualquer dos associados no caso de desastres ou invalidez, atendendo sua família em suas necessidades, quando solicitadas, manterá ainda um departamento de Assistência Social, com a finalidade de interessar-se, sempre que for solicitada e necessária, pela internação de doentes em hospitais, tanto nesta como em outras cidades, auxiliando-se nas despesas de transportes, quando se tratar de pessoas reconhecidamente pobres, devendo ser criado um “Fundo Especial”, que será destinado ao “Natal da criança pobre”, que promoverá em sua sede social, cujo “Fundo” deverá ser utilizado também em donativos às Obras de Assistência da cidade, desde que funcionem legalmente, sem distinção de religião, sendo

vedado, terminantemente, a intromissão da Associação em qualquer assunto político.” (VIEIRA, 1973, p. 170).

Ainda em Viera (1973, p. 171), em 1959, novamente é alterado o nome da Associação para Associação Japonesa do Brasil em Marília. Em 1960, a diretoria da Associação foi totalmente renovada e, no final do ano de 1962, teve seu nome alterado passando a se chamar Associação Cultural Nipo-Brasileira de Marília. Seus estatutos foram mais uma vez reformulados, dessa vez, os objetivos eram “promover entre os sócios o sentimento de solidariedade e defesa dos interesses de todos os sócios em geral; manter o intercâmbio entre cultura japonesa e a cultura nacional; desenvolver a confraternização entre os cidadãos brasileiros sem distinção racial; incrementar as atividades produtivas em geral; intensificar as atividades educacionais e instrutivas; primar pelo bem-estar da entidade.

Além da escola japonesa, a Associação contava com várias atividades durante o ano. A principal festividade realizada era a Exposição Agropecuária que acontecia sempre no fim do mês de maio ou no início de junho. Havia exposição de vários produtos agrícolas e também com mostra de *ikebana*, a arte de montar arranjos de flores, *poesias (hai-kai)*, quadros e objetos de artesanato japonês e um serviço de bar. Esta festa também era contada como uma festa anual do município de Marília. No início do ano, promovia-se a festa de ‘inauguração do Ano Novo’ (*shin-nen*). No dia 29 de abril havia a comemoração do aniversário do imperador (festa de *Tenchosetsu*) e, anualmente, em agosto, realizava-se o *undo-kai* - uma gincana com diversas modalidades de esporte. Além disso, havia mensalmente exposições de filmes japoneses e, ocasionalmente, palestras e conferências em japonês.

Vieira (1973, p.179), aponta que,

A Associação Nipo-Brasileira de Marília é reconhecida como órgão representativo dos japoneses pelas autoridades brasileiras que pedem o concurso da sua Diretoria quando surgem problemas ou questões que envolvem os japoneses do município. A associação é, pois, canal de comunicação com a sociedade brasileira; com efeito, as autoridades municipais recorrem a ela para resolução de problemas com japoneses.

Essa associação foi o berço do Nikkey Clube. No dia 23 de agosto de 1989, surgia a oportunidade de expandir as atividades do Clube, pois havia uma área de terras de 12 (doze) alqueires paulistas, localizado na Zona Norte da cidade, na Rua

Benedito Alves Delfino, ainda sem número, que interessava ao Clube, mais não havia dinheiro para isso. Um dia, em uma conversa informal com um grupo de diretores da indústria *Sasazaki* e outras pessoas, o Sr. *Kenji Shimbo* teve a ideia de juntar todos os que estavam presentes para comprar o referido terreno com as economias do grupo. O Sr. *Tochimiti Sasazaki* que, também, estava presente, aprovou de imediato e conclamou a todos que pudessem aderir àquela causa, uma vez que era altamente benéfica ao Nikkey Clube. Assim, com as doações dos associados e com o comprometimento com a missão do Clube, foi adquirida a Sede Esportiva.

A sede campestre está localizada na Avenida Benedito Alves Delfino s/nº, ao lado do Clube Banespinha, cuja área de 12 (doze) alqueires possui 5 (cinco) campos de *beisebol* e *softbol*, 2 (duas) quadras de tênis de campo, 2 (dois) campos de futebol e *gateball* e 1 (um) *stand* de tiro ao alvo, além de alojamento, refeitório, salão social e 1 (um) pavilhão para a realização de eventos medindo 900m².

Em 01 de dezembro de 1991, uma nova geração de nikkeis visando unificar e centralizar as atividades da colônia Nipo-Brasileira de Marília, foi realizada uma Assembléia Geral Extraordinária com membros de mais três entidades que já existiam na cidade, Associação Cultural Nipo-Brasileira de Marília, Esporte Clube Mariliense e Sociedade Esportiva e Cultural de Marília. Com a fusão dessas três entidades surge a atual Associação Cultural e Esportiva Nikkey de Marília, também denominada Nikkey Clube de Marília que visava uma associação mais forte e coesa, representativa da Colônia Nipo-Brasileira de Marília e que se constituísse em forte legado para as futuras gerações.

A sede social e educacional do Nikkey Clube possui 2.200m² e situa-se na Rua Paes Leme, nº 543 - *Kai Kan*, onde são realizadas diversas atividades culturais e onde funciona, atualmente, a Escola Modelo de Língua Japonesa de Marília.

O objetivo do Nikkey Clube é preservar e divulgar a cultura japonesa junto à comunidade mariliense, principalmente para os descendentes *nikkeis*, promovendo sempre o intercâmbio cultural entre o Brasil e o Japão.

Entre os eventos realizados pelo Nikkey Clube de Marília estão, a *Japan Fest*, considerada o maior festival da cultura japonesa no interior paulista, que se iniciou em 11 de abril de 2003, no colégio Bezerra de Menezes, com várias atrações como: mostra cultural, *Bon Odori* (um festival que ocorre anualmente durante o

verão para lembrar de seus antepassados), *shows* artísticos, feira de produtos artesanais, gastronômicos, comerciais e industriais, gastronomia japonesa, danças folclóricas, e o concurso de beleza *Miss Nikkey*, em que as filhas de descendentes de japoneses desfilam e concorrem ao título de *Miss Nikkey* e a vencedora local integra o concurso de beleza nacional, denominado *Miss Nikkey Brasil*.

Em abril de 2005, a *Japan Fest* passou a ser realizada no *Nikkey Club de Marília*, onde permanece até hoje, realizada todos os anos no mês de abril.

O Nikkey Clube de Marília, há até cinco anos atrás, contava seus membros por família e não por pessoa, havia 2.000 (duas) mil famílias cadastradas como membros associados. Atualmente, muitas famílias deixaram de ser membros por mudança de endereço e/ou falecimento, mas novas famílias passaram a associarem-se.

O Nikkey Clube de Marília é uma referência da cidade de Marília. Embora tenha nascido para atender aos interesses da colônia japonesa, atualmente possui associados de todas as origens e não mede esforços para promover eventos sociais e esportivos, cumprindo assim o que está determinado em seu Estatuto Social. Também conta com tradicionais festas como: a *Japan Fest* (já mencionada anteriormente), festa julhina, festival da primavera (*bon odori*), concursos de karaokê, campeonato de *basebol* e eventos da Alta Paulista composta por cidades da região como: Bastos, Junqueirópolis, Dracena, Osvaldo Cruz, Adamantina, Tupã, Irapuru, Parapuã, Pacaembu, Pompéia, Rinópolis, Lucélia, Flórida Paulista e Garça.

Percebemos que primar pela educação dos filhos e fundar escolas de língua japonesa foram o maior incentivo que os imigrantes tiveram para erguerem essa Associação e, conseqüentemente, é a razão da existência do Nikkey Clube, ainda nos dias de hoje essa escola é mantida.

Figura 4 - Logo Nikkey Clube de Marília



Fonte: a própria autora (2013)

As associações estudadas nesta pesquisa evidenciam o que procuramos dialogar com os teóricos no segundo capítulo acerca da memória, identidade e cultura. Ou seja, os lugares de memória nascem das manifestações e acontecimentos humanos em relação ao ser e estar no mundo e na forma como os indivíduos socializam suas vivências e experiências. Portanto, estudar os lugares de memória vai além da preservação do passado, pois a transmissão dessas manifestações é uma forma valiosa de manutenção da cultura e uma tentativa de manter viva a identidade de um povo.

3.3 ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA E CULTURAL OKINAWA DE MARÍLIA

Como vimos anteriormente, a maioria dos imigrantes a bordo do *Kasato-Maru* era provenientes de Okinawa. Em uma breve história de Okinawa, podemos ver que até o século XII, a história das ilhas se confundiam com as batalhas entre os minúsculos reinados pelo poder. No século XIII surge um poderoso líder que estabelece a primeira dinastia okinawana. Porém, no século XIV, a ilha volta a ser dividida e fazem-se três reinos *Hokuzan*, *Nanzan* e *Chuzan*. Em 1372, esses reinos iniciaram ligações comerciais e culturais com a China e, essas ligações, duraram aproximadamente quinhentos anos, e foram abertos laços comerciais com o Japão, Coréia e o Leste da Índia, os comerciantes desses reinos formavam o arquipélago

de *Ryukyu*. Segundo a Imigração Okinawa no Brasil (2000, p.30), a posição de *Ryukyu* no comércio internacional correspondia ao de Milão na época.

Mas, Okinawa foi invadida por *Satsuma*, uma província ao sul do Japão em 1906, e a partir daí o país se viu obrigado a pagar tributos ao Lorde de *Satsuma* por 270 anos, isso ocasionou a queda do comércio. Com o tempo, Okinawa passou a ser vista por outros países como Estados Unidos, França, Rússia e Grã-Bretanha em um lugar com potencial para ligações comerciais. Sabendo disso, o Lorde mandou a Okinawa força militares para não perder o controle das ilhas, mas não houve resultado, fazendo com que em 1879, o Japão transformasse Okinawa numa parte de seu território, o que permaneceu até a Segunda Guerra Mundial. Em 7 de setembro de 1945, Okinawa foi ocupada pelos Estados Unidos.

Após o Japão ter decretado sua independência em 1952, Okinawa permaneceu sob controle dos Estados Unidos. Em 1969, o presidente Nixon e o primeiro ministro Sato assinaram um acordo para o retorno de Okinawa ao Japão, e, no dia 15 de maio de 1972, o presidente Johnson ratificou o acordo. (IMIGRAÇÃO OKINAWA NO BRASIL, 2000, p. 31).

Apesar de Okinawa atualmente fazer parte do Japão e o japonês ser a língua oficial dos okinawanos, eles têm uma língua própria e, por causa de seu passado, sua cultura é diferente em muitos aspectos da ilha principal.

Os okinawanos são distintos dos japoneses do arquipélago nipônico pela língua e costumes e são objeto de discriminação que tem raízes numa longa história de subordinação política dos habitantes de *Ryukyu*, primeiro aos senhores de *Satsuma*, uma das províncias do Japão no período Tokugawa, depois ao governo imperial japonês. Por volta de 1941, os okinawanos “formavam o maior grupo minoritário dentro das 47 prefeituras japonesas. O preconceito corroía as relações dos okinawanos com os japoneses de *Hinshu*, *Kyushu* e *Shikoku*”. (VIEIRA, 1973, p. 76).

Toda essa discriminação tem origem na história de Okinawa. As ilhas de Ryukyu onde está Okinawa só foram anexadas e passaram a fazer parte do território japonês em 1879. Essa era uma região pobre e muito povoada, considerada a província mais agrícola do Japão. Em relação às demais regiões do Japão, a cultura okinawana evidenciada principalmente na música, dança, vestimentas, arquitetura e outras formas de arte ajudaram a formar uma identidade.

Pelo fato de a maioria dos imigrantes japoneses chegar ao Brasil entre 1926 a 1941, esses trouxeram com eles o preconceito que já existia em relação aos okinawanos. Entre os japoneses que viviam em Marília também se evidenciou esse estigma. Segundo Vieira (1973), os imigrantes de Okinawa, já no navio que os trazia ao Brasil, mantinham-se em grupos separados. Chegando em terras brasileiras, ainda se mantiveram em grupos diferenciados e continuaram separados dos outros japoneses. Pode-se inferir que essa separação se dá principalmente pelo fato das diferenças culturais existentes entre eles a começar pela língua.

Além da linguagem própria, para os okinawanos a cooperação de uns com os outros deve existir antes de qualquer coisa. Há detalhes específicos como, por exemplo, a culinária é diferente, consomem mais gordura, comem muita carne de porco e, até o *tofu*, uma espécie de queijo coalho feito de soja muito consumido no Japão, é diferente, mais mole. Além de tudo isso, a discriminação e o preconceito contra eles é sempre manifestada, sobretudo em termos raciais. Os *naichi-jin* referiam-se aos okinawanos como se eles fossem de outra raça, muitas vezes chegando mesmo a afirmar isso, porque japoneses não são peludos, eram mais brancos, mais bonitos e os rostos diferentes.

Em entrevista realizada por Vieira (1973), um *naichi-jin* disse que “os okinawanos são descendentes dos prisioneiros e condenados enviados para Okinawa, neles há todas as piores qualidades de uma raça”. No entanto, não se sabe ao certo a origem do povo okinawano, provavelmente, boa parte foi para lá através das ilhas japonesas, do norte da Ásia, parte da Mongólia, através da península coreana, sudeste asiático através das Filipinas e da costa da China. Os próprios okinawanos se denominam como *uchinanchu* que são os habitantes da ilha de Okinawa (*uchina*).

Ser “*uchinanchu*” é, na verdade, um estado de espírito. O espírito okinawano que vem se desenvolvendo ao longo de sua história, de modo tão peculiar, que o diferencia radicalmente de todas as outras províncias japonesas, como afirma a Imigração Okinawa no Brasil (2000).

Uma forte tradição de Okinawa está na dança, as apresentações públicas das danças de Ryukyu datam do século XVI. São danças apresentadas ao som de músicas muito ritmadas, sendo que a parte superior dos corpos dos dançarinos

movem-se muito pouco e quase toda expressão da dança é conferida pelas mãos, olhos e quadris.

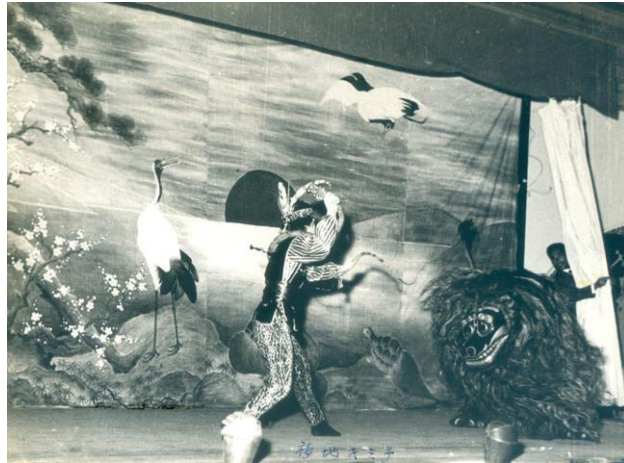
Figura 5 - Dança típica de Okinawa



Fonte: Acervo AECOM (2015)

Além da dança, o Leão *Shishi* ou leões de Okinawa, é uma outra tradição de Okinawa, encontrado quase sempre aos pares, um dos quais rosnando, mostrando os dentes, e o outro de boca fechada, segundo a lenda, eles são verdadeiros guardas de pedra, e detém pessoas não autorizadas como também desgraças e espíritos malignos, a dança dos leões tem o propósito de afastar as más energias e atrair boas vibrações.

Figura 6 - Dança do Leão



Fonte: Acervo AECOM (2015)

Como dito anteriormente, em 1930 foi fundada a Associação *Okinawa Kyokai* de Marília. Essa entidade era filiada a *Okinawa Kyokai* do Brasil que tinha sua sede em São Paulo. Porém, só foi registrada oficialmente após a Segunda Guerra, em 1952. Como os documentos referentes ao período que antecede a Segunda Guerra Mundial foram destruídos, as informações que se tem é o que alguns membros dessa associação mencionavam.

Figura 7 - Família Shimabukuro, primeiros imigrantes okinawanos de Marília



Fonte: Acervo Associação Okinawa [s/d]

Contudo, sabe-se que essa entidade ganhou impulso após a visita de um vice-almirante okinawano, que estava percorrendo a América do Sul como representante da Associação Ultramarina Okinawana (Kaigai-Kyokai), porém não se pode precisar a data pelo fato de toda essa documentação ter sido queimada, acredita-se que foi de três a quatro anos após a fundação da cidade de Marília em 1926. Esse fato levou a um aumento do número de associados. Entretanto, no período pós-guerra houve uma diminuição desse número.

No ano de 1945, após uma reunião de amigos, a Associação passou a denominar-se Associação Esportiva e Cultural Okinawa de Marília (AECOM). Tratava-se de um espaço para reunir os imigrantes conhecidos como okinawanos.

Figura 8 - Primeiras reuniões de Okinawanos, Chácara Nishihara



Fonte: Acervo Associação Okinawa [s/d]

“A *Okinawa Kyokai* de Marília é, pois, a associação dos okinawanos, reunindo todas as famílias “como uma só pessoa” (VIEIRA, 1973, p. 183), tendo em vista a solidariedade e a união dos okinawanos, procura amparar e acolher famílias okinawanas necessitadas, por exemplo, quando algum okinawano esta em dificuldades, a diretoria é informada e procura ampará-lo com auxílios vindos de todos os associados, se solicitada ela atende aos que a ela recorrem. Quando algum okinawano falece, todos são avisados e comparecem para auxiliar nas despesas e nos preparativos do velório. A Associação promove diferentes tipos de atividades, dentre elas o tradicional *undo-kai*, uma gincana, que é realizada anualmente no dia

1º de maio. Anualmente também havia as disputas de *sumô* - uma modalidade de luta japonesa antiga, exposições de cinema e concursos de oratória.

Figura 9 - Undo kai Fazenda Cascata



Fonte: Acervo AECOM (1983)

Nos primeiros anos dessa associação eram realizados também campeonatos de *sumô*, como vimos anteriormente, porém, mesmo os representantes de Marília sempre irem disputar as finais em São Paulo, acabou porque havia poucos lutadores na cidade, exposições de cinema, feitas no *Kai-kan* espaços onde os imigrantes reúnem-se para confraternizar *kai* = associação *Kan* = casa grande, ou em outro lugar público, no mês de fevereiro, realizava-se o concurso de oratória, elaborado pela parte responsável pela educação, mas, com o tempo, essas competições dos primeiros anos foram acabando e, atualmente, não existem mais. Essas atividades foram importantes para manter a cultura japonesa na cidade de Marília, e na manutenção da solidariedade, do entrosamento e união entre os povos.

Figura 10 - Undo kai Estádio Fragata



Fonte: Acervo AECOM (1987)

As atividades realizadas pela AECOM não mudaram muito desde que era chamada *Okinawa Kyokai* de Marília. Em suas principais atividades estão, o *Undokai*, uma gincana esportiva familiar, que foi realizada pela primeira vez em 1951 e que até os dias atuais ocorre anualmente no dia 1º de maio. Essa festividade existe desde os primeiros tempos da associação e foi a única atividade desenvolvida por japoneses que não foi interrompida no período da guerra. Segundo Vieira (1973, p. 183), a principal finalidade do Undokai é “fazer sentir a unidade dos okinawanos e alegrar os velhos”; o Okinawa Sobá, macarrão japonês que pode ou não ser misturado com outros ingredientes, realizado pela primeira vez em 2007; e o grupo de taikô, Tambores do Japão, que tem o nome Requios Geinou Doukoukai e faz apresentações desde 2006, fortalecendo a cultura japonesa na cidade.

Figura 11 - Primeira aula de taikô realizada na AECOM 2006



Fonte: Acervo AECOM (2006)

Figura 12 - Primeira aula de taikô na AECOM 2006



Fonte: Acervo AECOM (2006)

Atualmente, a AECOM mantém dois eventos regulares, *Undokai* e *Okinawa sobá*, além do grupo de taiko, que realiza apresentações nos eventos da própria Associação e atende a convites de diversas festas na região.

3.4 INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E DOCUMENTO: OS ACERVOS DAS ASSOCIAÇÕES

Sabemos que, historicamente, a produção e reprodução da cultura se dão pelo modo informacional, ou seja, os costumes e crenças são passados de um indivíduo para o outro por meio das histórias contadas por seus ancestrais e dos registros produzidos a partir dessas memórias. Nessas sociedades, a prática social usada para a disseminação da cultura pode ser considerada uma prática informacional, pois em toda interação humana há a necessidade de geração, organização, transferência e mediação de informação para que as histórias sejam disseminadas.

De acordo com Araújo (2001, p. 31),

As práticas informacionais caracterizam-se através das seguintes ações: recepção (como ação de seleção), geração (como atividade de reapropriação, no sentido de agregar valor à informação) e transferência de informação (como ação de socialização da informação). Destaca que a informação deve ser gerada, transferida e recebida através de um processo educacional coparticipativo, possibilitando com isso a formação de um sujeito social com capacidade de desenvolver consciência de si e do mundo e, a partir daí, seja capaz de implementar ações políticas em diferentes níveis, desenvolvendo assim, uma cidadania ativa, ou seja, lutando pela possibilidade de criação, transformação e controle sobre o poder.

Desse modo, entende-se que quando um sujeito acessa uma informação, ele seleciona o que irá ou não utilizar de cada conteúdo. Com essa seleção, o indivíduo pode gerar uma nova informação e transferi-la a outros, agregando conhecimento, numa reapropriação do que foi acessado, ou seja, dando outro sentido e gerando uma nova informação e, conseqüentemente, um novo conhecimento.

Para que a cultura de um grupo não desapareça e sua identidade se transforme a tal ponto que deixe de ser sua representação, é natural que os indivíduos que fazem parte desse grupo guardem alguns materiais relativos à memória, como documentos de variados tipos: cartas, fotos, atas, objetos etc., que

são importantes fontes históricas e de informação. Documentar, pois, é uma forma de materializar a memória mediante objetos físicos, gerando suportes materiais de informação.

A construção e escrita de muitas histórias são baseadas em documentos físicos, guardados ao longo do tempo. O documento é, portanto, uma espécie de prova, testemunho que a memória coletiva utiliza para construir uma história. Podemos afirmar que o registro físico de um fato ou acontecimento é, dessa forma, de fundamental importância para a história.

Segundo Le Goff (1992, p. 535), “a memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de matérias: os *documentos* e os *monumentos*”.

O termo latino *documentum*, derivado de *docere* ‘ensinar’, evoluiu para o significado de ‘prova’ e é amplamente usado no vocabulário legislativo. É no século XVII que se difunde, na linguagem jurídica francesa, a expressão *titres et documents* e o sentido moderno de testemunho histórico data apenas do início do século XIX. O significado de “papel justificativo”, especialmente no domínio policial, na língua italiana, por exemplo, demonstra a origem e a evolução do termo. O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. A sua objetividade parece opor-se à intencionalidade do monumento. Além do mais, afirma-se essencialmente como um testemunho *escrito* (LE GOFF, 1992, p. 536).

Para Bellotto (2004, p. 35),

Segundo a conceituação clássica e genérica, documento é qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico, ou fônico pelo qual o homem se expressa. É o livro, o artigo de revista ou jornal, o relatório, o processo, o dossiê, a carta, a legislação, a estampa, a tela, a escultura, a fotografia, o filme, o disco, a fita magnética, o objeto utilitário etc., enfim, tudo o que seja produzido, por motivos funcionais, jurídicos, científicos, técnicos, culturais ou artísticos, pela atividade humana.

Podemos perceber, assim, que o documento pode estar em diversos formatos e, independentemente de sua materialidade, foi criado para fornecer dados e informações existentes. A especificidade para a qual o documento foi criado é que vai determinar seu uso, seu destino e se será ou não armazenado para que sejam preservados o processo social, cultural e administrativo de uma sociedade de modo que estes possam provar, testemunhar fatos vividos na história dos indivíduos.

De acordo com Le Goff (1992, p. 535),

A palavra latina *monumentum* remete para a raiz indo-européia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monere* significa ‘fazer recordar’, de onde ‘avisar’, ‘iluminar’, ‘instruir’. O *monumentum* é um sinal do passado.

Um monumento é tudo aquilo que pode nos remeter ao passado, fazer viva nossas recordações de fatos vividos, tornar conhecido e valorizado um tempo em nossas memórias. Os monumentos estão relacionados especialmente a lugares, acontecimentos e a outros símbolos do passado que nos auxiliam a lembrar e a não esquecer.

O historiador Le Goff (1992, p. 546), esclarece que,

A história, na sua forma tradicional, dedicava-se a ‘memorizar’ os *monumentos* do passado, a transformá-los em *documentos* e em fazer falar os traços que, por si próprios, muitas vezes não são absolutamente verbais, ou dizem em silêncio outra coisa diferente do que dizem; nos nossos dias, a história é o que transforma os *documentos* em *monumentos* e o que, onde dantes se decifravam traços deixados pelos homens, onde dantes se tentava reconhecer em negativo o que eles tinham sido, apresenta agora uma massa de elementos que é preciso depois isolar, reagrupar, tornar pertinentes, colocar em relação, constituir em conjunto.

Documentar as ações humanas por meio de registros em suportes físicos resulta na materialização da informação, que a torna manipulável, classificável e codificável para que seja acessível, independentemente do tempo e do espaço. Nesse sentido, a invenção da imprensa no século XV muito contribuiu com as dimensões técnicas de criação, organização e preservação de documentos, acervos e arquivos para a história.

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. (LE GOFF, 1992, p. 548).

Inferre-se que um acervo documental representativo de uma memória social, pode estar em vários locais e em diversos suportes, e eles podem dizer muito sobre a cultura e a história das pessoas e dos lugares nos quais estão inseridas.

Em pesquisa realizada na Associação Nikkei Clube de Marília, percebeu-se que, apesar dessa Associação promover vários eventos anualmente, somente são confeccionados folders de divulgação do *Japan Fest*. Há também um Caderno do XXXI Campeonato Brasileiro Inter Clubes Infantil de basebol realizado nos dias 28, 29 e 30 de novembro de 2014 e o 65º Campeonato Brasileiro Intercolonial de Tênis de Mesa, que foi realizado entre os dias 23 a 25 de janeiro de 2015. Além disso, no acervo estão as atas datadas de 1991 a 2016.

Em ata de 01/12/1991 os membros do Conselho Deliberativo e os associados em geral da “Associação Cultural Nipo-Brasileira de Marília” deliberaram:

1º Mudança de denominação da Entidade para “Associação Cultural e Esportiva Nikkey de Marília” ou Nikkey Clube de Marília.

2º Incorporação para efeito de unificação das Entidades “Esporte Clube Mariliense” e “Sociedade Esportiva e Cultural de Marília”.

Alteração dos estatutos Sociais. Foi explanado os itens acima, bem como da necessidade de unificar as entidades existentes em Marília, ou seja, a própria “Associação Cultural Nipo-Brasileira de Marília” com o “Esporte Clube Mariliense” e com a “Sociedade Esportiva e Cultural de Marília, a fim de formar uma associação forte coesa e acima de tudo a unidade entre os associados, deixando assim uma base patrimonial-financeira sólida para os nossos descendentes, tendo em vista que os dirigentes e os associados das três entidades se confundem, todos pertencendo e trabalhando em prol das entidades supra mencionadas, cujo objetivos são idênticos e afins, após discussão e debates, colocou em votação onde obteve 71 votos a favor da unificação e um voto de abstenção, ficando assim aprovado a mudança de denominação social para “Associação Cultural e Esportiva Nikkey de Marília” ou simplesmente Nikkey Clube de Marília.

Da denominação, fundação, sede fins e duração.

Tem por fim:

I - Promover as atividades educacionais e culturais, mantendo sempre o intercâmbio e atividades entre a cultura nacional e a japonesa, sempre com o espírito fraterno, primando pelo bem estar dos associados e da comunidade.

II - Promover o desenvolvimento das atividades sociais, amparo social e atividades recreativas.

III - Difundir e promover a prática de todos os esportes amadores, olímpicos ou não, competitivos e recreativos, bem como os exercícios físicos e atléticos.

§ único- Fica terminantemente proibida a prática de jogos de azar e atividades ilícitas no recinto do “N.C.M.” (Nikkey Clube de Marília).

3º O “N.C.M.”, terá sua duração por tempo indeterminado e somente poderá ser dissolvido por decisão de 2/3 dos sócios em pleno gozo

de seus direitos, reunidos em Assembléia Geral Extraordinária, convocada para essa finalidade.

§ único- Em caso de dissolução do “N.C.M.”, todo seu patrimônio líquido será dividido entre as instituições de beneficiência, legalmente constituídas e existentes de fato, em funcionamento na cidade de Marília, cuja a distribuição far-se-a obedecendo o critério que a Assembléia estabelecer.

4º O “N.C.M.”, adota nos seus uniformes, pavilhão e flâmulas, as cores branca, vermelha e azul.

Quadro 1 - Resumo dos conteúdos das Atas

Data da Ata	Deliberação
01/04/1996	Nomeado o Conselho Deliberativo e a Chapa Integração foi eleita para o período de 1996 a 1998
03/04/1998	Nomeado novo Conselho Deliberativo e a Chapa Integração foi reeleita para o período de 1998 a 2000
31/03/2000	Nomeado um novo Conselho Deliberativo e foi eleita a Chapa União 2000 para o período de 2000 a 2002
22/03/2002	Nomeado Conselho Deliberativo e a Chapa União 2000 foi reeleita para o período de 2002 a 2004
20/12/2003	Reforma do Estatuto Social
30/03/2004	Nova eleição do Conselho Deliberativo e Fiscal a Chapa Renovação 2004 foi eleita para o período de 2004 a 2006.
30/03/2006	Nova eleição do Conselho Deliberativo e Fiscal, eleita a Chapa Integração 2006 para o período 2006 a 2008.
31/01/2008	Eleição do Conselho Deliberativo e Fiscal. Novamente eleita a Chapa Integração para o período de 2008 a 2010.
28/01/2010	Eleição do Conselho Deliberativo e Fiscal. Eleita a Chapa União para o período de 2010 a 2012.
17/12/2013	Eleição do Conselho Deliberativo e Fiscal. Eleita a Chapa União para o período de 2013 a 2015.
(Sem data precisa) Início de janeiro 2016	Nova eleição do Conselho Deliberativo e a Chapa União foi reeleita para o período de 2016 a 2017.
15/12/2011	Houve uma reforma parcial do Estatuto Social, renovando 1/3 dos membros do Conselho Deliberativo e a Assembléia Geral passa a se reunir de dois em dois anos na primeira quinzena de dezembro para eleição.

Fonte: a própria autora (2016)

O Estatuto Social foi reformado em 20 de dezembro de 2003. Destacando, conforme ata,

A “Associação Cultural e Esportiva Nikkey Clube de Marília” fundada pela coletividade Nipo-Brasileira de Marília, com registro em 01/04/1935, com denominação de “Associação Japonesa de Instrução de Marília, em 20/11/1959 passou a denominar-se “Associação Japonesa do Brasil em Marília” em 14/05/1963 passou a denominar-se “Associação Nipo-Brasileira de Marília” e, em 07/02/1992 foi registrado com denominação “Associação Cultural e Esportiva Nikkey de Marília”.

Em seu estatuto foi acrescentado que em caso de dissolução do “N.C.M.”, o acervo que constitui o “Memorial do Imigrante Japonês em Marília”, será doado a prefeitura de Marília para os Registros Históricos de Marília, a fim de perpetuar esta memória.

As atas anteriores a 1991 não estão no acervo, evidenciando que se perderam. E as informações constantes nas atas pesquisadas, observa-se que são bem pontuais, se referindo principalmente a eleições dos conselhos consultivo e fiscal.

A Associação só tem registros após a incorporação das entidades. Estas estão guardadas e organizadas no acervo da própria Associação, juntamente com as fotos e folders de divulgação. Para ter acesso a esses documentos, é necessário formalizar pedido junto a diretoria do Clube e o mesmo será discutido em Assembleia e juntamente com os membros será tomada a decisão de liberar o acesso ou não.

Mesmo considerando o desaparecimento de muitos documentos administrativos, como as atas, infere-se que a preservação do acervo da Associação Cultural e Esportiva Nikkey Clube de Marília é de grande importância para a cidade, bem como para a preservação da memória e cultura japonesa na região, como um dos meios com que a cultura dos seus antepassados será repassada aos mais jovens, podendo contribuir com a perpetuação da identidade e das tradições do grupo, conforme era a vontade dos antepassados.

A Associação Esportiva e Cultural Okinawa de Marília (AECOM) não utiliza nem um tipo de classificação/catalogação na organização e gestão dos seus documentos. Algumas fotos, vídeos e atas estão guardados com os associados e antigos presidentes em suas residências. Tivemos acesso a algumas dessas fotos e imagens durante a pesquisa ao contactar com os seus guardiões. Não tivemos

contato com as atas da Associação, com a justificativa de que as mesmas contêm informações sigilosas referentes a entidade e a seus sócios.

Além dessas dificuldades relatadas em acessar os documentos, esse fato se torna ainda mais restritivo à pesquisa porque, durante um incêndio, muitos documentos foram perdidos e só tivemos acesso a informações sobre esse período através das entrevistas que foram realizadas.

4 AS MARCAS DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE NA VOZ DOS DEPOENTES

Quando não há documentos, nem registros físicos de uma história vivida, recorreremos aos registros na memória dos indivíduos para que, assim, possamos reconstituir a parte que foi perdida, deixando para as gerações posteriores informações de um passado importante que, muitas vezes, corre o risco de desaparecer. Para tal, costuma-se recorrer à história oral como metodologia que permite, através da voz, produzir registros/documentos oriundos, por exemplo, da memória de imigrantes, de identidades étnicas, de fatos e acontecimentos que podem contribuir com a pesquisa científica e com a história social de um povo.

Como procedimento democrático, a história oral se presta a atender a todas as camadas sociais, ainda que exista um segmento que lute para que seja, preferencialmente, uma atitude devotada aos segmentos que não tem documentos escritos. No caso dos silenciados pela oficialidade documental escrita, ela se abre a alternativas mais completas do que para as elites, que podem fornecer outras linhas de estudo. De qualquer forma, a história oral deve sempre ser uma referência documental. Além, no entendo, de seu valor documental, viabilizado pela gravação (que guarda a modulação da voz, as variações linguísticas, as alterações emocionais e a situação da entrevista), o depoimento precisa ser vertido para a linguagem escrita a fim de facilitar o entendimento, a reflexão e os estudos sobre o trânsito e as transformações de um estado para outro. (MEIHY, 2002, p. 98).

Para Cunha (2011, p. 109), “A expressão oral pode existir – na maioria das vezes existiu – sem qualquer escrita; mas nunca a escrita sem a oralidade.” Quando não existia escrita toda a história de um povo era passada oralmente, dos mais velhos aos mais novos, de uma memória para outra, fazendo do passado uma reconfiguração do tempo presente. Porém, as recordações registradas, por meio de narrativas e depoimentos, podem produzir importantes documentos para a constituição de acervos memorialísticos, percorrendo temporalidades importantes à reconstituição da memória.

Segundo Zilberman (2006), “a narrativa constitui, pois, o espaço em que a memória se manifesta, tomando toda recordação a forma de um relato retrospectivo.” É, portanto, uma via singular para definir pontos de articulação entre o dito e o escrito, a vida cotidiana e o passado.

A partir dessas reflexões acerca da importância da narrativa para a constituição de acervos memorialísticos, bem como para a reconstrução de percursos historiográficos, muitas vezes silenciados por diferentes motivos, sejam eles culturais, sociais ou políticos, é que fomos buscar na voz dos depoentes a trajetória da imigração japonesa para São Paulo, especificamente para a região de Marília, e os motivos que levaram à fundação das associações nessa cidade.

Em geral, fazer as pessoas falarem sobre o seu passado e suas histórias de vida não se constitui tarefa das mais fáceis, principalmente se as memórias desses indivíduos estiverem relacionadas a fatos marcantes, como a imigração japonesa para São Paulo e seus decentes. Pudemos perceber isso ao longo dessa trajetória de pesquisa. Entrevistas foram agendadas e desmarcadas; outras, tivemos que percorrer um longo processo de conquista para o depoente sentir-se confortável e confiante para falar e, algumas planejadas em nossa metodologia, sequer chegaram a acontecer.

A princípio, propomos, nesta pesquisa, entrevistar três jovens, três adultos e três idosos de cada uma das associações. Assim, seriam ao todo, dezoito entrevistados. Porém, encontramos várias dificuldades em localizar jovens com o perfil especificado anteriormente na Associação Nikkey Clube de Marília. Isso nos leva a refletir se há pouco interesse por parte das novas gerações em manter as tradições e a cultura dos seus antepassados japoneses. Entre os idosos da Associação Nikkey Clube de Marília, somente dois se dispuseram a colaborar com a pesquisa. Já na Associação Okinawa de Marília, foi possível entrevistar a todos os perfis propostos, porém um dos jovens entrevistados não houve relevância em sua fala.

A partir do silêncio, do olhar e da voz de cada depoente, também foi possível contar um pouco da trajetória da cultura e da identidade japonesa em Marília, elementos que, até hoje, edificam a existência das duas associações. *“Bom... Acho que faz bastante tempo, e eles vieram para cultivar algodão e agricultura no geral.”* (Guilherme Tukasan). Destaca o depoente ao falar sobre a memória do trabalho que é tão forte na vida dos decentes na cidade.

Assim, fundar associações foi uma das formas encontradas de se manterem unidos no país estranho que passara a ser o novo lar. E, ao falar sobre a Associação Okinawa, o jovem Vitor Takahashi Higa, que é filho de associados ressalta:

A Associação Okinawa teve início há mais ou menos uns 80 anos, quando as primeiras famílias começaram a vir pra cá. [...] Um dos fundadores foi o Shimabukuro, se não me engano.

Bom, como vieram algumas famílias de Okinawa pra cá ne... eles antigamente se juntavam nas casas para matar as saudades, para unir as famílias e pra matar a saudades que tinham da casa deles, lá no Japão né...e eles normalmente faziam as reuniões nas casas. Iam variando assim, na casa de um, na casa de outro. [...] Eles se reuniam nas casas e assim eles iam discutindo algumas formas de melhorar o cultivo, essas coisas, agora o nome do dono da primeira casa eu não vou saber informar.

Devemos informar que Vitor é um brasileiro que foi adotado recém-nascido por um casal de descendentes, e que herdou dos pais adotivos a cultura e identidade japonesa, hoje ele se reconhece como um descendente.

As informações fornecidas pelos mais jovens são sempre mais genéricas. São histórias que escutaram em família, tendo inclusive, alguns deles, estudado antes da entrevista. Em alguns casos, como o do José Roberto, pai do Guilherme, a história familiar é lembrada justamente pelas condições específicas que ocorreram.

Que eu tenho informação é que logo depois da Segunda Guerra Mundial no caso do meu avô, ele foi literalmente expulso de Santos por que quando o navio veio ele ficou lá, fez moradia em Santos, eu busquei a informação de qual navio que ele veio, consegui, mas, não estou lembrando agora que navio era. Aí, ele aportou em Santos e ficou morando lá, aí quando teve a Segunda Guerra Mundial eles foram expulsos para não ter contato com os japoneses que chegavam e os que estavam aqui. Aí, saíram de Santos e vieram para o interior de São Paulo porque tinham a informação que aqui tinha plantação de café, lavoura, e vieram a procurar trabalho. Também havia o fato de que os descendentes de Okinawa estavam todos vindo para cá, e foi aí que começou a vinda de okinawanos para Marília, logo depois da Segunda Guerra. (José Roberto Tukasan)

Nenhum dos entrevistados soube informar ao certo quando os descendentes da ilha de Okinawa vieram para o Brasil, como ocorre com a senhora Yoshi Matsumoto ao afirmar: “Ah, eu não sei, mas eu não fui uma das primeiras, apesar de ter 102 anos.”

Outro ponto comum, sustentando em várias falas, é o fato de que os japoneses vieram para o Brasil em busca de um sonho e encontraram uma ilusão.

[...] Eu entendi que a história foi assim, eles venderam uma ilusão para eles tanto para os japoneses de Tokyo, como os de Okinawa que aqui era uma terra rica, como hoje acontece ao contrário, os

descendentes estavam indo pro Japão pra ganhar dinheiro, eles vinham para o Brasil para ganhar dinheiro. (José Roberto Tukasan)

Aspecto interessante é que a questão econômica varia de acordo com a idade dos entrevistados, sendo mais presente entre idosos e adultos que detalham mais as motivações da imigração e ressaltam que esse foi o principal elemento de atração.

Com os relatos das entrevistas e as leituras que foram feitas, percebeu-se que uma das primeiras famílias okinawanas a vir para Marília foi a família Shimabukuro. Outras famílias que, eventualmente são lembradas, não têm registro nas atividades da associação ou na memória da maior parte de seus membros. *“Uma das primeiras famílias eu acho que foi a família Shimabukuro, e elas vieram com intenção do cultivo, ver se aqui conseguia mais dinheiro.”* (Vitor Takahashi Higa).

O senhor José Roberto Tukasan acrescenta: *“Para Marília eu não sei exatamente quais as famílias, mas algumas famílias eu sei. Família Nishihara, então assim, deve ter uma relação com os primeiros que vieram.”*

Os okinawanos, provenientes de uma ilha que está localizada ao sul do Japão, vieram para o Brasil com o intuito de ganhar algum dinheiro e retornar ao país de origem. Pelo fato de seus costumes serem diferentes e possuírem um dialeto próprio foram, por várias vezes, discriminados, como já se destacou anteriormente. De acordo com os entrevistados, o povo okinawano é caracterizado por prezar muito a união entre eles e o respeito pelos idosos e antepassados. O isolamento entre a ilha de Okinawa e o restante do Japão é enfatizado pelos depoentes, como uma característica do grupo.

São pessoas vindas de Okinawa que vieram com intuito de produzir algodão, produzir horti fruit. (Vitor Takahashi Higa)

São originários da ilha de Okinawa, que é localizada ao sul do Japão, e antigamente eles eram um pouco mais afastados do Japão, mas, hoje estão mais integrados. (Guilherme Tukasan)

Quem somos nós? Somos da ilha de Okinawa, eu sou nissei, meus pais são de Okinawa, eles vieram para o Brasil e eu nasci aqui. (Júlio Eiti Fukuji)

Nós temos a língua um pouquinho diferente do resto do Japão. (Yoshi Matsumoto)

São pessoas que dão muita atenção e são alegres, carinhosos e receptivos. (Hide Minei)

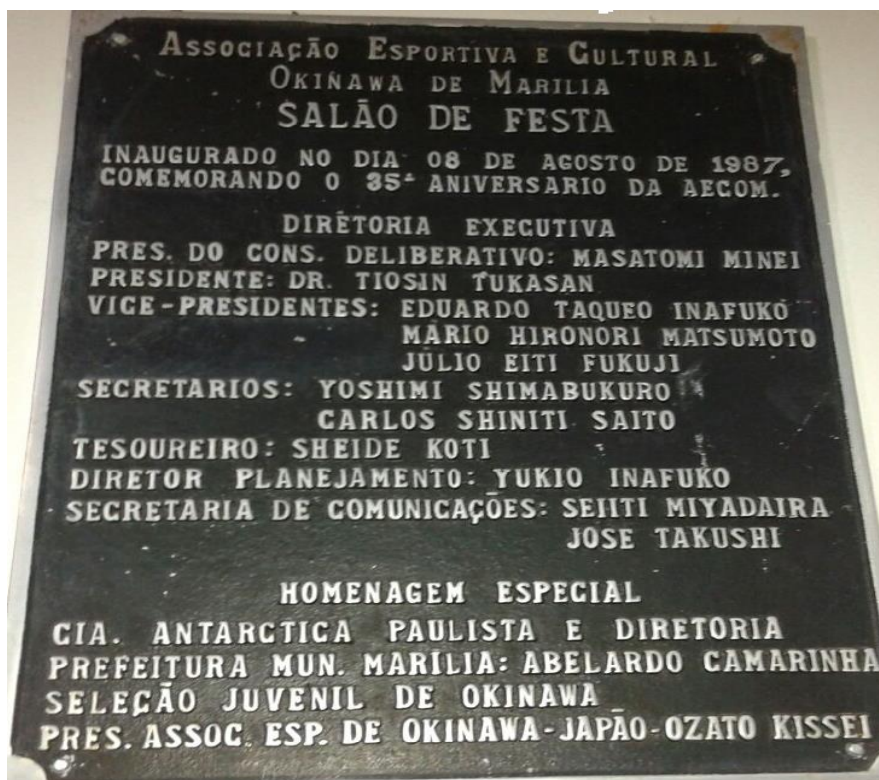
Ao descrever traços da identidade e da cultura dos okinawanos, Dona Hide, por exemplo, ressalta o lado caloroso desse povo. Ela, que foi esposa do senhor Masatoshi Minei (Júlio), destaca ainda que o marido foi o idealizador da AECOM de hoje. Por intermédio dele, foi adquirido o terreno para a construção da sede da associação. Segundo os depoentes, a Associação foi criada para unir japoneses e descendentes para “[...] preservar a cultura de Okinawa. Primeiro eram poucas famílias que se reuniam para preservar essa cultura, depois foi aumentando.” (Guilherme Tukasan).

José Roberto Tukasan, um entrevistado, é filho do senhor Tiozin Tukasan um dos fundadores da AECOM, que foi presidente durante várias gestões. Por motivo de doença ele precisou se afastar e o filho assumiu a presidência a partir de 2008. A proximidade com a administração da Associação trás também maior volume de informações. Ele conta com muitos detalhes a evolução da AECOM.

A princípio, eu fiquei sabendo que existiam três entidades, inclusive o Okinawa não fazia parte, mas foi convidado a fazer uma unificação das três. Mas, na época, falamos que não daria pelo motivo de que já tínhamos uma sede própria e também porque a cultura é diferente e nós queríamos manter a cultura de Okinawa mesmo. E não é que não queríamos unir, queríamos ter uma sede própria, ter a própria cultura preservada que se você for dar uma olhada é diferente. Eu sei que eles faziam reuniões na chácara de um okinawano que era da família Nishihara, eles faziam reuniões lá, bailes e jogavam futebol. Tinha até um nome que eles inventaram UCEM, que na década de 60 foi bastante conhecido, principalmente no ano de 1964 e 1965 que eles foram campeões na várzea, de futebol, foram campeões e tinham o maior respeito e, se não me engano, na época eles ganharam até do Marília, só que era um time misturado, tinha descendentes mais também tinha brasileiro. E, assim, começou a Associação com as reuniões na chácara da família Nishihara, e inclusive meu pai foi presidente dessa associação, que antigamente tinha o nome de UCEM [Seu pai então foi presidente da UCEM?] Sim, mas ele também foi presidente do Okinawa, eu tenho uma informação que não sei se é totalmente certa, conversando com uns membros mais antigos eles disseram que o primeiro presidente foi um médico chamado Taminato, mas como ele foi embora para São Paulo, meu pai assumiu a presidência desse clube que tinha esporte, parte social e lazer, e que o auge foi em 64-65 que foram campeões. [...] Tem uma placa no Okinawa que tem o nome de todos certinho, eu prefiro não falar os nomes para não esquecer de nenhum, mas aquela placa que esta lá são os fundadores mesmo. (José Roberto Tukasan)

Embora exista uma placa na sede com o nome de todos os fundadores, os entrevistados evitam citar nomes.

Figura 13 - Placa da entrada da sede da AECOM



Fonte: a própria autora (2016)

Os detalhes do início da primeira associação, antes mesmo da formalização, só está presente na fala dos mais antigos, como veremos. Isto demonstra que a informação mais completa se não for registrada perde-se com o tempo na memória individual. Entre o dito e o escrito, há marcas de uma narrativa de um contexto compartilhado entre os que viveram uma mesma época. E, alguns detalhes sobre a criação e existência da Associação são encontrados somente nas palavras dos depoentes.

A primeira sede foi na chácara da família Nishihara, começou ali como um clube de futebol, com a parte social que fazia os bailes e logo depois de 1964 -1965 tinham uns irmãos e todos foram para São Paulo, então aí acabou esse time de futebol, e ficou só os eventos sociais, mas com o tempo foi acabando também. [E onde era essa chácara?] É ali na Palmareis, existe até hoje, não é mais da família, mas existe ainda, não sei se está totalmente intacta, mas o pessoal que eram de Marília e foram embora, quando voltam para passear

dão uma passada lá para dar uma olhada. Ali tinha até um rio, lá embaixo é bem antigo mesmo. (José Roberto Tukasan)

Começou em um bar, na esquina da farmácia, e eles compraram a chácara para lazer deles, e acabou virando para associação, e ele (Julio Minei) fazia um campeonato de futebol com crianças e entre farmácias no terreno antes de virar da associação AECOM. Começou porque ele (Julio Minei) gostava muito da cultura de Okinawa. No começo foi muito difícil no começo, e houve muita discriminação. O dinheiro, recursos para comprar os mantimentos, coisas para a associação vinham dos associados. Os fundadores foram ele (Julio Minei), Dr. Tiozim, Yuki Inafuco, Iseiji. (Hide Minei)

No começo era no bar Shimabukuro. Para fazer eventos iam na Chácara do Júlio Minei, quando era no bar, era só minoria, eram os issei, os mais antigos, eles faziam reunião e falavam que eram associação Okinawa, mas era só de boca, não tinha registro nada disso, era mais uma reunião de amigos, depois do bar fomos no Kai-kan porque o Júlio Minei percebeu que isso estava acabando e teve a ideia de abraçar a causa e crescemos um pouco. E o bar já não cabia mais e pediu licença para usarmos o Kai-kan fazíamos até eleição da diretoria lá. Na chácara do Júlio íamos para jogar bola e fazíamos reunião lá também. A Associação não foi criada, o Júlio Minei quem deu continuidade a uma coisa que já existia desde que chegaram os primeiros okinawanos aqui, ele se preocupava muito em manter a AECOM. Aí chega o futebol no Okinawa, a UCEM (União Cultural e Esportiva de Marília) tinha um time de futebol muito forte, jogaram até no Estádio Municipal, mas ele era muito desprezado pelos brasileiros, quando íamos jogar bola eles chingavam a gente, e nessa época, o Dr. Tiosin, no lugar de brigar ele apaziguava a torcida inimiga, o time foi bi-campeão, todo mundo gostava. Nós, os okinawanos, somos muito unidos, e se convidasse para participar eles viam, por que ninguém queria ficar de fora, não havia preconceito nenhum, alguns probleminhas tinham, assim como em todo lugar tem, mas sempre que há um problema a gente faz a conciliação. (Júlio Eiti Fukuji)

Cada entrevistado conta detalhes do que lhe é mais próximo, das memórias de que, alguma maneira, ele participou ou representa algo a mais, como é o caso do José Roberto. Além dele, somente os mais idosos relatam o início da Associação.

Naquela época não havia Associação, tinha uma ou outra reunião só de homens e meu pai estava no meio sim e pagava uma mensalidade. (Júlio Eiti Fukuji)

Começou com os homens, as mulheres não iam, meu marido ia, mas as mulheres iam só quando tinha undokai ou alguma festa que precisava cozinhar, não podia ficar no meio dos homens como hoje. Hoje as mulheres já frequentam até as reuniões. A matriz era em São Paulo e foram trazendo para o interior, mas como nessa época só os homens se reuniam, eu não sei dizer, mas como já tinha o Nikkey acho que eles resolveram fazer uma associação só para os okinawanos. (Yoshi Matsumoto)

A senhora Matsumoto deixa claro que as mulheres, naquela época, não participavam das associações ativamente. Somente quando havia algum evento em que elas precisavam ajudar, principalmente cozinhando. Além disso, as mulheres também acompanhavam o marido, em um espaço cujo nascedouro foi completamente destinado ao público masculino.

Depois a Guerra que começou a AECOM, aí eu ia lá porque meu marido sempre ia, sempre tava lá, meu marido naquele tempo era secretário da AECOM. (Yoshi Matsumoto)

Ouvindo os depoimentos, percebe-se que a Associação está presente na vida dos mais jovens, especialmente em razão das atividades esportivas e culturais. Estes, tiveram os primeiros contatos devido a interferência dos pais, porém essa influência fez com que eles mantivessem o elo.

Comecei a ter contato mais ou menos lá pelos 12 anos, quando ia lá jogar bola com meu pai e depois de 2 anos eu entrei para o grupo de taiko. (Vitor Takahashi Higa)

Bom, desde pequeno, eu ia no Okinawa com meus pais e não sabia o porque, [risos...] mas, continuo indo até hoje. Hoje vou por causa dos eventos e tudo o que tem lá. Eu ia lá para encontrar com meus amigos e também como ia com meus pais não tinha muita escolha, mas hoje eu vejo o quanto isso foi importante para minha vida ter participado do Okinawa. (Guilherme Tukasan)

Em 1995 comecei a fazer curso de dança, e depois comecei a organizar o curso. (Creuza Mitiko lane Tukasan)

Então, foi em 1981, eu tinha 18 anos e um diretor de esportes da associação me chamou para montar um time de futebol só dos filhos de associados, inclusive meu irmão também foi, mas depois eu passei na faculdade de matemática e me mudei para Campinas em 1983. O futebol continuou, eu que saí da cidade. (José Roberto Tukasan)

Quando eu era criança ia para brincar nas festas que eles faziam, o undokai e shinenkai, há uns cinco anos faço taiko e a dois anos sou secretária do Okinawa. (Evelyn Fukuji Fuzi)

Frequentar a associação é, dessa maneira, um costume passado de pai para filho. Os jovens mais ativos são filhos de pais que foram participantes, também envolvidos com a Associação na juventude. A transmissão da informação sobre a importância de participarem não é exatamente verbal e sim comportamental. Pais freqüentadores possivelmente levarão seus filhos a frequentar.

Os entrevistados, que tem entre 30 e 60 anos, começaram a frequentar um pouco mais tarde através dos esportes ou porque casaram-se com descendentes okinawanos.

Os idosos frequentam desde quando eram jovens, pela influência que tiveram de seus pais que os levavam desde pequenos. Hoje, eles fazem o mesmo com filhos e netos.

Ele (Julio Minei) fez a compra do terreno da AECOM, de um amigo que frequentava sua farmácia. A primeira construção feita foi o quiosque onde eles se reuniam e faziam reuniões de finais de semanas. Depois eles terminaram de construir o que tem hoje. A farmácia fica na rua Paes Leme com a rua São Luiz. Havia um bar na esquina onde eles também realizavam reuniões para não precisarem ir até o terreno. Eu não podia participar porque só iam os homens nessas reuniões. O Julio Minei pretendia trazer uma associação Okinawa para Marília. Comecei a frequentar a associação através do meu marido Julio Minei, antes as mulheres cozinhavam, faziam café para os homens nas suas reuniões. [...] Hoje, toda terça-feira temos reunião na Associação, aí nós nos reunimos lá, mas eu só vou quando é muita coisa quando é pouca coisa eu não vou, deixo para os mais jovens. (Hide Minei)

Alguns entrevistados tiveram participação ativa na gestão da Associação e estiveram, de alguma forma, envolvidos por décadas, apontando uma relação pessoal e social do seu tempo vivido nos meandros desse movimento associativo.

Vixi... Faz tempo hein... Desde 1949, quando não tinha ainda nome a Associação, porém era uma associação Okinawa. Não tinha nome japonês. Era só Kenjin-kai, só isso. Eu... gosto muito da Associação, já fui presidente, vice-presidente também, tenho muita amizade lá, que vem de muito tempo atrás. Vice-presidente em 1987 e presidente no ano de 2004 – 2005 e em 2006 eu fiquei por seis meses como presidente, aí teve eleição e eu cobri uma parte porque a pessoa eleita precisou se ausentar e acabei pegando essa parte dos seis meses. (Júlio Eiti Fukuji)

Como esta pesquisa também buscou verificar a presença dos jovens nas associações japonesas de Marília na atualidade, questionou-se sobre o engajamento deles nos dias de hoje e as motivações para permanecerem lá.

Oh, em nossa associação a gente joga bola, tem o grupo do taiko, tem o senenkai que é um grupo de jovens que se reúne para fazer atividades. [...] contando com os jovens que também frequentam o taiko tem mais ou menos uns 70, mais ou menos. [...] é... que... o grupo do senenkai é mais para os filhos de associados, mas a gente abre pro pessoal que é de fora sim. (Vitor Takahashi Higa)

Tem o taiko, que o pessoal frequenta bastante, tem o futebol que não só os jovens, mas também os adultos participam bastante e tem vários eventos que o okinawa faz para o público em geral, mas principalmente para os okinawanos. (Guilherme Tukasan)

Hoje, seria mais o taiko. (José Roberto Tukasan)

No começo, além do undokai, os associados praticavam vários esportes, algumas modalidades como arremesso de peso, salto livre, arremesso de dardo, corrida de 100 metros, salto com vara e *sumo* eram praticados visando às competições que existiam na região. Além dessas modalidades, que eram praticadas tanto por homens como por mulheres, havia também as brincadeiras para as crianças como a corrida com olhos vendados, corrida de pés atados e a corrida de saco. Com o passar do tempo os alguns esportes perderam espaço para atividades da rotina diária da modernidade.

Na época do Cascata tinha esportes, modalidade de competição tinha arremesso de peso, salto livre, arremesso de dardo, corrida de 100 metros, salto com vara, sumo, para crianças tinha corrida com olhos vendados (figura de gato), corrida de pés atados em par, corrida de saco. Hoje temos o undokai, o okinawa sobá, no Japan Fest vendemos pastel, tempurá e sorvete, taiko. (Júlio Eiti Fukuji)

Por outro lado, o grupo de taiko que surgiu recentemente tem ganhado cada vez mais adeptos. O grupo, aliás, não é formado apenas por descendentes, hoje em dia conta com a presença de muitos “brasileiros”.

Taiko são instrumentos japoneses, que a gente usa para divulgar a cultura okinawana. Somos filados do pessoal de São Paulo que toca na Vila Carrão e a gente tenta passar o espírito nosso de Okinawa para quem assiste a gente. (Vitor Takahashi Higa)

Eu estou no grupo desde que começou, já faz nove anos, é um grupo que reúne jovens para tocar o tambor que é o taiko e fazemos várias apresentações para divulgar essa cultura o que é importante para preservar essa cultura e é muito legal fazemos muitos amigos, ganhamos muita disciplina. (Guilherme Tukasan)

Conforme relata o entrevistado José Roberto Tukasan, taiko são instrumentos japoneses, usados para divulgar a cultura okinawana. No aniversário de 50 anos da Associação Okinawa, a matriz, Associação Okinawa Brasil, que tem sua sede em São Paulo, trouxe alguns grupos para fazer a apresentação de teatro e, junto eles, trouxeram o taiko. O taiko de Okinawa é muito bem visto, geralmente tocado em festa, é alegre e os taikoístas dançam ao tocar os tambores. A diretoria

ficou deslumbrada com a apresentação, e após isso foi feito um convite para trazer um grupo para ensinar as crianças, isso foi em 2002, mas não houve retorno desse grupo mais antigo o Matsuri, Ryuko Koko Matsuri. Em 2006, um diretor disse que existia um outro grupo em São Paulo que era comandado por uma professora, a sensei Hatsue Omine que, em 2002 foi para Okinawa aprender e trouxe para o Brasil. Foi feito um contato com ela, e em setembro de 2006, ela veio começar a ensinar as crianças o taiko na Associação. Em São Paulo são dois grupos, em Marília há somente o Requios.

A primeira tentativa de trazer um grupo de taiko para Marília não foi o Requios foi o Matsuri que era um grupo maior. Ele existe ainda, é um grupo que avançou na América Latina e tem em outros países também, este é mais conhecido, porém não deu certo em Marília. O Requios está mais a nível de Brasil, e só na grande São Paulo. A única cidade do interior que tem filial desse grupo é Marília. No total, só em São Paulo deve ter umas 20 filiais da AECOM e em apenas duas ou três filiais de lá tem o grupo Requios.

O Grupo de taiko parece ter funcionado como revitalização cultural dentro da Associação. Embora não fosse uma tradição dos primeiros participantes, a partir de 2006 começa a ganhar força e trás os jovens de volta. O taiko fecha um ciclo e dá início a outro.

Quanto mais idoso ou mais participativo é o entrevistado, mais demonstra maior percepção da importância da associação, como se evidencia na fala do senhor José Roberto Tukasan, que esteve à frente da Associação por muito tempo:

Então, como eu gosto, me sinto bem, hoje faz parte da minha vida integralmente, eu continuo jogando futebol lá, construímos uma quadra que, antigamente, era um campo, quando eu comecei era futebol de campo aí depois, logo em seguida, fizemos curso de dança, fomos os pioneiros a fazer curso de dança em Marília. Inclusive o Nikkey depois começou a fazer, mas se você buscar a parte social do Okinawa, nós fizemos vários cursos de dança, dança de salão tá, e nessa parte social nós estávamos no auge na época que fizemos os cursos de dança, então assim, começou pelo futebol que me integrei, depois o social que me envolvi e também pelo fato de não ser todos que se interessam, aí nesse caso, o Saito, que em 1990 era o presidente, me chamou para ser secretário. A partir daquele momento eu virei secretário e peguei um pouco de cada presidente aqui, inclusive meu pai que deve ter tido umas 3 ou 4 gestões. Então meu pai, Yoshimi e principalmente sr. Júlio Minei que era um líder nato, conversei muito com ele, sei um pouco de cada um deles, eu sei mais ou menos o que cada um pensava, ou seja, eu

sou cria de todos os presidentes, aprendi muito com cada um deles... [risos...], porque eu fui secretário, depois passei para diretoria e fui... ah... são quase 30 anos se fizermos a conta, então de ser presidente foi uma consequência porque ninguém quer assumir e como eu sempre batalhei pela associação, assumi várias diretorias como a de esportes, social que são as que eu gosto mais. Foi tranquilo assumir, inclusive eu peguei também por causa do meu pai, meu pai ficou meio doente e como ninguém queria assumir, ele ia continuar assumindo, aí eu falei não, então eu assumo, porque eu não queria que ele assumisse mais, porque parece que não, mas sobrecarrega, ia fazer com que ele se esforçasse muito e como ele estava com problemas de saúde eu assumi, não podia ficar olhando aquilo e deixar e como eu tinha o conhecimento dos outros presidentes e da associação eu fiz. E também porque em 2007 eu peguei a coordenação do taiko, porque até 2006 não tinha nada. Hatsumi sensei veio ensinar e no começo eram só 12 membros que eram filhos ou netos de associados, depois disso, ela vinha mensalmente para ensinar, depois ela teve uns problemas de saúde e também por causa do grupo em São Paulo ela parou de vir e os monitores daqui vão para São Paulo aprendem as músicas novas e ensinam aqui, aí como em 2007 começou a sermos chamados para fazer muitas apresentações, o pessoal pediu para que eu assumisse, teve uma reunião e eu assumi, aí no final de 2007 eu vi que o pessoal queria mas estava meio desorganizado, aí montamos uma comissão, e essa comissão éramos em 7: minha esposa, Emi, Lúcia, Tyoko e Hideo e a Mihoko que faleceu. Inclusive a Mihoko foi a primeira coordenadora do taiko, ela que foi chamada primeiro, eu sou o segundo, depois foi o Massa e voltou para mim, e pelo fato de eu ver aquele grupo, pensei comigo: não posso deixá-los, e esse foi um outro motivo para que eu assumisse a presidência para poder segurar aqueles jovens na associação, porque se por acaso entrasse um presidente que fosse contra o taiko ou não ajudasse, esse grupo poderia acabar, e isso e meu pai foram os motivos de eu assumir a presidência do Okinawa, inclusive meu pai ficou preocupado porque eu peguei uma época de centenário, eu assumi em 2008 e foi o centenário da imigração, 1908 - 2008, aí eu assumi e foi meio puxado, mas deu certo, fiquei 2008 – 2009, aí 2010 – 2011 eu pulei ficou o Paulo como presidente e voltei em 2012 – 2013 e 2014 – 2015.

Assim, entende-se que a memória vivida e construída por essas pessoas não se dá sem paixões ou elos muito tênues entre a vida pessoal, o trabalho, o lazer e a vida social.

Claro! Importante é, ficamos todos os okinawanos unidos, nós preservamos muito a união, e com essa associação é maravilhoso ficarmos juntos, como Okinawa é pequeno consideramos todos irmãos, então gostamos de nos unir. No início, quando ficávamos todos unidos era muito divertido, muito bom, tinha menos saudades. Eu sou a okinawana mais velha que mora em Marília. Foi muito importante, elas trouxeram um pouco da nossa cultura para o Brasil,

nas festas sempre tem exibições de kinomo, comidas, danças, músicas, assim o pessoal fica sabendo como é lá. (Yoshi Matsumoto)

A união das famílias okinawanas, a prática de esportes saudios, a população de um modo geral gosta e participam bastante, a associação hoje em Marília é um meio de fazer outras pessoas felizes. (Júlio Eiti Fukuji)

Eu acho que a gente não percebe, mas é a cultura que é o principal motivo de tudo isso, e também podemos viver em um ambiente bem saudável. Eu comecei a gostar da associação pelo esporte, e nossa sigla é Associação Esportiva e Cultural Okinawa de Marília, até o esporte está em primeiro lugar. Se você for ver em outras entidades a cultura está em primeiro muitas vezes, então nós colocamos esporte primeiro, e pelo esporte é que começa a gostar da associação, e hoje a cultura está em evidência por causa do taiko.

[...] Além do taiko, temos uma festa que é o Okinawa Sobá e já vamos realizar a 9ª edição agora em setembro. E temos mantido esta festa porque o sobá é uma comida típica de Okinawa. O undokai se confunde com a nossa história mesmo. 60 anos, eu acho que não é qualquer entidade que consegue manter um evento por tanto tempo. O pessoal fala que a história da AECOM se confunde com o undokai. Hoje podemos falar que esses três eventos, e no caso do taiko que é um grupo, mas são eventos que procuramos manter para divulgar a cultura. E divulga a cultura, não tem como não divulgar. (José Roberto Tukasan)

Então, eu até comento com o pessoal: você precisa gostar para realmente manter a cultura porque não é fácil - eu gosto, é como se fosse minha segunda casa e eu quero que a associação continue aí, passe para as futuras gerações e que eles continuem mantendo... porque eu gosto, a gente acaba se doando é um trabalho voluntário. Para ser presidente precisa realmente gostar, na verdade a presidência foi uma consequência, nós chegamos a um ponto onde ninguém mas queria assumir porque é complicado você ter que manter uma associação no Brasil hoje porque nosso objetivo é preservar a cultura, mas não depende só da cultura, depende do financeiro também, não é fácil. Eu até brinco com o pessoal que para ser presidente você precisa ser meio louco e gostar porque se não, não vai, você acaba se desgastando porque você não ganha financeiramente, ganha só satisfação de estar ali mantendo a associação de pé, hoje eu acredito que ganhamos muito respeito em Marília e também na região nossa entidade está aí viva e mantendo os eventos para mostrar nossa cultura. (José Roberto Tukasan)

Os jovens trazem, em suas falas, os mesmos elementos que os mais velhos, porém, de uma maneira mais simplificada. Assim, percebe-se que a mensagem dos mais velhos, de preservação da cultura, está sendo passada e assimilada, mesmo que de outra forma. Assim, verifica-se nos depoimentos que há uma aproximação do

discurso acerca do papel e da importância da Associação entre as diferentes gerações.

É divulgar a cultura okinawana para passar essa cultura adiante, para não deixar que ela morra aqui na cidade. (Vitor Takahashi Higa)

Principalmente os eventos que ela oferece que preserva a cultura e que também chama o público para fazer parte desta grande família, que eu acho que é o mais importante. (Guilherme Tukasan)

Pra mim tem sido bastante importante porque além de saber mais da minha família eu pude ter novos amigos também, aprendi bastante coisa junto, então cultura assim que fui aprendendo e que...você vai entendendo, vai vendo de perto como é, vai sentindo como é, acho que ajuda bastante você ter uma disciplina melhor. (Vitor Takahashi Higa)

Sim! Muito importante, tanto para fazer amizades como para tudo. Lá fiz muitas amizades, aprendi bastante disciplina com o taiko, e também aprendi o trabalho em grupo que em muitos eventos tem que se trabalhar em grupo, tem muito trabalho em grupo, muita união! (Guilherme Tukasan)

Acho muito importante participar, me identifico muito com a associação. Quando eu era menina eu freqüentava o Círculo Católico e foi lá que conheci meu esposo, depois que paramos de ir lá a gente ficou um tempo sem participar de nenhuma associação japonesa, apesar de ir esporadicamente, mas o que fez nós voltarmos foi o taiko, achamos importante manter a tradição e ter contato com os japoneses. Eu aprendi muito, mas o mais importante foi aprender que devemos manter a tradição, cultura, respeito aos mais velhos, e disciplina, para o taiko por exemplo precisa de muita disciplina e respeito aos mais velhos. (Evelyn Fukuji Fuzi)

Muito importante sim participar, me identifico com a AECOM. Eu aprendi muito sobre a cultura sobre as coisas japonesas, aprendi a dar valor nessa cultura. (Creuza Mitiko lane Tukasan)

Para mim participar da AECOM é um conforto, lá junto com os amigos sinto menos saudades do Júlio, me sinto acolhida por eles. (Hide Minei)

Gosto muito de lá, tenho amizades lá de muito tempo, depois da perda da minha filha, sinto muito bem indo lá e ver que meus netos e meu genro continuam a freqüentar, também fico muito feliz com a participação da minha outra filha, dos filhos dela e do marido. (Júlio Eiti Fukuji)

Todos os entrevistados consideram a Associação imprescindível para a vida pessoal. Alguns encontram o conforto de uma perda, principalmente os mais velhos ao relatarem que, após a morte de uma pessoa querida, a entidade funcionou como amparo. Outros, entre os mais jovens, encontram amigos e criam círculos de

amizades. Em ambos os casos, a AECOM se torna um ambiente de relações sociais e interpessoais.

Além das questões de cunho pessoal, há outro fator marcante em relação a cultura que é o registro documental da memória social das pessoas que estiveram ou estão, de alguma forma, ligadas a Associação. Os eventos, o registro documental e a vivência familiar são reconhecidos como mecanismos de transmissão de conhecimento entre as gerações.

Tem as atas, onde são anotados os acontecimentos, e assim, como eu sou filho de associados, mais para frente eu vou ser um associado também, é meio que vai passando de herança, os mais velhos vão passando, fora que meus avós também vão contando umas histórias para mim. (Vitor Takahashi Higa)

Principalmente os eventos que ela oferece que preserva a cultura e que também chama o público para fazer parte desta grande família, que eu acho que é o mais importante. (Guilherme Tukasan)

Contando a história, repassando para os mais novos. Tem ata que é guardada, e as vezes eles precisam mexer para pegar informações e acontecimentos e traduzir essas atas. (Evelyn Fukuji Fuzi)

Pelos próprios parentes contam para os mais novos como foi a história da associação. (Creuza Mitiko Iane Tukasan)

Não procuram eles para repassar eles passam mais para as mães dos jovens. Se não houvesse a associação não teria a cultura de hoje. (Hide Minei)

Procuram! Às vezes as pessoas vêm para saber de pessoas antigas que eu conheci, geralmente parentes. Já meus netos não procuram saber... Agora que estão querendo saber algumas coisas, porque como eu sou a mais velha da família eles estão querendo fazer uma árvore genealógica da família. (Yoshi Matsumoto)

A transmissão do conhecimento dos membros mais velhos geralmente ocorre de forma oral, contando as histórias. Tem as atas, onde são anotados os acontecimentos, porém nem todos podem ter acesso a elas, e quando precisam de alguma informação importante devem solicitar o acesso e traduzi-las (as atas mais antigas eram escritas em japonês).

Durante a realização da pesquisa na AECOM, verificou-se que há uma escassez de registros sobre os acontecimentos, e fatos importantes para pesquisadores e para os próprios descendentes elucidarem os percursos trilhados pelos imigrantes japoneses para a região de Marília são, a maioria das vezes, obtidos somente mediante a história oral.

Temos passado na parte prática, dando exemplos como aconteceu comigo, o meu pai passou pra mim a parte que ele fazia, eu aprendi a gostar vendo ele, ele foi meu exemplo, não fizemos nada escrito divulgando a cultura, agora temos os registros em atas de tudo que é feito desde que foi fundada a AECOM. Então... isso que a gente não tem muito, e é uma falha nossa, e acredito que as outras entidades também têm esse problema. [Mas vocês sabem a importância de repassar esse conhecimento?] Sim! Sei que se formos passando sempre vão existir as lembranças e a cultura será preservada e se não repassarmos, uma hora vai acabar, temos passado somente na prática, mas não o que eles fizeram, porque fizeram, só sabemos mesmo através de livros ou alguma coisa assim, e mesmo assim a pessoa tem que procurar saber. (José Roberto Tukasan)

Os eventos também são uma forma de preservação dessa cultura. Entretanto, não há muitos registros desses eventos, realizados com o intuito de preservar a cultura e a identidade. Os membros estão cientes desse problema, e sabem que se eles começarem a passar aos mais jovens será um meio de preservar a cultura. Hoje é repassado somente a prática, o como fazer.

A análise das entrevistas fez perceber que os depoentes confundem principalmente os conceitos de memória e cultura. Para eles, preservar a cultura seria o mesmo que preservar a memória. Exemplo disso, é a criação do grupo de taiko, que é bem recente em relação a história da associação e é apresentado como preservação da memória. E na verdade não é. Ele é um elemento cultural mais recente na associação. Embora seja uma tradição antiga no Japão, somente nos anos 2000 foi incorporado às atividades da associação.

Como tem bastante família aqui que é de Okinawa, então tem bastante gente que quer saber mais e acabam comparecendo aos eventos que a gente faz e acabam meio que se juntando e os brasileiros também se juntam a nós por gostar da cultura, porque como é uma coisa diferente eles querem ver como é. (Vitor Takahashi Higa)

Muitas famílias costumam ir lá para preservar a cultura e tem os eventos também, então acho que foi muito importante! (Guilherme Tukasan)

Tem uma pessoa que eu comentei com você, o José Carlos Miyazato que tem esse interesse de ir atrás e buscar essa cultura e ele até propôs para a diretoria atual em montarmos um acervo com tudo isso aí, com fotos e tudo o que temos para os próprios descendentes irem lá e buscar as informações que ele tem interesse em saber, inclusive a matriz nossa estava cobrando que fizéssemos isso, porque daqui há alguns anos os descendentes não terão mais cara né? A feição oriental né? Porque vai misturar, misturar, misturar até chegar a um ponto que eles já não vão mais saber de onde vieram, então a

matriz, lá em São Paulo, está montando um acervo para ficar para as futuras gerações. Eu acho até preocupante, tenho andado a região com o futebol e com o taiko e tenho conversado com algumas lideranças e o jovem não está mais interessado em manter essa cultura, muito pouco se preocupam, se você for ver um evento de karaokê vê que a idade é muito avançada, não tem renovação. O próprio futebol mesmo que eu tentei levar para os mais jovens também não estão mais interessados, tentei montar alguns times mais percebi que não vai, o taiko, o nosso taiko ainda persiste pelo fato de ser um taiko mais alegre, mais pra festa ainda estamos conseguindo manter apesar de ter diminuído bastante o número dos integrantes. Mais estava vendo um taiko que é o WADAIKO, tem acabado em várias cidades, alguns estão mantendo, mas em muitas cidades em que é tradicional acabou, então eu estou achando preocupante manter a cultura. (José Roberto Tukasan)

Sim, até no Japan Fest a gente participa com o taiko e o pessoal gosta muito e é um meio de divulgarmos a cultura e neste evento pessoas de outras cidades e até de outros países para prestigiar. (Evelyn Fukuji Fuzi; Creuza Mitiko lane Tukasan)

Se não houvesse a associação não teria a cultura de hoje, comecei a frequentar a associação através do meu marido Julio Minei, antes as mulheres cozinhavam fazia café para os homens nas suas reuniões, ela acha importante continuar indo para a AECOM e continua contribuindo com a sua taxa. (Hide Minei)

Continuo indo a AECOM e faço gosto que toda família vá, porque assim a memória e a cultura serão preservadas. (Júlio Eiti Fukuji)

Estudar a memória e a cultura dos okinawanos em Marília compreende um amplo e rico caminho a ser percorrido. Isso pode ser percebido nos relatos dos depoentes com os quais dialogamos nesta pesquisa e que compõe vasto material de construção histórica.

Embora o Nikkey Clube seja a maior associação da região da Alta Paulista, com cerca de três mil famílias cadastradas, a transmissão da história dessa associação parece apresentar menor sucesso em relação à Associação Okinawa, cujos jovens são mais participativos e interessados na vida da associação. Este foi o motivo pelo qual não foi possível entrevistar a quantidade de pessoas proposta no início do projeto. Foram, portanto, entrevistados dois idosos e três adultos.

Os relatos sobre a imigração japonesa, apresentados pelos depoentes, membros do Nikkey Clube, não apresentaram muitos detalhes. Os idosos foram concisos em suas respostas e os mais jovens não souberam informar. O senhor Rubens Okoti ressalta que: “Os primeiros imigrantes em Marília chegaram em 1926, a cidade se emancipou em 1929, então os pioneiros da imigração japonesa já estavam instalados aqui.

Assim como não forneceram informação sobre a imigração, as primeiras famílias também são pouco identificadas por eles. Há, inclusive, segundo eles, famílias okinawanas citadas entre os japoneses imigrantes.

Não sei, mas antes da fundação de Marília já havia japoneses. (Keniti Mizuno)

Aqui em Marília teve um ciclo que chamavam de ouro verde. O ouro verde nada mais era do que o café, então aqui expandiu o plantio do café e vieram japoneses que já estavam em outras regiões aqui do Brasil, famílias nikkei que se instalaram aqui e começaram com o plantio do café. Os primeiros imigrantes a chegar aqui foi uma família okinawana, a família Shimabukuro, e a outra família é do Takehiro Yada, esse avô da minha esposa. (Rubens Okoti)

O relato dos entrevistados acerca dos fatos nos mostra o modo como a história inicial da Associação como Nikkey Clube está sendo repassada. Porém, o que aconteceu antes da junção está se perdendo. Lembrando que os dois idosos são os fundadores do Nikkey Clube e contaram detalhadamente como tudo aconteceu desde o início, quando os imigrantes resolveram criar a primeira associação.

Os fundadores queriam construir essa associação para integrar a colônia Nikkei dentro da sociedade, porque a gente estava aqui no Brasil, mas não estávamos integrados a sociedade brasileira. Toshimiti Sasazaki, falecido o ano passado, que foi uma grande perda para Marília pelo fato do conhecimento que ele tinha da coisa como ela funcionava. O Nikkey, quando era no Fragata, já estava muito pequeno, juntaram 30 amigos e compraram onde é o Nikkey sede campestre hoje e doaram para o Nikkey, isso em 1989. Assim que nasceu o Nikkey, juntaram três associações que existia, a Associação Nipo-Brasileira de Marília que a mantenedora era o kai kan e o gako, o Esporte Clube Mariliense mantenedora do Estádio Fragata e a Sociedade Esportiva e Cultural de Marília mantenedora judô e elas passam a se chamar Associação Cultural e Esportiva Nikkey de Marília, o Nikkey Clube. O kai kan onde é hoje, nessa época também já era lá. Tudo isso, teve uma boa aceitação porque não teve custo para os associados e descendentes. Quem vestiu a camisa foi o Sr. Shintaku, foi um dos grandes heróis, pois ele tirava dinheiro do próprio bolso para a construção e manutenção da sede campestre. Os fundadores foram Sr. Shintaku e Toshimiti Sasazaki. (Keniti Mizuno)

Como mostra o relato de Keniti Mizuno, há indivíduos que, nessas memórias, são considerados verdadeiros heróis, como o senhor Shintaku, um dos

fundadores do Nykkey Clube, que chamou para si a responsabilidade e ainda assumiu os custos financeiros da empreitada.

Começou com um terreno ali no Fragata, mas depois nós loteamos tudo para vender, juntamos esse dinheiro para arrumar onde é o Nikkey hoje. Antes era Associação Nipo-Brasileira de Marília, Associação Esporte Clube Mariliense e Associação Esportiva e Cultural de Marília, essas três se uniram e passaram a denominar-se Associação Cultural e Esportiva Nikkey de Marília. Nós compramos o terreno da sede campestre e aí para construir alguma benfeitoria, uma vez que não tínhamos dinheiro, deu certo de vender o Fragata e com esse dinheiro construímos lá. Não foi tão difícil, como os velhos deixaram a área do Fragata, vendemos lá e construímos a sede campestre, eu mesmo não cheguei a sofrer muito. O Toshimi como tinha uma empresa grande conseguiu algumas ajudas de outros diretores da indústria e me ligou dizendo que já tinha metade do dinheiro para comprar o terreno lá da sede campestre, o resto tivemos que andar nas empresas pedindo contribuição para ajudar, aí eu, Toshimiti e Shigero saímos andando pedindo, o dono do terreno nos deu prazo de 24 horas só para arrumarmos o dinheiro, senão, iria lotear lá. Sentamos no bar, em dez pessoas, e ficamos discutindo como iríamos fazer, porque não conseguimos o dinheiro. Quando foi umas 22:00 horas, o Hachiro Sasazaki, que era presidente da empresa Sasazaki chegou lá no bar e colocou a mão no bloco, tirou o talão de cheque e preencheu no valor que faltava e falou para nós, vão lá e comprem, depois vocês me pagam e assim conseguimos fechar a compra, se não fosse o Hachiro, acho que não teríamos aquela área lá. Os fundadores foram Sr. Yoshimi Shintaku (eu), Sr. Toshimiti Sazasaki e Sr. Shigero Ishibashi. (Yoshimi Shintaku)

Primeiro era Associação Nipo-Brasileira de Marília, no ano de 1990 nós adquirimos aquela área onde é a sede campestre e eles me elegeram presidente interino até montar os campos e com isso eu fiquei um ano, depois teve eleição e me elegeram como presidente e acabamos de construir tudo e como minha idade já esta avançada passei para os mais jovens porque um dia eles terão que assumir de qualquer jeito. No começo eu ia lá sem interesse nenhum só pra ficar junto com o pessoal. (Yoshimi Shintaku)

Apesar de a memória social sobre a fundação do Nikkey Clube ser a mesma, os relatos individuais apresentam informações de certa forma divergentes sobre a compra do terreno, o que nos levar a refletir acerca das “flutuações” das lembranças presentes nas narrativas. Ou seja, a palavra dita é reelaborada em cada fala e novos elementos são acrescentados ou transmitidos de modo diferente, mesmo por pessoas que vivenciaram os mesmos episódios.

Como precisávamos expandir para deixar algo de útil e bom para a posteridade reunimos em mais ou menos umas 20 pessoas e

resolvemos adquirir um terreno de 12 alqueires e fizemos a doação para o clube poder expandir, antes desse terreno, nós tínhamos uma propriedade de um alqueire e meio no ponto central da cidade que fizemos loteamento, vendemos e investimos onde é hoje o Nikkey Clube sede campestre e temos a sede social aqui no centro da cidade, na rua Lima e Costa. Onde é o kai kan atual, na Lima e Costa, a propriedade foi adquirida há mais de 80 anos atrás, então ali sempre foi a sede social desde os pioneiros. No começo foi muito difícil porque quando nós assumimos a associação, recebemos de nossos antecessores com 80 anos de idade ou mais e os ideais não combinavam, aquele problema de diferença de idade, mas, pouco a pouco fomos acertando tudo isso e chegamos aos dias de hoje onde a outra geração mais nova esta dirigindo a associação e estão dirigindo muito bem, já estamos deixando o legado para os mais novos para que eles já aprendam, a missão de nós mais velhos já esta praticamente cumprida. Ficamos na retaguarda somente para dar auxílio a diretoria atual para que o Nikkey Clube possa continuar crescendo e desempenhando seu papel, o bem-estar de todos os que nele congregam. Rubens Okoti (eu), Yoshimi Shintaku e Toshimiti Sasazaki e outros companheiros nossos, 30 pessoas que fizeram uma colaboração espontânea, compramos o terreno na rua Benedito Alves Delfino para podermos ampliar o clube. A primeira sede campestre era no bairro Fragata e a sede social onde é hoje. (Rubens Okoti)

Nós tivemos três entidades distintas aqui em Marília, Esporte Clube Mariliense, Sociedade Cultural e Esportiva de Marília e Associação Nipo-Brasileira de Marília, eu ingressei na Nipo em 1970, já são quase 50 anos que me dedico as associações da colônia japonesa, através da unificação dessas três entidades, há 22 anos atrás, originou-se o Nikkey Clube. (Rubens Okoti)

O senhor Carlos Mitio Nakamura, ao falar das motivações que levaram à fundação do Nikkey Clube completa:

Na realidade isso é natural, pensando que vieram vários japoneses para cá e resolveram montar um clube, e como gostavam muito de basebol, montaram um time e assim esse esporte que não é japonês foi difundido por eles, montaram a entidade e foram se organizando, mas como não sou dessa época eu não sei exatamente como foi. Mas creio que como tinham acabado de chegar e por serem um povo diferente em tudo e principalmente pela língua, eles resolveram montar a comunidade, mas eu penso que o principal motivo era não perder a tradição do país de origem, para dar continuidade para a escola japonesa, o Nikkey tem uma escola que vem desde o início, tem os esportes também e a dança, e nós tentamos manter até hoje.

O Nikkey Clube nasce, portanto, da junção de entidades cujos objetivos estariam ligados às questões culturais, esportivas e educativas dos imigrantes japoneses e de seus dependentes em Marília. Isso é afirmado nas palavras da

senhora Flávia Helena Rodrigues Vieira, que vê essa Associação como uma referência para as demais.

Antes existia três associações diferentes que, em um determinado período, resolveram se juntar e o Nikkey se tornou uma espécie de entidade mãe. Várias entidades continuam como o Okinawa, Seichon-jo-ye, Messiânica, mas a referência é o Nikkey Clube. Cada uma tem sua atividade, mas em determinados eventos, todas se unem em colaboração da entidade maior. Toda entidade precisa de uma administração mais coesa, quando você tem vários grupos, nem sempre tem pessoas com disponibilidade. O fato de pensar em uma entidade maior e poder agregar nessa entidade maior departamentos que antes estavam separados, todos em um mesmo lugar, para poder tornar um único local de procura facilitaria. (Flávia Helena Rodrigues Vieira)

O atual presidente do Nikkey Clube, senhor Keniti Mizuno, relata a seguir, como foi os primeiros contatos com essa associação e o seu envolvimento associativo com grupos que se juntavam para preservar a cultura japonesa.

Na verdade, eu sou do interior de Marília, uma cidade chamada Dirceu, e lá já tínhamos o costume de uma vez por mês fazer reuniões nas casas cujo o nome não sei te dizer, e no início do ano era costume todos irem ao kai kan para cantar o Hino Nacional do Japão, e ainda ganhava umas balas e fazíamos o shinenkai (festa de início de ano) e visitávamos casa por casa. Eram sete famílias, começávamos pela manhã e só terminava a tarde, isso foi minha infância lá no interior, depois vim para a cidade fazer faculdade aqui em Marília, eu nunca havia freqüentado o kai kan daqui. O japonês é muito fechado e minha família por ser do interior tinha medo porque na cidade muitas coisas acontecem a noite e não tínhamos o costume de dormir tarde. Até porque acordávamos muito cedo para trabalhar, e eles estavam precisando de um diretor e me chamaram para ocupar um cargo no Nikkey, isso em 1996. Já faz 20 anos que eu ocupo cargos dentro do Nikkey, e hoje sou presidente. Nós temos duas sedes, a sede social que denominamos de kai kan e a sede campestre onde executamos as atividades esportivas, denominado Nikkey Clube sede campestre. (Keniti Mizuno)

E, assim o fazem outros entrevistados, ao lembrarem sobre como começaram a fazer parte efetivamente do Nikkey Clube:

Comecei aqui com 16 anos, e nessa época não era Nikkey, o Nikkey começou em 1991 quando houve a fusão de outras entidades e passou a ser Associação Cultural e Esportiva Nikkey Clube de Marília, antes era Esporte Clube Mariliense e tinha várias divisões dentro da colônia japonesa aqui em Marília, eu jogava basebol na minha cidade e já conhecia a associação por causa de jogos, aí

depois mudei pra Marília e fui convidado a fazer parte da equipe de Marília. (Carlos Mitio Nakamura)

É singular a fala da senhora Flávia Helena Rodrigues Vieira, ao declarar quão importante foi, para ela, fazer parte dessa entidade, percorrendo o caminho inverso dos demais participantes, isto é, passou a fazer parte motivada por sua filha.

Foi com a vinda da minha filha para o taiko, porque até então, embora eu ser descendente não fui criada no meio de japoneses. Na cidade que eu morava antes eu não tinha o convívio mesmo porque eu sou mestiça e minha mãe que é a descendente direta perdeu os pais muito cedo e, como ela, a filha mais nova também não foi passado a ela todos os costumes e tradição japonesa, então ficou bem afastado e conseqüentemente ela casando com brasileiro o afastamento foi maior. Com minha filha entrando para esse grupo e a minha aproximação com a cultura realmente se deu aí, e uma identificação que até então não existia, eu comecei a me reconhecer nikei, porque até então eu não me identificava com nada. Foi interessante porque, quando você conhece, você compreende então muitas coisas que eu não aceitava. Discordava era por falta de compreensão, e isso me fez abrir os olhos e me reconhecer muito dentro do perfil nikei. (Flávia Helena Rodrigues Vieira)

Vale ressaltar que todos os entrevistados de meia-idade não eram de Marília. São pessoas que vieram para estudar ou trabalhar, conheceram a associação e foram convidados para fazer parte dela. A entrevistada Flávia Helena Rodrigues Viera é descendente e, em sua família, não havia a prática da cultura japonesa, e por esse motivo não se reconhecia *nikei*. Quando chegou em Marília e passou a frequentar o Nikkey Clube, teve seu primeiro contato com essa cultura, começando, assim, a se reconhecer como descendente.

O Nikkey Clube, atualmente, é uma entidade que congrega principalmente atividades esportivas e culturais, além do curso de língua japonesa, como destacam os relatos:

[...] Esporte, cultura, temos o karaokê, a escola de língua japonesa, a dança, karaokê dança, dantai odori uma dança típica japonesa com leque, o bon odori e eventos como o Japan Fest, que este ano de 2016 estamos realizando a 14ª edição, Bon Odori e a festa julhina. (Keniti Mizuno)

As atividades culturais são o Japan Fest, festa Julhina e o Bom Odori que são onde geramos alguma renda. São com esses eventos sociais, depois tem na sede campestre o baseball, softball, tênis de campo, futebol socyte e maleti golf e, a partir deste ano 2016, estamos incluindo ciclismo, no Kai kan temos a Escola Modelo de Língua Japonesa que é muito importante e tradicional do Nikkey,

judô, karaokê, taiko e tem o grupo dos mais idosos que se reúnem lá uma vez por semana. (Carlos Mitio Nakamura)

Japan Fest, Festa Julhina e Bon Odori, na área cultural, na área esportiva tem o basebol e o soft são onde mas tem eventos o ano todo. Tem muitos jogos que são realizados aqui e eles também saem muito para jogar fora, o basebol não temos anuidade, é um projeto social e trabalhamos muito para que isso continue, por isso fazemos muitos eventos em prol de que essa anuidade seja sempre gratuita. Precisamos muito da colaboração dos pais dos alunos para que tudo funcione. Hoje temos em média 180 alunos e neste ano nossa meta são 200. (Flávia Helena Rodrigues Vieira)

Esportes basebol e judô, cultura karaokê, japan fest, bon odori, escola de língua japonesa, essa escola eu consegui cadastrar como Escola Modelo da Alta Paulista, e aí temos vantagem, o governo japonês, ele envia professora com custo zero para nós, eles vêm para orientar e ensinar as professoras daqui, já vieram seis professores e ficam aqui dois anos. (Yoshimi Shintaku)

Primeiro lugar é a escola de idioma, ela é o carro chefe! Depois temos os esportes basebol, softbol, futebol socyete, maleti golf que é um golf de campo adaptado, e temos atividades social e cultural karaokê, dança de salão e outras atividades. (Rubens Okoti)

Apesar de o Nikkey Clube exercer várias atividades, percebeu-se que o motivo pelo qual os imigrantes resolveram criar essa associação permanece até hoje: acima de tudo, querem preservar a escola de língua japonesa.

No que tange à cultura, a senhora Flávia Helena Rodrigues Vieira destaca, a seguir, a importância do Taiko:

Esse grupo começou em 2003 e foi uma iniciativa de um sensei com parceria de um morador niquei aqui da nossa cidade que achava que precisava desse desenvolvimento cultural, da prática dessa arte e ele tinha contato com o sensei Oda e assim conseguiu trazê-lo para cá para iniciar um grupo. Esse grupo tem algumas conquistas no campeonato brasileiro de taiko, e acho que é o grupo que mais tem gaijin (estrangeiros). Os descendentes são bem limitados no nosso grupo, somos muito questionados sobre isso, mas não temos explicação, pensamos que as pessoas não descendentes apreciam, tem o desejo de praticar e vem nos procurar para aprender. É difícil a participação de crianças e adultos no nosso taiko, embora ele seja artisticamente e parecer fácil, não é, tem toda uma preparação física bastante forte, e quando vem para aprender se assustam um pouco com os exercícios físicos e os treinos puxados várias vezes durante a semana. Tivemos 45 integrantes e hoje temos 17 integrantes. Mas o grupo é perseverante e querem dar continuidade. (Flávia Helena Rodrigues Vieira)

A associação tem um grupo de taiko em que a maioria de seus membros é composta por “brasileiros”, isto é, não descendentes. A faixa etária específica para a

prática dessa arte e a falta de jovens nessas condições na Associação são alguns dos motivos para que isso aconteça.

O Nikkey hoje, além de ser a maior entidade na Alta Paulista, é responsável por outras associações na região de Marília. Destaca-se pelos serviços que presta à comunidade. Em muitos eventos filantrópicos procura sempre colaborar, doando mantimentos ou oferecendo gastronomia. A maior festa japonesa no interior paulista é realizada por ele e faz parte do calendário de comemorações do aniversário de Marília. Sobre isso, destacam os entrevistados:

Hoje, o Nikkey é muito grande e funciona desde a parte cultural, com preservação da cultura oriental, mas também integra a colônia nikey dentro da sociedade. Fazemos clube de serviço, por exemplo, quando alguma entidade faz um evento filantrópico sempre ajudamos, fazemos doações de agasalho e mantimentos. Também trazemos competições de basebol para a cidade, o que faz com que muita gente de fora venha também para assistir os jogos. (Keniti Mizuno)

Primeiro, toda associação é importante. Aqui em Marília, hoje a que se destaca mais é o Nikkey, ele seria uma entidade mãe e existe outras entidades que são parceiras do Nikkey, desde a Associação Okinawa, que é muito unida com a gente e que também tem suas atividades tanto esportivas como culturais. E isso é muito importante, a existência delas e todas trabalham juntas para que a cultura seja divulgada e hoje existem muitos brasileiros que congregam nessas associações, e todos juntos, vamos por um mesmo objetivo, divulgar a cultura. Só conseguimos realizar o maior evento do interior paulista por causa dessa união. (Carlos Mitio Nakamura)

É uma maneira e um local para você estar mais próximo a cultura, conhecendo e praticando aquilo que você gosta. O convívio também é maior com o pessoal da colônia, embora tenha bastante gaijin nessas associações se concentram mais descendentes. Acho isso muito importante para a perpetuação da cultura e da identidade japonesa na cidade e somos reconhecidos por todos. (Flávia Helena Rodrigues Vieira)

[...] Mas porque as crianças que estão frequentando. Se não tivermos uma associação, as crianças terão rosto de japonês, mas praticamente não sabe sua origem, e com a associação e os pais frequentando e sempre conversando sobre a cultura japonesa alguma coisa essa criança vai assimilando e assim vamos manter a cultura japonesa. (Yoshimi Shintaku)

[...] É muito grande, nós atuamos na parte de assistência social, o Nikkey Clube é considerado uma entidade de assistência social, tanto é que recebe subvenção do governo municipal, governo estadual e, às vezes, do governo federal. Isso acontece porque no departamento de basebol nós temos um projeto de tirar os meninos carentes da rua, então nós damos treinamento, uniforme e toda estrutura básica necessária e isso é reconhecido pelo governo.

Falamos que somos um clube, mas, somos uma entidade, e temos o objetivo também de ajudar a área social da cidade no geral, a comunidade carente, principalmente a comunidade do bairro César Almeida que é onde fica a sede campestre. (Yoshimi Shintaku)

A dificuldade em transmitir o conhecimento da história da associação é grande. Os jovens não têm interesse, para eles frequentarem eventos da associação está cada vez mais difícil. Isso faz com que a memória e a cultura japonesa comecem a se perder.

Na verdade não é repassado, nós temos essa dificuldade, o jovem hoje só frequenta o kai kan se tiver um bom evento, por que senão, eles não vão mesmo. O jovem hoje não tem muito interesse na cultura japonesa, não vai nem atrás do conhecimento oriental. Tudo o que acontece no Nikkey, a gente contrata pessoas para registrar, temos as atas, porém não está organizado, sabemos onde está, mas quando precisa de alguma coisa ou alguém procura, dá trabalho para achar. (Keniti Mizuno)

Por exemplo, eu, como sou vice-presidente administrativo, eu tento em cada mudança de gestão, vou passando a história do nosso clube, mas a história do nosso clube que é o Nikkey Clube é mais recente do que a colônia, essa história que fica antes dele a gente não sabe realmente, tento repassar o que sei, quando você me pergunta do pós eu sei quase tudo, mas não é só eu que sei, o anterior foi feito o memorial para que possamos ter. Lá tem o antigo, o recente, tentamos passar contando mesmo o que foi que aconteceu e como foi. Por exemplo, a sede campestre, como que começou? Todos da diretoria sabem que foi através de colaboradores, e essa parte temos documentado. (Carlos Mitio Nakamura)

A preocupação dos mais velhos é justamente não permitir que a memória se perca. Trazer o jovem novamente para a associação, passar a eles os ensinamentos deixados pelos antepassados para que, assim, se dê continuidade. Pelos relatos dos idosos, percebeu-se que hoje, os pais não têm mais a preocupação em levar seus filhos para frequentar as reuniões como se fazia antigamente e ressaltar a importância dos costumes e da cultura.

Na verdade, dentro das entidades é passado, mas assim, respeitar o mais velho, sempre escutar o que ele tem a dizer, mas nada é melhor do que efetivamente para conhecer do que o convívio familiar. Muitos ainda moram com os pais e avós, nada melhor do que escutar o que eles têm para contar. Porém, os mais jovens não procuram saber, eles querem saber do futuro, o passado não interessa muito, não tem paciência para escutar o que os mais velhos têm a dizer. Mas, a compreensão vem com a idade, cada

idade tem um jeito de olhar, de pensar que é da própria cultura, e a idade é quem traz essa vontade de saber sobre o que aconteceu antes deles. Nós, como entidade, trazemos muito esse resgate na dança, na música, conversas, nossas festas trazem muito esse resgate nos hábitos, no comportamento. São as práticas dentro das ações, tem o envolvimento entre todos e uma memorização também, tem algumas atividades que costumamos desenvolver como o Bon Odori que tem lugares no Japão que não tem mais. E nosso Bon Odori vai para a 20ª edição esse ano, e todos gostam, e outras entidades também fazem o seu Bon Odori, não é uma coisa única do Nikkey Clube. (Flávia Helena Rodrigues Vieira)

Ninguém pergunta, mas sempre falamos para as crianças para elas, aos poucos, ficarem sabendo como foi. Esse conhecimento é registrado em atas e elas ficam lá no kai kan. Mas, tivemos um secretário de idade que saiu e com ele muitos anos de ata foram perdidos, ninguém sabe o que aconteceu e ele faleceu também. (Yoshimi Shintaku)

O senhor Rubens Okoti, deixa transparecer, em sua fala, certa preocupação com a preservação da memória da imigração japonesa em Marília, ao destacar o desinteresse dos jovens pelo passado.

Nossa vida é curta, e não podemos levar conosco o que fizemos, temos que repassar para as futuras gerações tudo o que fizemos de bom, o que estamos fazendo o mesmo que nossos antecessores fizeram, hoje a associação está sendo dirigida por uma faixa etária mais jovem do que nós quando assumimos e isso serve de alento, para repassar para eles as experiências, a gente tenta trazer o jovem para a associação e acompanhá-lo, mostrar o que fizemos e como se faz, porque só falar não adianta e eles também não querem ouvir. Através da convivência diária é que conseguimos trazê-los. Os jovens de hoje têm a consciência de que precisa preservar a cultura, mas tem muitas outras coisas que competem e que para os dias de hoje são mais atrativos. Mas estamos inserindo eles nas atividades. (Rubens Okoti)

Apesar de tudo, os mais velhos têm o sentimento do dever cumprido. Até onde coube a eles preservar e manter viva a cultura e a identidade japonesa. Agora, eles esperam que os mais jovens dêem continuidade a esse trabalho. “*Me sinto com o dever cumprido, quando comecei queria difundir a cultura para a posteridade e acho que fiz isso.*” (Rubens Okoti)

Tem um túmulo lá no cemitério uma quadra grande, e todo ano no dia da imigração tem uma missa e a noite tem outra lá no kai kan e os presidentes e os mais velhos fazem um discurso explicando para os mais novos. Contribuíram o pessoal da minha idade e mais velhos sempre visaram isso, preservar a cultura e acho que para isso as associações cumpriram o seu papel até agora. Mais os jovens agora, os jovens têm uma cabeça diferente, não pensam mais nisso, é difícil

plantar essa ideia neles, mas um pouco eles levam com eles por conta da vivência das associações. (Yoshimi Shintaku)

Preocupados com a preservação e divulgação da cultura japonesa, o Nikkey Clube criou, nas dependências da sede campestre, um memorial sobre a história de toda a trajetória dos imigrantes japoneses em Marília.

Nós temos um memorial lá na entrada Nikkey, onde temos justo para preservar a cultura aqui no Brasil. A nossa tradição e costume realmente está vivo até hoje por causa do Nikkey. (Keniti Mizuno)

Nós temos na câmara municipal, a comissão de registros históricos, ali deve ter em acervo grande sobre a colônia japonesa. E nós quando o Nikkey Clube completou 75 anos de existência, contando desde a época do Zenkiti Shiroma, nós construímos um museu histórico no portal de entrada do Nikkey Clube sede campestre. Lá temos um acervo que fizemos justamente para que o tempo não leve nossa história. Desde o início, os imigrantes tinham o objetivo de fazer associações para se unirem em torno dela. Realmente as associações tiveram uma grande importância na preservação da cultura e para também manter sempre viva a memória dos antepassados e até hoje nós estamos lutando para que isso se perpetue. (Rubens Okoti)

Passaram a colocar ainda, em sua diretoria, pessoas mais jovens e instruí-los de maneira coesa para que tudo o que foi construído e passado até aqui não se perca. Com o intuito de trazer o jovem de volta para que ele possa conhecer e se interessar, está sendo inseridas nos eventos atividades voltadas a este público.

A preocupação com a preservação da cultura também se encontra ligada a necessidade de entrosamento entre os descendentes e a própria cidade onde vivem, pois sabem que essa integração é essencial para a vida em comunidade.

Sim! Eu vejo isso pela integração das comunidades, pela participação das pessoas locais e da região que não são nikei como eles gostam e admiram, gostam de participar, gostam de colaborar quando tem oportunidade. O entrosamento do pessoal local com o pessoal da colônia desde o começo foi muito bom. (Flávia Helena Rodrigues Vieira)

Essa relação da memória com o espaço/tempo é evidenciada também no sentimento de pertença, onde fica explícito que os descendentes japoneses habitantes da região de Marília não mais se consideram estrangeiros como no passado, e sim membros natos da comunidade em que vivem.

Primeiro, o que a colônia japonesa pensa que ajudou na nossa cidade desde a parte da agricultura, exemplo Sr. Shintaku. Na parte da indústria, exemplo a Sasazaki, na medicina o Dr. Keniti, na política, a colônia japonesa foi importante para a evolução da cidade, da cultura é diferente, nós estamos tentando dar continuidade na cultura japonesa, preservando ela e disseminando, isso é um trabalho que nós da diretoria temos que fazer para a população, sendo que o que nós aqui fazemos, nem tudo existe no Japão ainda. Algumas coisas que fazemos aqui lá já não existe e aí com o tempo vamos tirando aqui também, porque se observar em conversar com alguém que está no Japão, até alguns termos que utilizamos são ultrapassados, isso pelo fato de estarmos em um Japão de 1940 e os velhos aqui ainda serem dessa época. Um exemplo disso são as festas que existiam todo dia 1ª de janeiro que era no kai kan e o pessoal ia e confraternizavam lá. No Japão, hoje já não existe mais, nós também tiramos essa festa. Aqui em Marília a cultura japonesa é bem difundida, a culinária também, o pessoal gosta bastante e como a cultura japonesa está evoluindo, nós aqui também tentamos continuar essa evolução. Hoje aqui em Marília, de todas as colônias de imigrantes, a mais forte é a colônia japonesa. Com a força da diretoria e dos voluntários conseguimos fazer o que propomos, divulgar e preservar a cultura japonesa. O Japan Fest hoje, faz parte do calendário turístico do Estado de São Paulo que é uma coisa muito difícil, é a maior manifestação da cultura japonesa no interior do país, também faz parte do calendário do aniversário da cidade, também já foi indicado para que seja um evento do Ministério do Turismo do Brasil, já fizemos parte do calendário do Ministério do Turismo brasileiro também. Temos que evoluir, para atingir o público mais novo, vamos ter que trazer coisas que os jovens gostam para atrair os jovens. Precisamos muito dos jovens para que dêem continuidade ao Nikkey Clube, porque somos todos passageiros e se não começarmos a tentar trazer os jovens, uma hora vai acabar. Hoje, com o intuito de dar continuidade e trazer os jovens renovamos a diretoria colocando presidentes mais jovens. (Carlos Mitio Nakamura)

Dialogar com os narradores dessas memórias nos permitiu compreender efetivamente a trajetória, os sonhos e os desejos dos imigrantes japoneses e seus descendentes ao virem para o Brasil e as motivações para que fundassem associações. São histórias que se misturam e se perpetuam, mas que correm o risco de serem esquecidas se não forem registradas. O registro da memória é, portanto, um necessário processo de construção social, especialmente de grupos cuja identidade, cultura e tradições correm o risco de desaparecer. Além disso, os registros para a composição de acervos documentais memorialísticos são essenciais para gerar arquivos de memória a serem disponibilizados para estudos e às gerações futuras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, se objetivou compreender o papel das associações japonesas de Marília para a preservação da memória, cultura e identidade da imigração japonesa e seus descendentes, habitantes da região. A partir do referencial teórico, a pesquisa documental nas associações e as entrevistas estabeleceram uma relação entre os conceitos de memória, identidade, cultura, informação, história oral e documento e como eles se aplicam nas referidas associações.

Mediante o recurso metodológico da história oral, fomos buscar, junto aos membros das associações, as marcas dos tempos vividos ao longo da trajetória dos imigrantes e seus descendentes. O trabalho com narrativas é um caminho que envolve um percurso muito delicado, árduo e longo. Ao lidar com a vida das pessoas, estamos envolvidos em uma ação cotidiana das experiências humanas para apreender informações sobre o objeto estudado. Contudo, isso está entrelaçado a situações e particularidades históricas individuais, que nem sempre há a intenção de serem reveladas pelos entrevistados. Assim, é necessário envolvimento e conquista o que percebemos ao longo dos meses desta pesquisa, quando nos dispusemos ao trabalho de convencimento dos possíveis narradores até ganhar a confiança e eles aceitarem ser entrevistados.

Após esse longo e delicado processo, o resultado é inquestionável, pois tivemos a oportunidade de ouvir relatos muito significativos para o estudo que nos propusemos. Percebemos que histórias de vida se confundem com história social, à medida que não há fronteiras onde começa uma e termina a outra.

Fatos marcantes foram revelados, ligados especialmente à luta dos imigrantes para se instalarem nessa região de São Paulo e para manterem viva a cultura cada vez mais distante de sua realidade. Podemos destacar assim, que a construção de uma memória coletiva é de grande importância para que essas histórias possam ser recontadas de modo à reestabelecer seu lugar no tempo. O testemunho oral nos fornece novas informações e indícios a esse respeito, já que muitas dessas memórias não possuem registros e encontram-se unicamente guardadas nas memórias pessoais daqueles que as viveram ou herdaram.

Essa é a primeira vez que a história da trajetória das associações japonesas em Marília é explorada. Fazendo uso da história oral, pudemos entender um pouco dos anseios dos imigrantes para que houvesse uma associação e que elas fossem responsáveis pela continuidade da manutenção da cultura e da identidade japonesa na cidade de Marília.

Por outro lado, é preciso destacar que registros devem ser produzidos dessas memórias para gerar arquivos, de modo que essas histórias de vida não caiam no esquecimento e se mantenham vivas experiências, tradições e acontecimentos a serem conhecidos pelas gerações futuras.

Vale salientar, que cada gênero documental permite uma análise diferente do conteúdo informacional. A documentação administrativa, por exemplo, fornece informações específicas diferentemente das imagens e vídeos, que permitem uma análise de outros aspectos informacionais. O registro das entrevistas complementa essa análise com informações de natureza subjetiva do entrevistado – o olhar, o silêncio, o não-dito ou mesmo aquilo que o narrador faz questão de enfatizar. São impressões pessoais que, quando comparadas aos documentos de arquivo, permitem uma análise complementar e subjetiva da informação produzida.

Evidenciamos que, apesar do Nikkey Clube ser a maior associação japonesa na região de Marília, há uma grande lacuna quando se trata em preservar a memória, especialmente entre os mais jovens. Isso se pode perceber tanto na fala dos entrevistados mais velhos, quanto no fato de termos encontrado dificuldades entre os jovens com disposição para entrevistarmos e que fossem conhecedores dos acontecimentos vividos por essa associação. Esse fato é uma preocupação dos diretores atuais que afirmam estudar uma forma de trazê-los de volta ao Nikkey Clube, pois o futuro dessa associação para a disseminação da cultura e identidade japonesa na região de Marília depende de jovens ativos.

Já no Okinawa, percebemos que os jovens são bem mais ativos e um dos motivos para que isso aconteça é a motivação que eles encontraram no grupo de taiko. Para esses jovens, essa associação cumpre o seu papel e eles, em suas entrevistas, deixam claro que futuramente também serão associados e trabalharão para divulgação da cultura e identidade japonesa.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 236 p.
- ANDREONI, R. Museu, comunicação e poder. **Intratextos**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 1-15, 2011.
- ARAÚJO, A. E. Informação, sociedade e cidadania: práticas informacionais de organizações não governamentais – ONGS brasileiras. **Informação & Informação**, Londrina, v. 6, n. 1, p.31-54, jan./jun. 2001.
- ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA E CULTURAL OKINAWA DE MARÍLIA. **Comemoração dos 60 anos da AECOM**. Marília: Okinawa Marília, 2012.
- BELLOTTO, L. H. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 320 p.
- CARDOSO, R. C. L. **Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo**. São Paulo: Primus Comunicação Integrada, 1995.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 530 p.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002. 242 p.
- CUNHA, M. R. da. A memória na era da reconexão e do esquecimento. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 101-115, jul./dez. 2011.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.
- HALL, S. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. São Paulo: DPeA, 2006.
- HANDA, T. **O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz; Centro de Estudos Nipo-Brasileiro, 1987.
- HOBSBAWN, E. R. **A invenção das tradições**. 4. ed. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1997. 316 p.
- LE GOFF, J. **História e memória**. 2. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 1992.
- LESSER, J. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Ed. UNESP, 2001. 344 p.
- LOZANO, J. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. 246 p.

MORAIS, F. **Corações sujos**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 348 p.

NAKAMURA, T. N. **Memória e identidades nipo-brasileiras**: cultura pop, tecnologias e mediações. São Paulo: M. T. Nakamura, 2013. 98 p.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-2012, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 3 -15, 1989.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n.14, fev. 1997.

SAKAMOTO, I. História da imigração japonesa em Marília e a formação das associações. In: ANIVERSÁRIO DO NIKKEY CLUBE DE MARÍLIA, 75., 20 ago. 2005. **Resumos...** Marília: Nikkey Clube de Marília, 2005.

SAKURAI, C. **Imigração tutelada**: os japoneses no Brasil. Campinas: [s.n.], 2000.

SAKURAI, C.; COELHO, M. P. (Orgs.). **Resistência & integração**: 100 anos de imigração japonesa no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

SHIKITA, A. M. S. **Informação, História e Memória**: a Constituição Social da informação em relatos orais. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, UFMG, Belo Horizonte, 2005.

SILVA, V. H. M. K. **Um Jornal entre Brasil e Japão**: a construção de uma identidade para japoneses no Brasil e brasileiros no Japão. São Paulo: UFSCar, 2008.

SILVEIRA, F. J. N. da. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 67-86, set./dez. 2010.

THOMPSON, P. História oral: patrimônio do passado e espírito do futuro. In: WORCMAN, K.; VASQUEZ, P. J. **História falada**: memória, rede e mudança social. São Paulo: SESC SP; Museu da Pessoa; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. 280 p.

TOYAMA, O. **Cem anos de águas corridas da comunidade japonesa**. São Paulo: AGWM, 2009. 597 p.

VIEIRA, F. I. S. **O japonês na frente de expansão paulista**: o processo de absorção do japonês em Marília. São Paulo: Pioneira; Ed. da Universidade de São Paulo, 1973. 272 p.

WORCMAN, K.; VASQUEZ, P. J. **História falada**: memória, rede e mudança social. São Paulo: SESC SP; Museu da Pessoa; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. 280 p.

ZILBERMAN, R. Memória entre oralidade e escrita. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 117-132, set. 2006.

APÊNDICES

Apêndice A

RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS

Associação Okinawa

Entrevistado 1 - Vitor Takahashi Higa – 20 anos

Entrevistado 2 - Guilherme Tukasan – 20 anos

Entrevistado 3 - José Roberto Tukasan – 51 anos

Entrevistado 4 - Creuza Mitiko Iane Tukasan – 51 anos

Entrevistado 5 - Evelyn Fukuji Fuzi – 47 anos

Entrevistado 6 - Hide Minei – 80 anos

Entrevistado 7 - Júlio Eiti Fukuji – 74 anos

Entrevistado 8 - Yoshi Matsumoto – 102 anos

Associação Nikkey Clube

Entrevistado 09 - Carlos Mitio Nakamura – 52 anos

Entrevistado 10 - Flávia Helena Rodrigues Vieira – 49 anos

Entrevistado 11 - Keniti Mizuno – 55 anos

Entrevistado 12 - Yoshimi Shintaku – 77 anos

Entrevistado 13 - Rubens Okoti – 73 anos

Apêndice B

ROTEIROS PARA ENTREVISTAS

ROTEIRO DE ENTREVISTA - AECOM

- 1) Qual o seu nome?
- 2) Onde reside?
- 3) Qual a sua idade?
- 4) Qual a sua relação com a associação?
- 5) Quando a senhora (senhor) começou a ter contato com a associação?
- 6) Quando teve início a vinda de okinawanos para Marília?
- 7) Quem são os okinawanos?
- 8) Quem foram as primeiras famílias a virem para Marília e porque?
- 9) Você se lembra como começou a associação Okinawa em Marília?
- 10) Por que foi criada a associação?
- 11) Como foi no começo?
- 12) Quem foram os fundadores?
- 13) Onde foi a primeira sede do Okinawa?
- 14) Como os japoneses (no Japão) se comunicavam com os brasileiros?
- 15) No começo só participavam dessas associações japoneses e descendentes?
- 16) Hoje, há quantos associados?
- 17) Quais as principais atividades desenvolvidas por essas associações hoje?
- 18) Qual a importância das associações japonesas hoje em Marília?
- 19) Como é repassado o conhecimento dos fundadores/membros da associação para os mais jovens? Esse conhecimento é registrado?
- 20) Como a memória dos mais velhos da associação é preservada?
- 21) A associação tem documentos, como atas, registros, fotos, entrevistas etc guardados? Alguém busca informações sobre essa história?
- 22) Quais são as informações mais procuradas?
- 23) Quem é o responsável pelo acesso aos documentos e como é acessado?
- 24) Você acha que as associações japonesas contribuíram para a construção da memória e para a difusão da cultura japonesa em Marília?

ROTEIRO DE ENTREVISTAS – Específico para Nikkey Clube

- 1) Você se lembra como começou a associação Nikkey Clube?
- 2) Onde foi a primeira sede do Nikkey Clube?
- 3) Os japoneses que frequentavam a associação naquela época vieram de qual região do Japão?

ROTEIRO DE ENTREVISTA – Específico para Jovens

- 1) Como você começou a frequentar a associação?
- 2) O que você fazia lá?
- 3) Você acha importante participar dessa associação?
- 4) O que ela contribui na sua vida?

Apêndice C

MODELO DE CESSÃO DE DIREITO SOBRE DEPOIMENTO ORAL

CESSÃO DE DIREITO SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Convidamos o(a) Sr(a) _____ para participar da Pesquisa INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE: ESTUDO SOBRE AS ASSOCIAÇÕES JAPONESAS EM MARÍLIA, sob a responsabilidade da pesquisadora Natacha Kajimoto, sob orientação da Profª Drª Lídia Eugênia Cavalcante, a qual pretende pesquisar a importância das associações japonesas na manutenção da cultura e identidade japonesa na cidade de Marília.

Tal trabalho está sendo realizado para a obtenção do título de mestre, no programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Câmpus de Marília. Esta pesquisa é financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (capes).

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista pessoal, respondendo a questionamentos sobre o tema proposto, de maneira a recuperar fatos e informações que possam contribuir com este estudo.

O(a) Sr(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mantendo os seus direitos morais, porém com terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

Para qualquer outra informação, o(a) Sr(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora no endereço Rua Benedito Mendes Faria 529-A, pelo telefone (14) 98171-6207 ou pelo e-mail: kajimotofunai@hotmail.com

Sendo esta forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Marília, ___ de _____ de _____

Assinatura do participante
CPF:

Assinatura do Pesquisador Responsável
CPF:

Apêndice D

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevistado 1: Vitor Takahashi Higa

[Qual o seu nome?]

Vitor Takahashi Higa

[Qual a sua idade?]

Eu tenho 20 anos

[Onde você mora?]

Moro em marília

[Qual sua relação com a Associação Okinawa?]

Eu sou filho de associados da Associação Okinawa

[Quando você começou a ter contato com a associação?]

Hum... Comecei a ter contato mais ou menos lá pelos 12 anos, quando ia lá jogar bola com meu pai e depois de 2 anos eu entrei para o grupo de taiko.

[Pode me falar mais sobre o taiko?]

Taiko são instrumentos japoneses, que a gente usa para divulgar a cultura okinawana... é...somos filados do pessoal de São Paulo que tocam na Vila Carrão e a gente tenta passar o espírito nosso de Okinawa para quem assiste a gente.

[Saberia me dizer quando teve início a vinda de okinawanos para Marília?]

A Associação Okinawa teve início há mais ou menos uns 80 anos, quando as primeiras famílias começaram a vir pra cá.

[E quem foram esses okinawanos?]

São pessoas vinda de Okinawa, e... elas vieram aqui com intuito de... é... produzir algodão, produzir horti fruit.

[Você sabe quem foram as primeiras famílias okinawanas a virem para Marília e por que elas vieram?]

Uma das primeiras famílias eu acho que... que foi a família Shimabukuro... eu acho... e elas vieram com intenção do cultivo, ver se aqui conseguia mais dinheiro.

[E por que foi criada a associação?]

Bom, como vieram algumas famílias de okinawa pra cá ne... eles antigamente se juntavam nas casas para matar as saudades, para unir as famílias e pra matar a saudades que tinham da casa deles, lá no Japão né...e eles normalmente faziam as reuniões nas casas iam variando assim, na casa de um, na casa de outro.

[E já era uma associação?]

Isso! E aí foi criando uma associação, conforme vinha mais famílias iam juntando mais famílias para essas reuniões.

[Sabe quem foram os fundadores?]

Um dos fundadores foi o Shimabukuro, se não me engano.

[Onde foi a primeira sede do okinawa?]

Então... A primeira sede, foi como falei né... Eles se reuniam nas casas e assim eles iam discutindo algumas formas de melhor o cultivo, essas coisas, agora o nome do dona da primeira casa eu não vou saber informar.

[Você sabe como eles se comunicavam com os brasileiros nessa época?]

Ixii... Aí não sei, minha mãe fala que eles tentavam fazer mímica, tentava escrever alguma coisa.

[No começo, quando surgiu essa associação, só participavam os japoneses ou os brasileiros também eram bem-vindos?]

É... que pelo que eu saiba assim de okinawano eles são meio, quase restritos, normalmente era só as famílias mesmo...

[Hoje ainda é assim?]

Hoje já tem uma integração maior já com a população brasileira.

[Você sabe quantos associados qtem hoje, brasileiros e descendentes?]

Acho que passa de uns 100 já, eu acho, mais ou menos.

[Quais são as principais atividades desenvolvidas pela associação?]

Oh, em nossa associação a gente joga bola, tem o grupo do taiko,tem o senenkai que é um grupo de jovens que se reúne para fazer atividades [quantos jovens tem nesse grupo?] bem... contanto com os jovens que também frequentam o taiko tem amis ou menos uns 70, mais ou menos, [mas todos participam de tudo ou não?] é... que... o grupo do senenkai é mais para os filhos de associados, mas a gente abre pro pessoal que é de fora sim.

[Para você, qual a importância da Associação Okinawa em Marília hoje?]

É divulgar a cultura okinawana né...para passar essa cultura adiante, para não deixar que ela morra aqui na cidade.

[Como é repassado o conhecimento dos membros mais antigos, para vocês que são mais jovens?Ele é registrado, é escrito em algum lugar ou é só no boca a boca?]

Tem as atas, onde são anotadas os acontecimentos, e assim, como eu sou filho de associados, mais para frente eu vou ser um associado também, é meio que vai passando de herança, [aí os mais velhos vão te contando as histórias passadas?] é... eles vão passando, fora que meus avós também vão contando umas histórias para mim.

[Como a memória desses mais velhos é preservada?Eles escrevem alguma coisa, fazem vídeo para divulgar futuramente?]

Então... tudo fica registrado nas atas que ficam com o pessoal da associação, mas de vez enquanto o pessoal contam umas histórias também... maisfica tudo em atas.

[Então a associação tem documentos, como as atas?]

Sim!

[E alguém busca as informações que tem nessas atas?]

Hum... Pelo que sei, é bem difícil alguém procurar, só quem vai atrás de pesquisa essas coisas assim. Mais não sei o que eles mais procuram.

[Você acha que a Associação Okinawa contribui para a construção da memória e para a difusão da cultura japonesa aqui em marília?]

Eu acho que sim! Como tem bastante família aqui que é de Okinawa, então tem bastante gente que quer saber mais e acabam comparecendo aos eventos que a gente faz e acabam meio que se juntanto e os brasileiros também se juntam a nós por gostar da cultura, porque como é uma coisa diferente eles querem ver como é.

Você já me disse que começou a frequentar ainda pequeno porque seus pais iam e te levavam ne? Sim!

[E no começo você fazia o que lá?]

Ah... é que no começo quando eu era pequeno tinha bastante evento né, aí então meus pais sempre me levavam nos eventos tudo e aí eu ficava brincando com o pessoal lá, aí depois começou a surgir o taiko e o futebol.

[Vitor, e você vai desde pequenininho?]

Sim! Desde pequenininho!

[E você acha que é importante para você participar desta associação?]

Pra mim tem sido bastante importante porque além de saber mais da minha família eu pude ter novos amigos também, aprendi bastante coisa junto, então cultura assim que fui aprendendo e que...você vai entendendo, vai vendo de perto como é, vai sentindo como é, acho que ajuda bastante você ter uma disciplina melhor.

[E você acha que esses aspectos contribui para a sua vida?]

Acho, acho sim!

Entrevistado 2 – Guilherme Tukanan

[Qual é o seu nome?]

É Guilherme Tukanan.

[Onde você mora?]

Moro aqui em Marília mesmo!

[E sua idade?]

Tenho 20 anos.

[Qual a sua relação com a Associação Okinawa?]

Bem... Eu sou filho de associados e frequento bastante lá.

[Quando que você começou a ter contato com a Associação?]

Bom, desde pequeno, eu ia no Okinawa com meus pais e não sabia o porque,[risos...] mas, continuo indo até hoje. Hoje vou por causa dos eventos e tudo o que tem lá. Eu ia lá para encontrar com meus amigos e também como ia com meus pais não tinha muita escolha, mais hoje eu vejo o quanto isso foi importante para minha vida ter participado do Okinawa!

[Então você acha que é importante participar?]

Sim! Muito importante, tanto para fazer amizades como para tudo.

[Você sabe quando teve início a vinda dos okinawanos para Marília?]

Bom... Acho que faz bastante tempo, e eles vieram para cultivar algodão e agricultura no geral.

[E quem são os okinawanos?]

São originários da ilha de Okinawa, que é localizada ao sul do Japão, e antigamente eles eram um pouco mais afastados do Japão, mas, hoje estão mais integrados.

[Quais foram as primeiras famílias que vieram para Marília, você sabe?]

Vixi... Eu não sei responder.

[Por que a Associação foi criada?]

Ah, foi criada para preservar a cultura de Okinawa, primeiro eram poucas famílias que se reuniam para preservar essa cultura.

[E como foi o começo dessa Associação?]

Eles se reuniam de tempo em tempos com as famílias, sempre visando preservar a cultura de Okinawa.

[Você sabe quem foram os fundadores da Associação?]

Foi em 1931, o senhor Shimabukuro.

[Onde foi a primeira sede do Okinawa?]

Acho que sempre foi onde é atualmente, na rodovia, perto da coca-cola, acho que sempre foi lá.

[Como que os japoneses faziam para se comunicar com os brasileiros naquela época?]

Eles tentavam se comunicar através de carta, mímicas, desenhos, através disso [risos]

[No começo, só podiam participar da Associação os japoneses e seus descendentes, ou havia brasileiros?]

Primeiramente só participavam famílias okinawanas, com o tempo foram abrindo para as outras famílias e até para brasileiros.

[E hoje, quantos associados tem?]

Vixe... Mais ou menos 60 famílias.

[Quais as principais atividades que o Okinawa desenvolve?]

Tem o taiko, que o pessoal frequenta bastante, tem o futebol que não só os jovens mais também os adultos participam bastante e tem vários eventos que o okinawa faz para o público em geral, mas principalmente para os okinawanos.

[Você faz parte do grupo de taiko?]

Sim! Sou do taiko!

[Poderia falar um pouco sobre o taiko? O que é, quando começou?]

Bem... Eu estou no grupo desde que começou, fazem já 9 anos, é um grupo que reúne jovens para tocar o tambor que é o taiko e fazemos várias apresentações para divulgar essa cultura o que é importante para preservar essa cultura e é muito legal [risos] fazemos muitos amigos, ganhamos muita disciplina e tal e... e... é isso...

[Qual a importância dessa Associação hoje para a cidade de Marília?]

Principalmente os eventos que ela oferece que preserva a cultura e que também chama o público para fazer parte desta grande família, que eu acho que é o mais importante.

[E como é repassado o conhecimento dos membros mais antigos e dos idosos para vocês mais jovens? É registrado, é passado de boca a boca contando história?]

É... Eles contam bastante história, as vezes fazem palestras pra gente, através de ações quando tem eventos eles mostram e explicam pra gente como é feito, é através disso.

[A Associação tem atas, registros, fotos, entrevistas?]

Tem!

[E são guardados?]

São guardados e repassados para nós através da fala.

[E fora você, será que alguém busca essas informações?]

É... Pouca gente que se interessa.

[E o que é que eles procuram mais?]

Informações dos antepassados de como era antigamente e como é hoje.

[E quem é o responsável pelo acesso à essas informações?]

É restrito ao pessoal da comissão, do presidente e tal.

[Você acha que a Associação contribuiu para a construção da memória e a difusão da cultura japonesa aqui em Marília?]

Com certeza! Muitas famílias costumam ir lá para preservar a cultura e tem os eventos também, então acho que foi muito importante!

[Você acha que os brasileiros em geral aqui em Marília aceitam bem a cultura japonesa?]

Aaaa, eles aceitam sim! As vezes tem um pouco de preconceito assim.... Ah japonês... mas de um modo geral aceitam sim! Eles se interessam bastante, nos eventos sempre tem bastantes brasileiros participando e no taiko também tem vários brasileiros tocando!

[Para você, ter participado da Associação teve alguma contribuição para sua vida?]

Sim! Lá fis muitas amizades, aprendi bastante disciplina com o taiko, e também aprendi o trabalho em grupo que em muitos eventos tem que se trabalhar em grupo, tem muito trabalho em grupo, muita união!

Entrevistado 3 – José Roberto Tukasan

[Qual o seu nome?]

José Roberto Tukasan

[Onde você mora?]

Nasci e moro em Marília!

[Qual a sua idade?]

51 anos.

[Qual a sua relação com a associação Okinawa?]

Hoje eu sou o presidente.

[Há quanto tempo você está como presidente?]

Essa é a minha terceira gestão, a gestão é bienal, teve recentemente uma mudança no estatuto e colocou que o atual presidente só pode se eleger mais 1 vez, inclusive fui eu quem pedi para ser assim porque eles estavam querendo que fosse vitalício, e vitalício não dá ne?! [risos] Aí acabei meio complicado, inclusive este é meu último ano. Foi a 3ª gestão, então quer dizer, foram 6 anos.

[E aí você para aqui?]

É... Para, interrompe assim, tem que ter alguém, pelo estatuto, outra pessoa precisa pegar o cargo, mas eu posso voltar daqui 2 anos, 2016 – 2017 pega outro, 2018 eu poderia voltar.

[E como é escolhido o presidente? É uma eleição?]

Isso é uma eleição, é convocada uma assembléia e os associados vão lá e votam e é tudo registrado em cartório, colocado no jornal, tudo conforme manda a lei.

[É feito uma ata?]

Sim, tem a ata!

[E tem uma idade para votar ou todos os membros votam?]

Normalmente é só o cabeça da família que vota. E normalmente é o homem. [risos] A mulher não tem muita vez não...

[Quando você começou a ter contato com a Associação?]

Então, foi em 1981, eu tinha 18 anos e um diretor de esportes da associação me chamou para montar um time de futebol só dos filhos de associados, inclusive meu irmão também foi, mais depois eu passei na faculdade de matemática e me mudei para Campinas em 1983. O futebol continuou, eu que saí da cidade.

[Ainda hoje, esse time existe? Os jovens jogam?]

Não tem mais! Começou a ter uma imigração para o Japão e aí acabou o time. E hoje assim, existe um time que representa Marília, mas não é só da Associação, somos convidados por outras cidades, mas são descendentes não só de okinawanos, são descendentes nikeis em geral.

[Você sabe quando teve início da vinda dos okinawanos para Marília?]

Então, que eu tenho informação é que logo depois da Segunda Guerra Mundial no caso do meu avô, ele foi literalmente expulso de Santos por que quando o navio veio ele ficou lá, fez moradia em Santos, eu busquei a informação de qual navio que ele veio, consegui, mas, não estou lembrando agora que navio que ele veio, aí ele aportou em Santos e ficou morando em lá, aí quando teve a Segunda Guerra Mundial eles foram expulsos para não ter contato com os japoneses que chegavam e os que estavam aqui, aí saíram de Santos e vieram para o interior de São Paulo porque tinham a informação que aqui tinha plantação de café, lavoura, e vieram pra cá para procurar trabalho, e os descendentes de Okinawa estavam todos vindo para cá, e foi aí que começou a vinda de okinawanos para Marília, logo depois da Segunda Guerra.

[Quem são os okinawanos?]

Então, eles são da ilha de Okinawa. Eu entendi que a história foi assim, eles venderam uma ilusão para eles tanto para os japoneses de Tokio e os de Okinawa que aqui era uma terra rica [risos], como hoje acontece ao contrário os descendentes estavam indo pro Japão pra ganhar dinheiro, eles vinham para o Brasil para ganhar dinheiro. Essa foi a informação que me foi passada, não sei se é só isso ou se tem mais alguma coisa.

[Quem foram as primeiras famílias que vieram de Okinawa para Marília?]

Então... Para Marília... Hum... Eu não sei exatamente quais as famílias, mais algumas famílias eu sei... Família Nishihara, então assim, deve ter uma relação com os primeiros que vieram... Eu sei que eles faziam reuniões na chácara de um okinawano que era da família Nishihara, eles faziam reuniões lá, bailes e jogavam futebol, tinha até um nome que eles inventaram UCEM, que na década de 60 foi bastante conhecido, principalmente no ano de 1964 e 1965 que eles foram campeões na várzea de futebol, é... foram campeões e tinham o maior respeito e se não me engano na época eles ganharam até do Marília, só que era um time misturado, tinha descendentes mais também tinha brasileiro. E assim, começou a Associação com as reuniões na chácara da família Nishihara, e inclusive meu pai foi presidente dessa associação, que antigamente tinha o nome de UCEM [Seu pai então foi presidente da UCEM?] Sim, mais ele também foi presidente do Okinawa, eu tenho uma informação que não sei se é totalmente certa, conversando com uns membros mais antigos eles disseram que o primeiro presidente foi um médico chamado Taminato, mais como ele foi embora para São Paulo, meu pai assumiu a presidência desse clube que tinha esporte, parte social e lazer, e que o auge foi em 64 -65 que foram campeões.

[Eles se reuniam 1 vez por semana para fazer reuniões?]

Eu entendo que era todo final de semana ou até mesmo no meio da semana para fazer os eventos. E a princípio só iam os okinawanos.

[E onde é a sede hoje, existe desde quando?]

Então... Desde... Como foi feito 60 anos de associação em 2002, alí foi construído em 1987, compraram o terreno e construíram na época só um barracão com 4 pilares e se você olhar lá hoje ainda existem os 4 pilares só foi ampliado, mais os 4 pilares ainda estão lá, foi deles que nasceu a Associação Okinawa.

[E porque foi criado essa Associação?]

A princípio eu fiquei sabendo que existiam 3 entidades inclusive o Okinawa não fazia parte, mais foi convidado a fazer uma unificação das 3, mais na época falamos que não daria pelo motivo de que já tínhamos uma sede própria e também porque a cultura é diferente e nós queríamos manter a cultura de Okinawa mesmo ne e não é que não queríamos unir, queríamos ter uma sede própria, ter a própria cultura preservada que se você for dá uma olhada é diferente.

[Quem foram os fundadores dessa associação?]

Então... Tem uma placa no Okinawa que tem o nome de todos certinho, eu prefiro não falar os nomes para não esquecer de nenhum, mas aquela placa que esta lá são os fundadores mesmo.

[A primeira sede foi na chácara da família Nishihara, certo?] Sim, começou ali como um clube de futebol, com a parte social que fazia os bailes e logo depois de 1964 -1965 tinham uns irmãos e todos foram para são Paulo, então aí acabou esse time de futebol, e ficou só os eventos sociais, mais com o tempo foi acabando também. [E onde era essa chácara?] É ali na Palmares, existe até hoje, não é mais da família, mais existe ainda, não sei está totalmente intacta, mas o pessoal que eram de Marília e foram embora, quando voltam para passear dão uma passada lá para dá uma olhada, ali tinha até um rio lá embaixo é bem antigo mesmo.

[Nesta época, como os japoneses faziam para se comunicar com os brasileiros?]

Bom, como eu já sou da 3ª geração ne, eu não posso te falar como comunicavam, mais eles tentavam aprender o português ne [risos...], porque não tinha jeito, é uma lingua muito diferente, não essa informação exata, mais era tentando aprender português, no portunhol...

[No começo, só podiam participar da associação os japoneses e descendentes okinawanos?]

É, só descendentes da ilha de Okinawa, brasileiros não, mais assim os não descendentes casados com descendentes de Okinawa também tinham direito de participar dessa Associação pelo fato de ter a mesma afinidade e a mesma finalidade de manter a cultura okinawana, não porque não podia entrar brasileiros, hoje tem brasileiros, mas pelo fato de que a única coisa que dava pra fazer na época eram as reuniões entre eles para se encontrarem e conversarem para contar as histórias e sentir menos saudade da terra natal.

[Hoje a associação tem quantos associados?]

Nós hoje somos 80 famílias, include eu pelo fato de ser sansei, 3ª geração, meu pai era descendente de Okinawa, minha mãe não, então eu tenho 50% de descendencia okinawa, então eu procurei abrir para famílias não okinawanas, eu consegui trazer umas 10 famílias a mais, são famílias nikeis, sem nenhuma descendencia okinawana, até tem uma família não descendentes, um casal brasileiro mesmo, descendentes de espanhol ou italianos, são os únicos.

[Quais as principais atividades desenvolvidas pela associação?]

Hoje, seria mais o taiko.

[Pode falar mais sobre o taiko?]

Quando nós fizemos o aniversário de 50 anos da Associação Okinawa, convidamos a matriz, porque somos filiados a Associação Okinawa Brasil nós somos a filial Marília, e quando fizemos 50 anos pedimos para o pessoal trazer alguns grupos para fazer a apresentação de teatro, e aí eles trouxeram o taiko, o taiko de Okinawa que é muito bem visto e que geralmente é tocado em festa, e a diretoria ficou deslumbrada com a apresentação, e após isso fizemos um convite para trazer um grupo para ensinar as nossas crianças, isso em 2002, aí não tivemos um retorno

desse grupo mais antigo o *Matsuri, Ryuko Koko Matsuri*, que foi o grupo de taiko da associação. Aí em 2006, um diretor disse que existia um outro grupo em São Paulo que era comandado por uma professora, a *sensei*, aí foi feito o contato com ela e em setembro de 2006, ela veio ensinar as crianças o taiko. [Ah, então antes desse taiko que vemos hoje, teve um outro?] É, existe na verdade um outro, são 2 grupos, mais aqui em Marília só o *Requios*, é o grupo *Requios* que existe já a mais de 10 anos dever ter uns 12 ou 13 anos, em 2002 a *sensei* foi pra Okinawa aprender e trouxe para o Brasil, mais a primeira tentativa não foi o *Requios* foi o *Matsuri* que era um grupo maior, ele existe ainda, é um grupo que avançou na América Latina tem em outros países, é mais conhecido e tal, mas aqui em Marília não deu certo, o *Requios* ele está mais a nível Brasil, só na grande São Paulo e nós conseguimos trazer para o interior, para Marília, só tem aqui e lá, em São Paulo em algumas filiais, no total só em São Paulo deve ter umas 20 filias e em umas 2 ou 3 filias tem o grupo *Requios* também e nós aqui em Marília, no interior só nós que temos esse grupo.

[E hoje, esse grupo tem quantos taikoístas?]

Hoje tem em trono de 50, só que estamos em uma fase assim, quando começou os mais velhos tinham 12 anos, e como ano que vem vamos fazer 10 anos, estamos em uma fase em que o pessoal está começando a ir estudar fora então perdemos bastantes taikoístas, já chegamos a ter 100 integrantes, agora tem esse pessoal que mora fora para estudar mais que quando estão aqui tocam, fez amizade com o pessoal e voltam pra rever os amigos e tocam, inclusive meu filho está estudando em Maringá, ele quando está aqui vai treinar e apresentar.

[Para você, qual a importância que as associações japonesas tem em Marília?]

Eu acho que... a gente não percebe mais a cultura que é o principal motivo de tudo isso né, e também podemos viver em um ambiente bem saudável, eu comecei a gostar da associação pelo esporte, e nossa sigla é Associação Esportiva e Cultural Okinawa de Marília, até o esporte está em primeiro lugar, se você for ver em outras entidades a cultura está em primeiro muitas vezes, então nós colocamos esporte primeiro e pelo esporte é que começa a gostar da associação, e hoje a cultura está em evidência por causa do taiko.

[E vocês também fazem o undokai?]

Então, a história da Associação Okinawa em Marília se confunde com o undokai, nós já estamos na 61ª edição, o undokai existe desde a época que o pessoal veio para Marília, porque que eu sei é que quando o pessoal paravam de trabalhar nas lavouras faziam brincadeiras e no nosso caso, dedicamos o dia 1º de maio que é o dia do trabalhador para fazer esse undokai, undokai significa reunidos para correr, então dedicamos o undokai ao trabalho, porque tanto o trabalhador descendente quanto o brasileiro trabalhava muito, então colocamos esse dia para ter um dia de lazer, e você pode ver que está durando até hoje, já tem 61 anos e todos os anos é lotado porque o pessoal sabe que no dia 1º de maio sempre vai ter esse evento. E com esse evento também estamos divulgando a cultura japonesa.

[Como o conhecimento dos membros antigos é repassado aos mais jovens?]

Temos passado na parte prática, dando exemplos como aconteceu comigo, o meu pai passou pra mim a parte que ele fazia, eu aprendi a gostar vendo ele, ele foi meu exemplo, não fizemos nada escrito divulgando a cultura, agora temos os registros em atas de tudo que é feito desde que foi fundada a AECOM.

[E a memória dos velhos, ela é passada para os mais novos?]

Então... isso que a gente não tem muito, e é uma falha nossa, e acredito que as outras entidades também tem esse problema. [Mais vocês sabem a importância

de repassar esses conhecimentos?] Sim! Sei que se formos passando sempre vão existir as lembranças e a cultura será preservada e se não repassarmos uma hora vai acabar, temos passado somente na prática, mais não o que eles fizeram, porque fizeram, só sabemos mesmo através de livros ou alguma coisa assim, e mesmo assim a pessoa tem que procurar saber.

[A associação tem as atas, os documentos, registros, fotos?]

Sim, tem tudo e tudo está registrado, inclusive tem registro das primeiras atas que estão escritas em japonês.

[Beto, para essa pesquisa estou lendo muita coisa, e li que antigamente existia uma outra associação, mais não sei se é esta UCEM, e que com a Segunda Guerra e tudo o que aconteceu a polícia queimou alguns documentos, são do Okinawana?]

Hum... eu não sei, você teria que conversar com o pessoal mais velho, porque eu não tenho essa informação, mais existe sim essa possibilidade, até porque naquela época não se podia reunir, nem falar japonês em público.

[Como no início o nome da associação era UCEM, ainda existem os registros dessa época?]

Eu acho que não existe em português, mas em japonês existe sim! Mais vou perguntar para um ex- presidente que é o mais antigo que ainda está vivo e eles inclusive foi um dos fundadores o sr. Yoshimi Shimabukuro, realmente ele pode falar com mais propriedade porque ele até participou da guerra, então ele é uma pessoa que se realmente ele estiver com a memória boa ele pode te passar essas informações.

[E alguém busca essas informações?]

Tem uma pessoa que eu comentei com você o José Carlos Miyazato que tem esse interesse de ir atrás e buscar essa cultura e ele até propôs para a diretoria atual em montarmos um acervo com tudo isso aí, com fotos e tudo o que temos para os próprios descendentes irem lá e buscar as informações que ele tem interesse em saber, inclusive a matriz nossa estava cobrando que fizéssemos isso, porque daqui há alguns anos os descendentes não terão mais cara ne, a feição oriental ne, porque vai misturar, misturar, misturar até chegar a um ponto que eles já não vão mais saber de onde vieram, então a matriz lá em São Paulo estão montando um Acervo para ficar para as futuras gerações.

[Ninguém procura mais alguma ou outra informação seu filho e os amigos dele não procuram saber?]

Não, e eu acho até preocupante ne, tenho andado a região com o futebol e com o taiko e tenho conversado com algumas lideranças e o jovem não está mais interessado em manter essa cultura, muito pouco se preocupam, se você for ver um evento de karaokê vê que a idade é muito avançada, não tem renovação, o próprio futebol mesmo que eu tentei levar para os mais jovens também não estão mais interessados, tentei montar alguns times mais percebi que não vai, o taiko, o nosso taiko ainda persiste pelo fato de ser um taiko mais alegre, mais pra festa ainda estamos conseguindo manter apesar de ter diminuído bastante o número dos integrantes, mais estava vendo um taiko que é o WADAIKO, tem acabado em várias cidades, alguns estão matendo, mais em muitas cidades em que é tradicional acabou, então eu estou achando preocupante manter a cultura.

[E o pessoal que faz parte do Requios eles procuram saber sobre o taiko?]

É alguma coisa assim eles ainda procuram sim, como estão envolvidos com isso, esse interesse eles tem, mais não para poder fazer alguma coisa futura é só por curiosidade mesmo.

[Quem é responsável por esses documentos?]

Assim, algumas ficaram com alguns fundadores e centralizou mais no sr. Yoshimi recentemente algumas estavam na casa dele, mas, estão em japonês e a tradução é muito cara, existe lá, mais não sei o estado em que elas estão e precisaria na verdade traduzir para saber o que realmente aconteceu naquela época.

[Você acha que a AECOM contribui para a construção da memória e para a difusão da cultura aqui em Marília?]

Eu acho que sim, nós além do taiko temos uma festa que é o Okinawa Sobá e já vamos realizar a 9ª edição agora em setembro e temos mantido esta festa porque o sobá é uma comida típica de Okinawa, e o undokai se confunde com a nossa história mesmo, 60 anos eu acho que não é qualquer entidade que consegue manter um evento por tanto tempo, o pessoal fala que a história da AECOM se confunde com o undokai, hoje podemos falar que esses três eventos e no caso do taiko que é um grupo mais são eventos que procuramos manter para divulgar a cultura e divulga a cultura, não tem como não divulgar...

[Para você é importante participar da associação?]

Então, eu até comento com o pessoal, você precisa gostar para realmente manter a cultura porque não é fácil eu gosto, é como se fosse minha segunda casa e eu quero que a associação continue aí, passe para as futuras gerações e que eles continuem mantendo... Porque eu gosto, a gente acaba se doando é um trabalho voluntário, para ser presidente precisa realmente gostar, na verdade a presidência foi uma consequência, nós chegamos a um ponto onde ninguém mais queria assumir porque é complicado você ter que manter uma associação no Brasil hoje porque nosso objetivo é preservar a cultura, mais não depende só da cultura, depende do financeiro também, não é fácil, eu até brinco com o pessoal que para ser presidente você precisa ser meio louco e gostar porque se não, não vai, você acaba se desgastando porque você não ganha financeiramente, ganha só satisfação de esta ali a associação de pé, hoje eu acredito que temos ganhado muito respeito em Marília e também na região nossa entidade está aí viva e mantendo os eventos para mostrar nossa cultura.

[E como essa associação contribui na sua vida?]

Então, como eu gosto, me sinto bem, hoje faz parte da minha vida integralmente, eu continue jogando futebol lá, construímos uma quadra que antigamente era um campo, quando eu comecei era futebol de campo aí depois logo em seguida fizemos curso de dança, fomos os pioneiros a fazer curso de dança em Marília, inclusive o Nikkey depois começou a fazer, mais se você buscar a parte social do Okinawa, nós fizemos vários cursos de dança, dança de salão tá, e nessa parte social nós estávamos no auge na época que fizemos os cursos de dança, então assim, comecei pelo futebol que me integrei, depois o social que me envolvi e também pelo fato de não ser todos que se interessam, aí nesse caso, o Saito que em 1990 era o presidente me chamou para ser secretário a partir daquele momento eu virei secretário o peguei um pouco de cada presidente aqui, inclusive meu pai que deve ter tido umas 3 ou 4 gestões, então meu pai, Yoshimi e principalmente sr. Júlio Minei que era um líder nato, coversei muito com ele, sei um pouco de cada um deles, eu sei mais ou menos o cada um pensava, ou seja, eu sou cria de todos os presidentes, aprendi muito com cada um deles... [risos...], porque eu fui secretário, depois passei para diretoria e fui... ah... são quase 30 anos se fizermos a conta, então de ser presidente foi uma consequência porque ninguém quer assumir e como eu sempre batalhei pela associação, assumi várias diretorias como a de

esportes, social que são as que eu gosto mais, foi tranquilo assumir, inclusive eu peguei também por causa do meu pai, meu pai ficou meio doente e como ninguém queria assumir, ele ia continuar assumindo, aí eu falei não, então eu assumo, porque eu não queria que ele assumisse mais, porque parece que não, mais sobrecarrega, ia fazer com que ele se esforçasse muito e como ele estava com problemas de saúde eu assumi, não podia ficar olhando aquilo e deixar e como eu tinha o conhecimento dos outros presidentes e da associação eu fiz, e também porque em 2007 eu peguei a coordenação do taiko, porque até 2006 não tinha nada, Hatsumi sensei veio ensinar e no começo eram só 12 membros que eram filhos ou netos de associados, depois disso ela vinha mensalmente para ensinar, depois ela teve uns problemas de saúde e também por causa do grupo em São Paulo ela parou de vir e os monitores daqui vão para São Paulo aprendem as músicas novas e ensinam aqui, aí como em 2007 começou a sermos chamados para fazer muitas apresentações o pessoal pediu para que eu assumisse, teve uma reunião e eu assumi, aí no final de 2007 eu vi que o pessoal queria mais estava meio desorganizado, aí montamos uma comissão, e essa comissão éramos em 7 minha esposa, Emi, Lúcia, Tyoko e Hideo e a Mihoko que faleceu, inclusive a Mihoko foi a primeira coordenadora do taiko, ela que foi chamada primeiro, eu sou o segundo, depois foi o Massa e voltou para mim, e pelo fato de eu ver aquele grupo, pensei comigo não posso deixa-los, e esse foi um outro motivo para que eu assumisse a presidência para poder segurar aqueles jovens na associação, porque se por acaso entrasse um presidente que fosse contra o taiko ou não ajudasse, esse grupo poderia acabar, e isso e meu pai foram os motivos de eu assumir a presidência do Okinawa, inclusive meu pai ficou preocupado porque eu peguei uma época de centenário, eu assumi em 2008 e foi o centenário da imigração, 1908 - 2008, aí eu assumi e foi meio puxado, mais deu certo, fiquei 2008 – 2009, aí 2010 – 2011 eu pulei ficou o Paulo como presidente e voltei em 2012 – 2013 e 2014 – 2015.

[Você lembra a partir de quando o taiko começou a aceitar brasileiros no grupo?]

Desde o começo já aceitava, não tinha esse negócio não! Em 2006 já aceitava, começamos com os filhos de associados porque a gente tinha uma base, mas, alguns saíram e outros ficaram, tanto é que hoje a maioria não é mais descendente de okinawa, são descendentes de japonese, mais não de Okinawa.

[Hoje vocês se reúnem semanalmente?]

Depende dos eventos, principalmente na época do undokai, que aparentemente parece fácil mais tem toda uma logística que precisamos nos reunir pelo menos uns 3 meses antes, então antes do undokai a gente se reúne mais, mais caso contrário procuramos nos reunir quinzenalmente para fazermos reuniões porque hoje é mais fácil tem e-mail, tem whats app o que é mais fácil do que ficar fazendo reunião.

[E hoje quem esta a frente de cada evento?]

Eu comecei a aprender com o passar dos anos que temos que descentralizar um pouco do presidente, então montamos comissões com coordenadore, a cada evento tem um coordenador para livra um pouco o presidente dessas partes burocráticas, até porque eu não gosto da parte burocrática, eu prefiro pegar na massa mesmo, eu fui instruído para ter coordenadores para não ficar sobrecarregado.

Entrevistados 4 e 5– Creuza Mitiko lane Tukasan – Evelyn Fukuji Fuzi

[Qual é o seu nome?]

[Onde Reside?]

As duas entrevistadas moram em Marília

[Qual a sua idade?]

Creuza Mitico lane Tukasan 51 anos, Evelyn Fukuji Fuzi 47 anos

[Qual a sua relação com a associação?]

(Mitico) esposa do presidente do Okinawa que exerce até dezembro de 2015, e exerce o cargo do departamento do esporte feminino. (Evelyn) sou secretaria.

[Quando a senhora (senhor) começou a ter contato com a associação?]

(Mitico) em 1995 começou a fazer curso de dança, e depois começamos a organizar o curso. (Evelyn) desde pequena participava do undokai e shinenkai com meus pais, comecei há cinco anos fazer taiko e a dois anos sou secretaria do Okinawa, meus pais são okinawanos e ia com eles nas festas desde pequena.

[Quais as principais atividades desenvolvidas por essas associações hoje?]

Taiko, Undokai, soba, festa da pizza e jantares, festa do cabrito que é uma festa em agradecimento aos associados pela ajuda no undokai, matam-se 4 cabritos e fazem a sopa e o sashimi.

[Qual a importância das associações japonesas hoje em Marília?]

Pessoal gosta, união das nações e manter costumes e tradições.

[Como é repassado o conhecimento dos fundadores/membros da associação para os mais jovens? Esse conhecimento é registrado?]

(Mitico) Pelos próprios parentes contam para os mais novos como foi a história da associação, meu sogro contava muitas histórias para os meus filhos. (Evelyn) Meu pai conta as histórias para meus filhos.

[Como a memória dos mais velhos da associação é preservada?]

Tem umas atas antigas guardadas lá, de vez em quando tem algumas coisas que precisam ser discutidas em reunião e precisamos ir atrás dessas atas antigas para conseguir as informações, as vezes precisamos traduzir porque as atas mais antigas estão em japonês.

[A associação tem documentos, como atas, registros, fotos, entrevistas, etc guardados? Alguém busca informações?]

Sim a atas que as vezes eles buscam algumas informações e fotos eles expõem em festas dos líderes.

[Quais as informações mais procuradas?]

Foto dos presidentes mais antigos, o que aconteceu de importante naquela época para ter como prova o que aconteceu.

[Quem é responsável pelo acesso aos documentos e como é acessado?]

Acho que é com a Kazuko

[Você acha que as associações contribuíram para a construção da memória e para a difusão da cultura japonesa aqui no Brasil?]

Sim, até no Japan Fest a gente participa com o taiko e o pessoal gosta muito e é um meio de divulgarmos a cultura e neste evento pessoas de outras cidades e até de outros países para prestigiar.

[Quando você era pequena o que iria fazer no Okinawa?]

(Evelyn) Eu ia para brincar, lembro de ir no undokai quando ainda era no Fragata

[Você acha que é importante participar dessa associação? Porque?]

As duas entrevistadas acham muito importante participar. Porque elas se identificam bastante com a associação.

Quando eu era menina eu freqüentava o Círculo Católico e foi lá que conheci meu esposo, depois que paramos de ir lá a gente ficou um tempo sem participar de nenhuma associação japonesa, apesar de ir esporadicamente, mas o que fez nós voltarmos foi o taiko, achamos importante manter a tradição e ter contato com os japoneses (Evelyn)

[O que você acha que esta associação contribuiu para a sua vida?]

Eu aprendi muito sobre a cultura sobre as coisas japonesas, aprendi a dar valor nessa cultura. (Mi)

Eu aprendi muito, mas o mais importante foi aprender que devemos manter a tradição, cultura, respeito aos mais velhos, e disciplina, para o taiko por exemplo precisa de muita disciplina e respeito aos mais velhos.

Entrevistado 6 – Hide Minei

[Qual o seu nome?]

Hide Minei.

[Onde reside?]

Nasceu em Okinawa e mora atualmente em Marília.

[Qual sua idade?]

80 anos.

[Qual a relação com a associação?]

Mulher do falecido Julio Minei, primeiro presidente da AECOM.

[Quando a senhora (senhor) começou a ter contato com a associação?]

Ele (Julio Minei) fez a compra do terreno da AECOM, de um amigo que frequentava sua loja (farmacia), a primeira construção feita foi o quiosque onde eles se reuniam e faziam reuniões de finais de semanas, depois eles terminaram de construir o que tem hoje, sua farmacia fica na Rua: Paes Leme com a Rua: São Luiz havia um bar na esquina da farmacia onde eles também realizavam reuniões para não precisarem ir até no terreno onde ela não podia participar porque só ia os homens nessa reuniões onde Julio Minei realizava trazer uma associação Okinawa para Marília, ele começou a trabalhar na farmacia com 12 anos de idade e se aposentou com 49 anos, a farmacia São Luiz era de um parente dele (Julio Minei) seus pais moravam no sítio e seu marido morava na residência no fundo da farmacia e ia visitar seus pais de final de semana, depois ele foi fazer o curso de farmaceutico em São Paulo, em 1954 ele comprou a farmacia e o dono era o Edgar Santa Fé Cruz e em 1958 ela casou-se e veio embora para Marília.

[Quando teve início a vinda de okinawanos para Marília?]

Isso eu não sei.

[Quem são os okinawanos?]

São pessoas que dão muita atenção e alegres, carinhosos e resepitivos, quando ela (Hide Minei) veio para Marília eles estavam indo embora.

[Quem foram as primeiras famílias a virem embora para Marília e porque?]

A entrevistada Hide Minei não sabe sobre esse relato.

[Você se lembra como começou a associação Okinawa em Marília?]

Começou em um bar na esquina da farmácia, e eles compraram a chacarra para lazer deles, e acabou virando para associação, e ele (Julio Minei) fazia um campeonato de futebol com crianças e entre farmácias no terreno antes de virar da associação AECOM.

[Por que foi criada a associação?]

Porque ele (Julio Minei) gostava muito da cultura de Okinawa.

[Como foi no começo?]

Foi muito difícil no começo, e não houve muita discriminação, o dinheiro recursos para comprar os mantimentos coisas para a associação vinham dos associados.

[Quem foram os fundadores?]

Ele (Julio Minei), Dr. Tiozim, Yuki Inafuco, Iseiji.

[Onde foi a primeira sede do Okinawa?]

A primeira sede foi o bar na esquina da farmácia, e do bar eles resolveram fazer uma sede maior.

[Como os japoneses se comunicavam com os brasileiros?]

Eles se comunicavam bem com o português, mas eles se comunicavam mais com o Nirongo, modo explicar para eles só em Nirongo.

[No começo só participavam dessas associações japoneses e descendentes?]

Não havia também Gaidim, com quem ele jogava bola no começo.

[Hoje, há quantos associados?]

A entrevistada Ide Minei não sabe sobre esse relato.

[Quais as principais atividades desenvolvidas por essas associações hoje?]

Hundokai, Sobá, e as vezes um jantar.

[Qual a importância das associações japonesas hoje em Marília?]

É boa, porque eles gostam das músicas de Okinawa.

[Como é repassado o conhecimento dos fundadores/membros da associação para os mais jovens? Esse conhecimento é registrado?]

Não procuram eles para repassar eles passam mais para as mães dos jovens.

[Como a memória dos mais velhos da associação é preservada?]

Essa parte ela não consegue explicar bem por não ter muita escolaridade por ajudar seus pais.

[A associação tem documentos, como atas, registros, fotos, entrevistas etc guardados? Alguém busca informações sobre essa história?]

Sim. Tem guardada com o presidente da associação documentos fotos etc.

[Quais as informações mais procuradas?]

Fotos e documentos.

[Quem é o responsável pelo acesso aos documentos e como é esse acessado?]

O presidente da associação.

[Você acha que as associações japonesas contribuíam para a construção da memória e para a difusão da cultura japonesa aqui no Brasil?]

Se não houvesse a associação não teria a cultura de hoje, comecei a frequentar a associação através do seu marido Julio Minei, antes as mulheres cozinhavam fazia café para os homens nas suas reuniões, ela acha importante continuar indo para a AECOM e continua contribuindo com a sua taxa.

Hoje toda terça-feira temos reunião na Associação, aí nós nos reunimos lá, mas eu só vou quando é muita coisa quando é pouca coisa eu não vou, deixo para os mais jovens.

Entrevistado 7 – Júlio Eiti Fukuji

[Qual o seu nome?]

Júlio Eiti Fukuji

[Qual a sua idade?]

74 anos

[Onde reside?]

Marília

[O senhor frequenta a associação Okinawa?]

Sim!

[E qual seria a sua relação com a Associação?]

Eu... Gosto muito da Associação, já fui presidente, vice-presidente também, tenho muita amizade lá que vem de muito tempo atrás.

[O senhor foi presidente quando?]

Vice-presidente em 1987 e presidente no ano de 2004 – 2005 e em 2006 eu fiquei por seis meses como presidente, aí teve eleição e eu cobri uma parte porque a pessoa eleita precisou se ausentar e acabei pegando essa parte dos seis meses.

[O senhor tem contato com a Associação desde o começo?]

Sim! Antes de ter a Associação eu já era sócio participante.

[Em que ano foi isso, o senhor lembra?]

Vixi... Faz tempo hein... Desde 1949, quando não tinha ainda nome a Associação, porém era uma associação Okinawa.

[Não tinha nome?]

Não tinha nome japonês. Era só Kenjin-kai, só isso.

[Em minhas pesquisas, e vi que havia uma associação com o nome de Okinawa Kyokai de Marília, que era filial da associação Okinawa Kyokai do Brasil essa associação é a que deu início a AECOM de hoje?]

Então vamos retificar... Eu falei Okinawa Kenjin-kai, mas é a mesma Okinawa Kyokai de Marília, antes de ter esse nome registrado era Okinawa Kenjin-kai e o nome foi mudando e chegou ao de hoje Associação Esportiva e Cultural Okinawa de Marília (AECOM), e muda mesmo... Só oficializou mesmo quando o senhor Masatoshi Minei (Júlio), ele não tinha nome brasileiro, aí a turma colocou Júlio, e, ele ficou conhecido como Júlio Minei, dono da antiga farmácia Santa Fé entrou, ele quem sugeriu este nome de hoje.

[E como foi no começo?]

Antes não tinha a sede onde é hoje, antes, bem no início, fazíamos reunião no bar Shimabukuro, onde hoje é rua São Luiz esquina com a Paes Leme em 1962-1963, depois cresceu um pouquinho e pedimos pra usar o Kai-Kan e usávamos lá uma vez por mês, depois passou a ser a era Minei como costumamos dizer e ele tinha uma chácara que emprestava para fazermos lá alguns eventos importantes, fazíamos lá vários eventos, entre eles a tradicional sopa do cabrito, que é um prato típico e muito tradicional em Okinawa com o intuito de fortalecer a união, depois o Júlio e amigos que eram associados resolveram comprar aquele terreno lá

para fazer a Associação. Depois de comprado fomos fazendo eventos para arrecadar dinheiro para fazer melhorias e fomos crescendo aos poucos. Se você olhar lá, dá pra ver que foi construindo por etapas.

[O senhor Júlio pagou o terreno sozinho?]

Não! Foi dinheiro dos associados, fazíamos promoções, eventos para ajudar na compra do terreno.

[E quando vieram os primeiros okinawanos para Marília?]

Eu não sei, não era nem nascido.

[Havia discriminação entre os okinawanos e os nati-jin?]

Não! Sempre fomos amigos... Chamávamos eles para os eventos, eles chamavam a gente... Nós não fazemos distinção de raça nem de cor... Todos são bem-vindos

[Quem são os okinawanos?]

Quem somos nós? Somos da ilha de Okinawa, eu sou nissei, meus pais são de Okinawa, eles vieram para o Brasil e eu nasci aqui.

[Seus pais participavam da Associação naquela época?]

Naquela época não havia Associação, tinha uma ou outra reunião só de homens e meu pai estava no meio sim e pagava uma mensalidade.

[E como começou a Associação?]

No começo era no bar Shimabukuro, para fazer eventos iam na Chácara do Júlio Minei, quando era no bar, era só minoria, eram os isseis, os mais antigos, eles faziam reunião e falava que eram associação Okinawa, mais era só de boca, não tinha registro nada disso, era mais uma reunião de amigos, depois do bar fomos no Kai-kan porque o Júlio Minei percebeu que isso estava acabando e teve a ideia de abraçar a causa e crescemos um pouco e o bar já não cabia mais e pediu licença para usarmos o Kai-kan fazíamos até eleição da diretoria lá, na chácara do Júlio íamos para jogar bola e fazíamos reunião lá também.

[Por que foi criada a Associação?]

Não foi criada, o Júlio Minei quem deu continuidade a uma coisa que já existia desde que chegaram os primeiros okinawanos aqui, ele se preocupava muito em manter a AECOM. Aí chega o futebol no Okinawa, a UCEM (União Cultural e Esportiva de Marília) tinha um time de futebol muito forte, jogaram até no Estádio Municipal, mas ele era muito desprezado pelos brasileiros, quando íamos jogar bola eles chingavam a gente, e nessa época o Dr. Tiosin, no lugar de brigar ele apaziguava a torcida inimiga, o time foi bi-campeão, todo mundo gostava.

[E como foi no começo?]

Nós, os okinawanos somos muito unidos, e se convidasse para participar eles viam, por que ninguém queria ficar de fora, não havia preconceito nenhum, alguns probleminhas tinha, assim como em todo lugar tem, mais

sempre que há um problema a gente faz a conciliação.

[Comos os japoneses se comunicavam com os brasileiros?]

Ah, igual quem vai daqui pro Japão, tentando falar na marra! Naquela época tinha muito "camarada" nas fazendas e eles ensinavam também.

[No começo, só participava da associação os japoneses?]

Naquele tempo não! Mais quando tinha undokai, a gente pegava aqueles caminhões que tem carroceria e levava os brasileiros pra participar lá na fazenda Santa Eliza, onde hoje é um bairro, perto do cemitério. O undokai é o evento mais antigo da Associação.

[Naquela época a Associação tinha quantos associados?]

Os okinawanos eram 25 famílias, mais ou menos, mais o pessoal naichi-jin que aqui também já participavam, juntos somavam mais ou menos 40 famílias.

[Quais as principais atividades desenvolvidas por essa associação?]

Na época do Cascata tinha esportes, modalidade de competição tinha arremesso de peso, salto livre, arremesso de dardo, corrida de 100 metros, salto com vara, sumo, para crianças tinha corrida com olhos vendados (figura de gato), corrida de pés atados em par, corrida de saco. Hoje temos o undokai, o okinawa sobá, no Japan Fest vendemos pastel, tempurá e sorvete, taiko

[Qual a importância da AECOM hoje em Marília?]

A união das famílias okinawanas, a prática de esportes saudáveis, a população de um modo geral gosta e participam bastante, a associação hoje em Marília é um meio de fazer outras pessoas felizes.

Entrevistado 8 – Yoshi Matsumoto

[Qual o seu nome?]

Yoshi Matsumoto

[Onde reside?]

Em Marília

[Qual a sua idade?]

102 anos, eu vim de Okinawa e cheguei no Brasil em 1933 no dia 26 de outubro cheguei em Santos, dela fui para Lins, morei lá 2 anos e depois vim pra Marília.

[Veio com seus pais?]

Não, vim só eu porque fiquei noiva e meu noivo estava aqui, naquele tempo era assim, omiai (casamento arranjado). Minha família e a família dele eram do mesmo lugar, mas eu nunca tinha visto ele, nem foto, meus tios que fizeram questão do omiai, eu não quis casar, mas como não podia ficar sem casar, precisei casar. Minha mãe também não queria que eu viesse para o Brasil, já tinha dois filhos aqui, não queria que eu viesse também, mas... tive que vim mesmo assim. Nunca trabalhei na roça, meu marido tinha uma tinturaria, depois viemos para Marília e abrimos um bar, em 1955 meu esposo faleceu

[Qual a sua relação com a associação Okinawa?]

Meus filhos todos freqüentam lá, estão todos lá... Antes da guerra começou a AECOM, quando eu cheguei aqui falava Kyoei, depois na época da Guerra parou, não podia ter nada de japonês, 3 pessoas não podiam serem vistas juntas, acabou...

[Quando a senhora começou a ter contato com a associação?]

Depois da Guerra que começou a AECOM, aí eu ia lá porque meu marido sempre ia, sempre tava lá, meu marido naquele tempo era secretário da AECOM.

[Quando teve início a vinda de okinawanos para Marília?]

Ah, eu não sei, mais eu não fui uma das primeiras

[Quem são os okinawanos?]

Nós temos a língua um pouquinho diferente do resto do Japão

[Você se lembra como começou a associação Okinawa em Marília?]

Começou com os homens, as mulheres não iam, meu marido ia, mais as mulheres iam só quando tinha undokai ou alguma festa que precisava cozinhar, não

podia ficar no meio dos homens como hoje. Hoje as mulheres já freqüentam até as reuniões...

[Por que foi criada a associação?]

A matriz era em São Paulo e foram trazendo para o interior, mas como nesta época só os homens se reuniam, eu não sei dizer, mas como já tinha o Nikkey acho que eles resolveram fazer uma associação só para os okinawanos

[Como os japoneses se comunicavam com os brasileiros?]

Uai, vai passando o tempo a gente vai vendo as pessoas conversarem e ficamos pensando, acho que esta falando isso, ah, isso deve ser isso, e assim fomos aprendendo, foi assim.

[Você acha que as associações japonesas contribuíram para a construção da memória e para a difusão da cultura japonesa aqui em Marília?]

Claro! Importante é, ficamos todos os okinawanos unidos, nós preservamos muito a união, e com essa associação é maravilhoso ficarmos juntos, como Okinawa é pequeno consideramos todos irmãos, então gostamos de nos unir. No início, quando ficávamos todos unidos era muito divertido, muito bom, tinha menos saudades. Eu sou a okinawana mais velha que mora em Marília. Foi muito importante, elas trouxeram um pouco da nossa cultura para o Brasil, nas festas sempre tem exibições de kinomo, comidas, danças, músicas, assim o pessoal fica sabendo como é lá.

[Alguém procura a senhora para saber das histórias antigas? Tem interesse nas suas histórias?]

Sim! Procuram, as vezes as pessoas vem para saber de pessoas antigas que eu conheci, geralmente parentes, já meus netos não procuram saber... Agora que estão querendo saber algumas coisas, porque como eu sou a mais velha da família eles estão querendo fazer uma árvore geneológica da família.

Entrevistado 09 – Carlos Mitio Nakamura

[Qual o seu nome?]

Carlos Mitio Nakamura

[Onde reside?]

Moro em Marília, mas nasci na cidade de Pacaembú

[Qual a sua idade?]

52 anos

[Qual a sua relação com o Nikkey Clube?]

Atualmente sou vice presidente administrativo, iniciei muito la atrás como jogador de basebol, depois fui treinador de basebol, fui diretor de esportes e agora fazem 8 anos que sou vice presidente administrativo

[Quando o senhor começou a ter contato com a Associação?]

Comecei aqui com 16 anos, e nesta época não era Nikkey, o Nikkey começou em 1991 quando houve a fusão de outras entidades e passou a ser Associação Cultural e Esportiva Nikkey Clube de Marília, antes era Esporte Clube Mariliense e tinha várias divisões dentro da colônia japonesa aqui em Marília, eu jogava basebol na minha cidade e já conhecia a associação por causa de jogos, aí depois mudei pra Marília e fui convidado a fazer parte da equipe de Marília

[Quando teve início a vinda dos japoneses para Marília?]

Não sei

[Você se lembra como começou a Associação?]

Na realidade isso é natural, pensando que vieram vários japoneses para cá e resolveram montar um clube, e como gostavam muito de baseball, montaram um time e assim esse esporte que não é japonês foi difundido por eles, montaram a entidade e foram se organizando, mas como não sou desta época eu não sei exatamente como foi. Mas creio que como tinham acabado de chegar e por serem um povo diferente em tudo e principalmente pela língua, eles resolveram montar a comunidade, mas eu penso que o principal motivo era não perder a tradição do país de origem, para dar continuidade para a escola japonesa, o Nikkey tem uma escola que vem desde o início, tem os esportes também e a dança, e nós tentamos manter até hoje

[Quem foram os fundadores?]

Não sei

[Onde foi a primeira sede da associação?]

Não sei

[No começo só participava os japoneses?]

Sim, só japoneses e só falavam em japonês

[Hoje, há quantos associados?]

O Nikkey não tem associados, não tem mensalidade, é assim, nós temos um grupo que faz uma contribuição espontânea, são contribuições que qualquer pessoa descendentes ou não fazem, são pessoas que participam de algum esporte ou o pessoal mais antigo que se acham no dever de colaborar, nós não temos mensalidade pelo fato de que não temos muito a oferecer para os associados, então por esse motivo não cobramos mensalidade, mas existe cerca de 200 pessoas que fazem essa contribuição espontânea

[E o Nikkey sobrevive só com essas contribuições?]

Sim, com essas contribuições, de alguns tipos de propaganda que tem em mural, e de eventos que realizamos. O Nikkey faz três eventos oficiais que seria o Japan Fest, a festa Julhina e o Bom Odori, com esses três eventos e as contribuições nós tentamos manter o clube

[Quais as principais atividades desenvolvidas?]

As atividades culturais são o Japan Fest, festa Julhina e o Bom Odori que são onde geramos alguma renda são com esses eventos sociais, depois tem na sede campestre tem o baseball, softbol, tênis de campo, futebol socyete, e maleti golf e a partir deste ano 2016 estamos incluindo ciclismo, no Kai kan temos a Escola Modelo de Língua Japonesa que é muito importante e tradicional do Nikkey, judô, karaokê, taiko e tem o grupo dos mais idosos que se reúnem lá uma vez por semana

[E para todas essas modalidades são cobradas mensalidades?]

Não! Só na escola, mas a quantia fica basicamente para os custos dos professores, o judô é terceirizado, o instrutor aluga o espaço nosso e o que cobra é dele

[Qual a importância das associações japonesas hoje em Marília?]

Primeiro, toda associação é importante, aqui em Marília hoje a que se destaca mais é o Nikkey, assim, ele seria uma entidade mãe e existe outras entidades que são parceiras do Nikkey, desde a Associação Okinawa que é muito unida com a gente e que também tem suas atividades tanto esportivas como culturais e é muito importante a existência delas e todas trabalham juntas para que a cultura seja divulgada e hoje existem muitos brasileiros que congregam nessas

associações, e todos juntos vamos por um mesmo objetivo, divulgar a cultura, e só conseguimos realizar o maior evento do interior paulista por causa dessa união.

[Como é repassado o conhecimento dos mais velhos para os mais jovens?]

[Esse conhecimento é registrado?]

Por exemplo, eu como sou vice presidente administrativo eu tento em cada mudança de gestão vou passando a história do nosso clube, mas a história do nosso clube é o Nikkey Clube é mais recente do que a colônia, essa história que fica antes dele a gente não sabe realmente, tento repassar o que sei, quando você me pergunta do pós eu sei quase tudo, mas não é só eu que sei, o anterior foi feito o memorial para que possamos ter, lá tem o antigo, o recente tentamos passar contanto mesmo o que foi que aconteceu e como foi, por exemplo a sede campestre, como que começou? Todos da diretoria sabe, que foi através de colaboradores, e essa parte temos documentado

[A associação tem documentos, como atas, registros, fotos, entrevistas etc guardados? Alguém busca informações sobre essa história?]

Nós preservamos os documentos que temos, fica tudo aqui no Nikkey, a procura é muito pouca, às vezes tem pessoas que tem uma curiosidade e vão lá para procurar, uma dificuldade que temos na colônia é que ninguém quer falar o que sabe, não gosta, mais é história, precisamos falar.

[Quais são as informações mais procuradas?]

Eu não sei te dizer, a Cássia e a Eliana quem são as responsáveis pelo acesso saberão te falar melhor

[Você acha que as associações japonesas contribuíram para a construção da memória e para a difusão da cultura japonesa aqui em Marília?]

Primeiro o que a colônia japonesa pensa que ajudou na nossa cidade desde a parte da agricultura exemplo Sr. Shintaku, na parte da indústria exemplo a Sasazaki, na medicina o Dr. Keniti, na política, a colônia japonesa foi importante para a evolução da cidade, da cultura é diferente, nós estamos tentando dar continuidade na cultura japonesa, preservando ela e disseminando, isso é um trabalho que nós da diretoria temos que fazer para a população, sendo que o que nós aqui fazemos, nem tudo existe no Japão ainda, algumas coisas que fazemos aqui lá já não existe e aí com o tempo vamos tirando aqui também, porque se observar em conversar com alguém que esta no Japão até alguns termos que utilizamos são ultrapassados, isso pelo fato de estarmos em um Japão de 1940 e os velhos aqui ainda serem dessa época. Um exemplo disso são as festas que existiam todo dia 1ª de janeiro que era no kai kan e o pessoal iam e confraternizavam lá, no Japão hoje já não existe mais, nós também tiramos essa festa. Aqui em Marília a cultura japonesa é bem difundida, a culinária também, o pessoal gosta bastante e como a cultura japonesa esta evoluindo, nós aqui também tentamos continuar essa evolução, hoje aqui em Marília de todas as colônias de imigrantes a mais forte é a colônia japonesa, com a força da diretoria e dos voluntários conseguimos fazer o que propomos, divulgar e preservar a cultura japonesa, o Japan Fest hoje, faz parte do calendário turístico do estado de São Paulo que é uma coisa muito difícil, é a maior manifestação da cultura japonesa no interior do país, também faz parte do calendário do aniversário da cidade, também já foi indicado para que seja um evento do ministério do turismo do Brasil, já fizemos parte do calendário do ministério do turismo brasileiro também. Temos que evoluir, para atingir o público mais novo, vamos ter que trazer coisas que os jovens gostam para atrair os jovens, precisamos muito dos jovens para que dê continuidade ao Nikkey Clube, porque somos todos passageiros e se não começarmos a tentar trazer os jovens uma hora vai acabar,

hoje com o intuito de dar continuidade e trazer os jovens renovamos a diretoria colocando presidentes mais jovens.

Entrevistado 10 – Flávia Helena Rodrigues Vieira

[Qual o seu nome?]

Flávia Helena Rodrigues Vieira

[Onde Reside?]

Em Marília há 19 anos, mas sou de Ribeirão Preto

[Qual a sua idade?]

49 anos

[Qual a sua relação com o Nikkey?]

É bastante forte, essa aproximação com a cultura e com a colônia iniciou-se no ano de 2006, com a entrada da minha filha para o departamento de taiko que era uma arte que ela apreciava muito e assim eu comecei a colaborar com o departamento e passei a desempenhar papéis dentro do Nikkey de diretoria.

[Vocês também tem um departamento de taiko? Pode falar sobre ele?]

Esse grupo começou em 2003 e foi uma iniciativa de um sensei com parceria de um morador nikei aqui da nossa cidade que achava que precisava desse desenvolvimento cultural, da prática dessa arte e ele tinha contato com o sensei Oda e assim consegui trazê-lo para cá para iniciar um grupo. Esse grupo tem algumas conquistas no campeonato brasileiro de taiko, e acho que é o grupo que mais tem gaijin (estrangeiros), os descendentes são bem limitados no nosso grupo, somos muito questionados sobre isso, mas não temos explicação, pensamos que as pessoas não descendentes apreciam tem o desejo de praticar e vem nos procurar para aprender. É difícil a participação de crianças e adultos no nosso taiko, embora ele seja artisticamente e parecer fácil, não é, tem toda uma preparação física bastante forte, e quando vem para aprender se assustam um pouco com os exercícios físicos e os treinos puxados várias vezes durante a semana. Tivemos 45 integrantes e hoje temos 17 integrantes, mas o grupo é perseverante e querem dar continuidade.

[Quando começou a ter contato com o Nikkey?]

Foi com a vinda da minha filha para o taiko, porque até então, embora eu ser descendente não fui criada no meio de japoneses, na cidade que eu morava antes eu não tinha o convívio mesmo porque eu sou mestiça e minha mãe que é a descendente direta perdeu os pais muito cedo e como ela a filha mais nova também não foi passado a ela todo os costumes e tradição japonesa, então ficou bem afastado e conseqüentemente ela casando com brasileiro o afastamento foi maior. Com minha filha entrando para esse grupo e a minha aproximação com a cultura realmente se deu aí, e uma identificação que até então não existia, eu comecei a me reconhecer nikei, porque até então eu não me identificava com nada, foi interessante porque, quando você conhece, você compreende então muitas coisas que eu não aceitava, discordava era por falta de compreensão, e isso me fez abrir os olhos e me reconhecer muito dentro do perfil nikei.

[Você sabe como começou a associação?]

Antes existia três associações diferentes que em um determinado período resolveram se juntar e o Nikkey se tornou uma espécie de entidade mãe, várias entidades continuam como o Okinawa, Seicho-no-ie, Messiânica, mas a referência é

o Nikkey Clube, cada uma tem sua atividade mas em determinados eventos, todas se unem em colaboração da entidade maior.

[Por que foi criada a associação?]

Toda entidade precisa de uma administração mais coesa, quando você tem vários grupos, nem sempre tem pessoas com disponibilidade, o fato de pensar em uma entidade maior e poder agregar nessa entidade maior departamentos que antes estavam separados todas em um mesmo lugar para poder tornar um único local de procura facilitaria.

[Você já ouviu falar de um senhor chamado Zenkiti Shiroma?]

Sim, já ouvi sim, mais não sei te dizer ao certo sobre ele.

[Onde foi a primeira sede do Nikkey?]

Antes da junção cada uma das três entidades tinha uma sede, mais o kai kan sempre existiu aqui neste local.

[No começo, só participavam japoneses e descendentes?]

A colônia japonesa, sempre foi reconhecida por ser uma colônia muito fechada, sempre muito restritiva, pelo que os mais velhos contam, ela tinham muito medo de perder os laços, os vínculos com a cultura e hábitos, e não queriam que seus filhos e seus netos ficassem distantes disso e abandonassem as suas raízes, por esse motivo, no começo só freqüentavam os japoneses e seus descendentes, mais depois fica uma coisa inevitável porque vive aqui, trabalha aqui tem relação com outras culturas e a miscigenação também acaba ficando também inevitável e você vai perdendo o controle sobre isso e as coisas vão mudando, vamos evoluindo e todos querem ter acesso a tudo, querem ter o direito de conhecer e optar o que querem para vida. Atualmente é aberto, tem muitos brasileiros que freqüentam até a escola japonesa.

[Hoje, há quantos associados?]

Não temos associados porque não temos uma mensalidade, cada departamento tem freqüentadores assíduos e são conhecidos, antigamente tínhamos um controle maior, mais muitos mudaram outros faleceram e não nos avisaram, começamos a descobrir quando as correspondências que enviávamos voltavam. O sistema de arrecadação do Nikkey sempre foi voluntariado, os que podem colaborar mais colaboram mais e o que podem menos colaboram menos e muitos não colaboram, isso não mantém uma associação, como uma entidade que tem os gastos fixos, o que temos feito já algum tempo para a manutenção mensal é arrecadando nos eventos que realizamos, na área cultural são três por ano, a Japan Fest, a Festa Julhina e o Bon Odori, não é o ideal, o certo seria ter um cadastro e que cada associado contribuísse com a mensalidade. As atividades que oferecemos aqui no kai kan tem uma mensalidade, no caso do judô, por exemplo, tem uma mensalidade, mais é assim nós locamos o espaço para o sensei, então ele paga o aluguel e a mensalidade que ele recebe é voltada para ele, a escola tem uma mensalidade, matrícula, o taiko também tem, mais na verdade é muito barato, não podemos cobrar muito porque se não ninguém mais vem, já estamos com esse problema, nós até comentamos que quando acabar as pessoas que freqüentam hoje vai acabar, as pessoas estão envelhecendo e os jovens não tem muito interesse, na verdade tem muita coisa que concorre com a gente, a modernidade é muito atrativa para eles e acabam não querendo saber das coisas de seus antepassados. Sabemos que a melhor forma de encaminhar um jovem para esse tipo de atividade vem da família, quando os pais participam, em qualquer área que for, tem um envolvimento maior, isso traz confiança e ensina que temos que preservar a nossa cultura.

[Quais as principais atividades desenvolvidas pelo Nikkey?]

Japan Fest, Festa Julhina e Bon Odori, na área cultural, na área esportiva tem o baseball e o soft são onde mais tem eventos o ano todo, tem muitos jogos que são realizados aqui e eles também saem muito para jogar fora, o baseball não temos anuidade, é um projeto social e trabalhamos muito para que isso continue, por isso fazemos muitos eventos em prol de que essa anuidade seja sempre gratuita. Precisamos muito da colaboração dos pais dos alunos para que tudo funcione, hoje temos em média 180 alunos e neste ano nossa meta são 200.

[Qual a importância das associações japonesas hoje em Marília?]

É uma maneira e um local para você está mais próximo a cultura, conhecendo e praticando aquilo que você gosta. O convívio também é maior com o pessoal da colônia embora tenha bastante gaijin nessas associações se concentram mais descendentes, acho isso muito importante para a perpetuação da cultura e da identidade japonesa na cidade e somos reconhecidos por todos

[Como é repassado o conhecimento dos mais velhos da associação para os mais novos?][Esse conhecimento é registrado?]

Na verdade, dentro das entidades é passado mais assim, respeitar o mais velho, sempre escutar o que ele tem a dizer, mais nada é melhor do que efetivamente para conhecer do que o convívio familiar, muitos ainda moram com os pais e avós, nada melhor do que escutar o que eles tem para contar. Porém, os mais jovens não procuram saber eles querem saber do futuro, o passado não interessa muito, não tem paciência para escutar o que os mais velhos têm a dizer, mais a compreensão vem com a idade, cada idade tem um jeito de olhar, de pensar que é da própria cultura, e a idade é quem traz essa vontade de saber sobre o que aconteceu antes deles. Nós como entidade trazemos muito esse resgate na dança, na música, conversas, nossas festas trazem muito esse resgate nos hábitos, no comportamento. São as práticas dentro das ações, tem o envolvimento entre todos e uma memorização também, tem algumas atividades que costumamos desenvolver como o bon odori que tem lugares no Japão que não tem mais e nosso bon odori vai para a 20ª edição esse ano, e todos gostam, e outras entidades também fazem o seu bon odori, não é uma coisa única do Nikkey Clube.

[A associação tem documentos, como atas, registros, fotos, entrevistas etc guardados? Alguém busca informações sobre essa história?]

Atas temos, fotos algumas, documentos é muito pouca coisa, a maioria fica no escritório, documentos sigilosos ficam com cada departamento responsável e o que se refere a associação em si ficam arquivados aqui, só são consultados em caso de pesquisa igual a sua, fora isso ninguém tem interesse e nós também não temos uma organização correta e nem espaço físico, mas precisamos muito de alguém que possa organizar os nossos documentos.

[Quais são as informações mais procuradas?]

Informações sobre a cultura. E quando tem alguma comemoração à alguma época da imigração.

[Quem é o responsável pelo acesso aos documentos e como é acessado?]

A secretaria do Nikkey mesmo, ou com a Cássia ou com o senhor Rubens Okoti.

[Você acha que as associações japonesas contribuíram para a construção da memória e para a difusão da cultura japonesa aqui em Marília?]

Sim! Eu vejo isso pela integração das comunidades, pela participação das pessoas locais e da região que não são niquei como eles gostam e admiram, gostam

de participar, gostam de colaborar quando tem oportunidade. O entrosamento do pessoal local com o pessoal da colônia desde o começo foi muito bom.

Entrevistado 11 – Keniti Mizuno

[Qual o seu nome?]

Keniti Mizuno.

[Onde reside?]

Marília.

[Qual sua idade?]

55 anos.

[Qual e a sua relação com a associação?]

Atual presidente do Nikkey Clube de Marília (2016 a 2017).

[Quando o senhor começou a ter contato com a associação?]

Na verdade e sou do interior de Marília, uma cidade chamada Dirceu e lá já tínhamos o costume de uma vez por mês fazer reuniões nas casas cujo o nome não sei te dizer, e no início do ano era costume todos irem ao kai kan para cantar o hino nacional do Japão, e ainda ganhava umas balas e fazíamos o shinenkai (festa de início de ano) e visitávamos casa por casa, eram sete famílias, começávamos pela manhã e só terminava a tarde, isso foi minha infância lá no interior, depois vim para a cidade fazer faculdade aqui em Marília, eu nunca havia freqüentado o kai kan daqui, o japonês é muito fechado e minha família por ser do interior tinha medo porque na cidade muitas coisas acontecem a noite e não tínhamos o costume de dormir tarde, até porque acordávamos muito cedo para trabalhar, e eles estavam precisando de um diretor me chamaram para ocupar um cargo no Nikkey, isso em 1996, já faz 20 anos que eu ocupo cargos dentro do Nikkey, e hoje sou presidente. Nós temos duas sedes, a sede social que denominamos de kai kan e a sede campestre onde executamos as atividades esportivas denominado Nikkey Clube sede campestre.

[Quando os imigrantes japoneses chegaram em Marília, eles se dividiram em okinawanos e os da ilha principal do Japão, no Nikkey, entre os freqüentadores tinham okinawanos?]

Olha, quando eu entrei no Nikkey para fazer parte da diretoria um dos problemas que havia era que todos os departamentos não eram muito unidos, eram muito individuais, e também as outras entidades e não só o Okinawa mas também outras províncias que tinha aqui mas na verdade elas são independentes não tinham muita afinidade pelo Nikkey, aí quando construíram o Nikkey Clube todas essas outras entidades se juntaram, elas tem sua representatividade, mas o Nikkey é uma espécie de sede mãe e nós apoiamos essas entidades, até respeitamos a diretoria do Okinawa, respeitamos a hierarquia e motivamos eles para que cresçam e quando nos juntamos ficamos maior. Antigamente essa união não existia. Hoje freqüentam o Nikkey japoneses da ilha maior, okinawanos e brasileiros. Nós não cobramos mensalidade, sobrevivemos de colaboração, promoções de eventos para arrecadar fundo para a manutenção do clube. Os associados são voluntários nos eventos do clube.

[Quais os departamentos que existem no Nikkey?]

Hoje temos mais de 10 departamentos dentro do Nikkey. No esporte temos baseball, gatebol que tem as bolinhas, um taco e um arco e você precisa passar a bolinha dentro do arco, maleti golf que é semelhante ao golfe, mas o taco é igual ao do gatebol e as bolinhas são maiores e você precisa colocar a bola no buraco, golf, tênis de campo e o judô e o ciclismo que vamos começar agora, departamento de karaokê, departamento de dança, departamento de gako (escola), departamento de minyo (karaokê com outro estilo de música).

[Quem foi as primeiras famílias a virem para Marília e porque?]

Não sei mais antes da fundação de Marília já haviam japoneses.

[Você lembra como começou a associação Nikey aqui em Marília?]

Toshimiti Sasazaki falecido o ano passado e foi uma grande perda para Marília porque ele tinha um conhecimento da coisa como ela funcionava, e o Nikkey quando era no Fragata já estava muito pequeno e juntaram 30 amigos e compraram onde é o Nikkey sede campestre hoje e foram doados para o Nikkey, isso em 1989. Assim que nasceu o Nikkey, juntaram três associações que existia a Associação Nipo-Brasileira de Marília que a mantenedora era o kai kan e o gako, o Esporte Clube Mariliense mantenedora do Estádio Fragata e a Sociedade Esportiva e Cultural de Marília mantenedora judô essas passam a se chamar Associação Cultural e Esportiva Nikkey de Marília, o Nikkey Clube. O kai kan onde é hoje, nesta época também já era lá.

[Porque foi criada a associação?]

Os fundadores queriam construir essa associação para integrar a colônia Nikkei dentro da sociedade, porque a gente estava aqui no Brasil, mas não estávamos integrados a sociedade brasileira.

[Como foi no começo?]

Teve uma boa aceitação porque não teve custo para os associados para os descendentes, quem vestiu a camisa foi o Sr.Shintako foi um dos grandes heróis pois ele tirava dinheiro do próprio bolso para a construção e manutenção da sede campestre

[Quem foram os fundadores?]

Sr.Shintaku e Toshimiti Sasazaki.

[Onde foi a primeira sede do Nikkey?]

Sempre foi onde é o kai kan e a sede campestre era no bairro Fragata

[Como os japoneses se comunicavam com os brasileiros?]

Eles se comunicavam sim, mas o problema era sobre o racismo entre o japonês e brasileiro, pelo fato de não entender a língua eles passavam a gente pra trás.Os brasileiros usavam de má fé com os japoneses.

[No começo só participavam dessas associações japoneses e descendentes?]

Não, e ainda hoje tem discriminação, mas na nossa gestão vou começar a quebrar isso, até porque o Nikkey vive de doações e as empresas aqui ajudam bastante e mais de 70% delas os donos são brasileiros, na diretoria mesmo já tem diretores brasileiros, o nosso baseball 70% dos jogadores são brasileiros

[Hoje a quantos associados?]

Nós não temos associados, não cobramos uma mensalidade, temos uma média de 700 voluntários só para fazer o Japan Fest, e só de descendentes e japoneses temos 3.000 famílias cadastradas, cerca de 5% da população de Marília que é descendente dos japoneses.

[Quais as principais atividades desenvolvidas por essas associações hoje?]

Esporte, cultura temos o karaokê, a escola de língua japonesa, a dança, karaokê dança, dantai odori uma dança típica japonesa com leque, o bon odori e eventos temos o Japan Fest que este ano de 2016 estamos realizando a 14ª edição, bon odori e a festa julhina.

[Qual a importância da associação para Marília?]

Hoje o Nikkey é muito grande e funciona desde a parte cultural com preservação da cultura oriental, mais também integra a colônia nikey dentro da sociedade, fazemos clube de serviço, por exemplo quando alguma entidade faz um evento filantrópico sempre ajudamos, fazemos doações de agasalho e mantimentos. Também trazemos competições de basebol para a cidade o que faz com que muita gente de fora venha também para assistir os jogos.

[Como é repassado o conhecimento dos fundadores/membros da associação para os mais jovens? Esse conhecimento é registrado?]

Na verdade não é repassado, nós temos essa dificuldade, o jovem hoje só freqüenta o kai kan se tiver um bom evento por que se não eles não vão mesmo. O jovem hoje não tem muito interesse na cultura japonesa, não vai nem atrás do conhecimento oriental. Tudo o que acontece no Nikkey a gente contrata pessoas para registrar, temos as atas, porém não esta organizado, sabemos onde está, mas quando precisa de alguma coisa ou alguém procura dá trabalho para achar.

[Quais as informações mais procuradas?]

Na verdade não procuram saber, a não ser se tem alguma coisa da família, alguns documentários, o que mais nos procuram querendo acessar esses documentos são pessoas que estão fazendo pesquisa em busca dos fatos acontecidos.

[Quem é o responsável pelo acesso aos documentos e como é acessado?]

Não tem

[Você acha que as associações japonesas contribuíram para a construção da memória e para a difusão da cultura japonesa aqui no Brasil?]

Nós temos um memorial la na entrada Nikkey, onde temos justo para preservar a cultura aqui no Brasil. A nossa tradição e costume realmente está vivo até hoje por causa do Nikkey.

Entrevistado 12 – Yoshimi Shintaku

[Qual o seu nome?]

Yoshimi Shintaku

[Onde reside?]

Em Marília.

[Qual sua idade?]

77 anos.

[Qual a sua relação com a associação?]

Hoje sou Presidente de honra do Nikkey clube, já estou com idade afastei da diretoria, mas fui presidente seis vezes, durante 12 anos.

[Quando o senhor começou a ter contato com a associação?]

Primeiro era Associação Nipo-Brasileira de Marília, no ano de 1990 nós adquirimos aquela área onde é a sede campestre e eles me elegeram presidente interino até montar os campos e com isso eu fiquei um ano, depois teve eleição e me

elegeram como presidente e acabamos de construir tudo e como minha idade já esta avançada passei para os mais jovens porque um dia eles terão que assumir de qualquer jeito. No começo eu ia lá sem interesse nenhum só pra ficar junto com o pessoal.

[Quem foi as primeiras famílias a virem para Marília e porque?]

Os japoneses chegaram em Marília em 1926.

[Você lembra como começou a associação Nikkey aqui em Marília?]

Bem naquele momento começou com um terreno ali no fragata, mas depois nós loteamos tudo para vender juntamos esse dinheiro para arrumar onde é o Nikkey hoje. Antes era Associação Nipo-Brasileira de Marília, Associação Esporte Clube Mariliense e Associação Esportiva e Cultural de Marília, essas três se uniram e passaram a denominar-se Associação Cultural e Esportiva Nikkey de Marília. Nós compramos o terreno da sede campestre e aí para construir alguma benfeitoria, uma vez que não tínhamos dinheiro, deu certo de vender o Fragata e com esse dinheiro construímos lá.

[Como foi no começo?]

Não foi tão difícil, como os velhos deixaram a área do Fragata, vendemos lá e construímos a sede campestre, eu mesmo não cheguei a sofrer muito. O Toshimi como tinha uma empresa grande consegui algumas ajudas de outros diretores da indústria e me ligou dizendo que já tinha metade do dinheiro para comprar o terreno la da sede campestre, o resto temos que andar nas empresas pedindo contribuição para ajudar, aí eu Toshimiti e Shigero saímos andando pedindo, o dono do terreno nos deu prazo de 24 horas só para arrumarmos o dinheiro, se não iria lotear la, sentamos no bar em dez pessoas e ficamos discutindo como iríamos fazer porque não conseguimos o dinheiro, quando foi umas 22:00 horas, o Hachiro Sasasaki que era presidente da empresa Sasasaki chegou la no bar e colocou a mão no bloso, tirou o talão de cheque e preencheu no valor que faltava e falou para nós, vão lá e comprem, depois vocês me pagam e assim conseguimos fechar a compra, se não fosse o Hachiro acho que não teríamos aquela área la.

[Qual foi o motivo de criar a associação?]

O motivo de criar, foi pensando nos menores, porque crianças não consegue fazer nada sozinho, tem que ter algum caminho, seja uma associação ou organização para oferecer um esporte para essas crianças, e como adquirimos essa área começamos a construir campos, hoje são sete campos, fizemos pensando em fazer com que os menores avancem nos esportes, e com o baseball mandamos muitos jogadores para fora do país.

[Quem firam os fundadores?]

Sr. Yoshimi Shintaku (eu), Sr. Toshimiti Sazasaki, e Sr. Shigero Ishibashi

[No começo só freqüentava japoneses?]

Não, brasileiros também eram sócios. Hoje não temos associados, não temos nem registro de associados, não cobramos uma mensalidade, quem vai lá é sócio.

[Quais as principais atividades desenvolvidas por essas associações hoje?]

Esportes baseball e judô, cultura karaokê, japan fest, bon odori, escola de língua japonesa, essa escola eu consegui cadastrar como escola modelo da Alta Paulista, e aí temos vantagem, o governo japonês ele envia professora com custo zero para nós, eles vem para orientar e ensinar as professoras daqui, já vieram seis professore e ficam aqui dois anos.

[Qual a importância da associação para Marília?]

Mais porque as crianças que estão frequentando, se não tivermos uma associação as crianças terão rosto de japonês mais praticamente não sabe sua origem, e com a associação e os pais frequentando e sempre conversando sobre a cultura japonesa alguma coisa essa criança vai assimilando e assim vamos manter a cultura japonesa.

[Como é repassado o conhecimento dos fundadores/membros da associação para os mais jovens? Esse conhecimento é registrado?]

Não, ninguém pergunta, mas sempre falamos para as crianças para elas aos poucos ficarem sabendo como foi. Esse conhecimento é registrado em atas e elas ficam lá no kai kan, mas tivemos um secretário de idade que saiu e com ele muitos anos de ata foram perdidos, ninguém sabe o que aconteceu e ele faleceu também.

[Como a memória dos mais velhos é preservada?]

Tem um túmulo lá no cemitério uma quadra grande, e todo ano no dia da imigração tem uma missa e a noite tem outra lá no kai kan e os presidentes e os mais velhos fazem um discurso explicando para os mais novos.

[Quais as informações mais procuradas?]

Olha, não procuram para nada!

[Você acha que as associações japonesas contribuíram para a construção da memória e para a difusão da cultura japonesa aqui em Marília?]

Sim, contribuíram o pessoal da minha idade e mais velhos sempre visaram isso, preservar a cultura e acho que para isso as associações cumpriram o seu papel até agora. Mais os jovens agora os jovens tem uma cabeça diferente, não pensam mais nisso, é difícil plantar essa ideia neles, mas um pouco eles levam com eles por conta da vivência das associações.

[E quanto a briga entre os naichi-jin e os okinawanos?]

Olha, aqui em Marília não teve muito, mas desde do Japão que eles tem essa ideia de que eles eram diferentes, mas aqui não tinha muita discriminação não, mas tem lugares que existiu isso sim.

Entrevistado 13 – Rubens Okoti

[Qual o seu nome?]

Rubens Okoti

[Onde reside?]

Em Marília

[Qual a sua idade?]

73 anos

[Qual a sua relação com a associação?]

O Nikkey Clube de Marília? Eu juntamente com o senhor Yoshimi Shintaku e o senhor Toshimiti Sasazaki fomos os fundadores do Nikkey Clube.

[Quando o senhor começou a ter contato com a associação?]

Nós tivemos três entidades distintas aqui em Marília, Esporte Clube Mariliense, Sociedade Cultural e Esportiva de Marília e Associação Nipo-Brasileira de Marília, eu ingressei na Nipo em 1970, já são quase 50 anos que me dedico as associações da colônia japonesa, através da unificação dessas três entidades há 22 anos atrás originou-se o Nikkey Clube.

[Quando teve início a vinda de japoneses para Marília?]

Os primeiros imigrantes em Marília chegaram em 1926, a cidade emancipou em 1929, então os pioneiros da imigração japonesa já estavam instalados aqui

[Quem foram as primeiras famílias a virem para Marília e por quê?]

Aqui em Marília teve um ciclo que chamavam de ouro verde, o ouro verde nada mais era do que o café, então aqui expandiu o plantio do café e vieram japoneses que já estavam em outras regiões aqui do Brasil, famílias nikkei que instalaram aqui e começaram com o plantio do café. Os primeiros imigrantes a chegar aqui foi uma família okinawana, a família Shimabukuro e a outra família é do Takehiro Yada esse avô da minha esposa.

[Você se lembra como começou o Nikkey Clube em Marília?]

Como precisávamos expandir para deixar algo de útil e bom para a posteridade reunimos em mais ou menos umas 20 pessoas e resolvemos adquirir um terreno de 12 alqueires e fizemos a doação para o clube poder expandir, antes desse terreno, nós tínhamos uma propriedade de 1 alqueire e meio no ponto central da cidade que fizemos loteamento, vendemos e investimos onde é hoje o Nikkey Clube sede campestre e temos a sede social aqui no centro da cidade na rua Lima e Costa. Onde é o kai kan atual, na Lima e Costa, a propriedade foi adquirida há mais de 80 anos atrás, então ali sempre foi a sede social desde os pioneiros.

[Por que foi criada a associação?]

Para abrigar os anseios e os ideais da colônia e ao mesmo tempo pensávamos que se deixássemos a esmo, a nossa história e a nossa participação o tempo apagaria totalmente, pensamos em deixar algo de útil, bom e perceptível para a posteridade.

[Como foi no começo?]

No começo foi muito difícil porque quando nós assumimos a associação, recebemos de nossos antecessores com 80 anos de idade ou mais e os ideais não combinavam, aquele problema de diferença de idade, mas, pouco a pouco fomos acertando tudo isso e chegamos aos dias de hoje onde a outra geração mais nova está dirigindo a associação e estão dirigindo muito bem, já estamos deixando o legado para os mais novos para que eles já aprendam, a missão de nós mais velhos já está praticamente cumprida. Ficamos na reta guarda somente para dar auxílio a diretoria atual para que o Nikkey Clube possa continuar crescendo e desempenhando seu papel, o bem-estar de todos os que nele congregam.

[Quem foram os fundadores?]

Rubens Okoti (eu), Yoshimi Shintaku e Toshimiti Sasazaki e outros companheiros nossos, 30 pessoas que fizeram uma colaboração espontânea compramos o terreno na rua Benedito Alves Delfino para podermos ampliar o clube

[Onde foi a primeira sede?]

A primeira sede campestre era no bairro Fragata e a sede social onde é hoje

[Nas minhas pesquisas, eu vi que o Nikkey no começo chamava-se Associação Japonesa de Instrução de Marília, isso é verdade?]

Sim, é verdade! Em 1926 adquiriam essa propriedade onde é o kai kan e a entidade que funcionava lá chamava Associação Japonesa de Instrução, essa foi a primeira denominação do Nikkey Clube e depois houve várias mudanças até chegar hoje.

[Zenkiti Shiroma, quem foi?]

Foi um dos pioneiros que chegaram em Marília e ele foi quem idealizou a primeira associação japonesa aqui, hoje ele já não tem mais parentes aqui na cidade. Ele realmente foi quem fez este grande ato pela colônia japonesa aqui. Por isso que até hoje mantemos o ideal dele, juntamente com a JICA, há uma

cooperação internacional entre o governo japonês e o Nikkey Clube de Marília e as associações em geral da alta paulista para a escola de idioma japonês.

[Como os japoneses se comunicavam com os brasileiros?]

Sempre tinha uma pessoa que falava melhor que as outras, aí ele servia de intérprete, mas consta que usavam muito a gesticulação, mímica.

[No começo só participavam dessas associações japoneses e descendentes?]

Não! Nós fizemos um estatuto bem moderno onde todos poderiam participar descendentes e não descendentes, porque hoje é o seguinte em toda família existe a miscigenação da raça, não são nipônicos puros, toda família tem o casamento internacional e a mestiçagem é muito grande, então, se nós não sofremos o preconceito racial aqui no Brasil, também não devemos aplicar o preconceito contra eles, nunca tivemos isso em nosso estatuto de que só poderiam participar descendentes.

[Hoje, há quantos associados?]

Não temos números exatos, mas cada departamento tem sua listagem, acho que somos a única entidade do Brasil que não cobra mensalidade de seus associados. Não cobramos mensalidade pelo fato de que o poder aquisitivo da colônia japonesa não é dos melhores, então se impormos uma regra de valor, a associação perde a finalidade de fazer com que todos participem para podermos deixar a cultura para os nossos descendentes. Antigamente tínhamos mensalidade, uns colaboravam com meio salário mínimo, outros com um salário e não deu certo porque muitos deixaram de ir, agora sem mensalidade e com colaboradores temos muita gente. Colaboradores que eu digo é colaboradores nos trabalhos e alguns, os mais antigos com dinheiro. Hoje nossa renda vem de promoções e festas.

[Quais são as principais atividades desenvolvida pela associação?]

Primeiro lugar é a escola de idioma, ela é o carro chefe! Depois temos os esportes basebol, softbol, futebol socyete, maleti golf que é um golf de campo adaptado, e temos atividades social e cultural karaokê, dança de salão e outras atividades.

[Para as atividades que a associação oferece é cobrado uma mensalidade?]

Para a escola é cobrado uma taxa simbólica só para a manutenção da escola, para as outras atividades não cobramos, fazemos eventos para levantar fundos para qe elas possam sobreviver.

[Qual a importância das associações japonesas hoje em Marília?]

É muito grande, nós atuamos na parte de assistência social, o Nikkey Clube é considerado uma entidade de assistência social, tanto é que recebe subvenção do governo municipal, governo estadual e as vezes do governo federal. Isso acontece porque no departamento de basebol nós temos um projeto de tirar os meninos carentes da rua, então nós damos treinamento, uniforme e toda estrutura básica necessária e isso é reconhecido pelo governo, falamos que somos um clube, mas, somos uma entidade, e temos o objetivo também de ajudar a área social da cidade no geral, a comunidade carente, principalmente a comunidade do bairro César Almeida que é onde fica a sede campestre.

[Como é repassado o conhecimento dos mais velhos para os mais jovens? Esse conhecimento é registrado?]

Nossa vida é curta, e não podemos levar conosco o que fizemos, temos que repassar para as futuras gerações tudo o que fizemos de bom, o que estamos fazendo o mesmo que nossos antecessores fizeram, hoje a associação está sendo dirigida por uma faixa etária mais jovem do que nós quando assumimos e isso serve

de alento, para repassar para eles as experiências a gente tenta trazer o jovem para a associação e acompanhá-lo, mostrar o que fizemos e como se faz, porque só falar não adianta e eles também não querem ouvir. Através da convivência diária é que conseguimos trazê-los. Os jovens de hoje tem a consciência de que precisa preservar a cultura, mas tem muitas outras coisas que competem e que para os dias de hoje são mais atrativos. Mais estamos inserindo eles nas atividades.

[A associação tem documentos, como atas, fotos, entrevistas, registros etc guardados? Alguém busca informações sobre essa história?]

Estatutos eu tenho todos guardados uma parte esta no Nikkey e outra parte esta comigo, porque tem uma lacuna, o pessoal de uma gestão antes do Nikkey antiga perdeu e eu tenho receio de deixar la e sumir mais. Mas estou pensando em fazer um arquivo lá no Nikkey e arquivar tudo la. Essas informações só são procuradas por pessoas que estão fazendo pesquisa.

[Quais as informações mais procuradas?]

Origem da existência do clube

[Quem é o responsável pelo acesso aos documentos e como é acessado?]

O Nikkey Clube.

[Você acha que as associações japonesas contribuíram para a construção da memória e a difusão da cultura japonesa aqui em Marília?]

Nós temos na câmara municipal, a comissão de registros históricos, ali deve ter em acervo grande sobre a colônia japonesa. E nós quando o Nikkey Clube completou 75 anos de existência, contando desde a época do Zenkiti Shiroma, nós construímos um museu histórico no portal de entrada do Nikkey Clube sede campestre, la temos um acervo que fizemos justamente para que o tempo não leve nossa história. Desde o início os imigrantes tinham o objetivo de fazer associações para se unirem em torno dela, realmente as associações tiveram uma grande importância na preservação da cultura e para também manter sempre viva a memória dos antepassados e até hoje nós estamos lutando para que isso se perpetue.

[O que associação contribuiu com as vida?]

Me sinto como dever cumprido, quando comecei queria difundir a cultura para a posteridade e acho que fiz isso.